

A large, teal-colored outline of a lightbulb is centered on the page. The bulb's glass part is a large circle containing the title text. The base of the bulb is a solid teal shape with a screw-thread pattern. The text 'IDEIAS EMERGENTES EM BIBLIOTECONOMIA' is written in a teal, sans-serif font inside the bulb's glass part.

IDEIAS EMERGENTES EM BIBLIOTECONOMIA

organizador
Jorge do Prado

organizador
JORGE DO PRADO

IDEIAS EMERGENTES EM BIBLIOTECONOMIA

AUTORES DESTE VOLUME

Ana Marysa de Souza Santos
Ariel Morán
Catia Lindemann
Daniela Spudeit
Elisa Cristina Delfini Correa
Fabíola Bezerra
Katia Costa
Liliana Giusti Serra
Marielle Barros de Moraes
Michelângelo Viana
Moisés Lima Dutra

Moreno Barros
Oswaldo F. de Almeida Jr.
Paula Azevedo Macedo
Rosangela Madella
Silvana Toriani
Soraia Magalhães
Tânia Piacentini
Tanira Piacentini
Ronaldo Ferreira de Araújo
Vagner Amaro



2016



Ideias Emergentes em Biblioteconomia está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Copyright© 2016 by Jorge Moisés Kroll do Prado

É permitida, a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio eletrônico, inclusive por processos reprográficos. A citação de trechos não requer autorização, desde que seja dado o devido crédito à fonte.

É vetada a reprodução integral ou parcial dessa obra para fins de distribuição comercial, editorial ou republicação na Internet, sem autorização mesmo que citada a fonte.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES

Rua Avanhandava, 40 – Conj. 108/110

Bela Vista – São Paulo, SP

CEP 01306-000

(11) 3257 9979

febab@febab.org.br



ISBN: 978-85-85024-07-9

I19

Ideias emergentes em Biblioteconomia / Jorge do Prado (Org.). – São Paulo: FEBAB, 2016.

116 p.

Disponível para download em: www.ideiasemergentes.wordpress.com

ISBN: 978-85-85024-07-9

1. Biblioteconomia. 2. Bibliotecários – atuação profissional. I. Prado, Jorge Moisés Kroll do (Org.). II. Título.

CDD 020

SUMÁRIO

Apresentação

Jorge do Prado

Primeira parte: FORMAÇÃO

Formação dos mediadores informativo-culturais.....09
Marielle Barros de Moraes e Ariel Morán

Informação e conhecimento. E os dados?.....15
Oswaldo Francisco de Almeida Jr.

Licenciatura em Biblioteconomia: história, formação, atuação e
desafios para uma nova profissão.....20
Daniela Spudeit

Segunda parte: ATUAÇÃO

A biblioteca pública: entre o ser e o ter.....27
Katia Costa

Biblioteca escolar: modos de usar.....34
Vagner Amaro

Biblioteconomia social: as leis de Ranganathan numa
biblioteca prisional.....41
Catia Lindemann

Barca dos Livros: uma biblioteca com alma.....47
Rosangela Madella, Tânia Piacentini e Tanira Piacentini

Terceira parte: ATITUDES

Bibliotecários: é necessário queimar pontes.....	55
<i>Fabíola Bezerra</i>	
Consumidor de informação 3.0.....	60
<i>Elisa Cristina Delfini Correa</i>	
Design thinking para bibliotecas.....	69
<i>Paula Azevedo Macedo e Ana Marysa de Souza Santos</i>	
Dias de luta: ativismo bibliotecário e o caso Movimento Abre Bibliotecas.....	78
<i>Soraia Magalhães</i>	

Quarta parte: TECNOLOGIAS

A internet das coisas na prática.....	86
<i>Moisés Lima Dutra e Silvana Toriani</i>	
As bibliotecas e os serviços de aluguel de livros digitais.....	93
<i>Liliana Giusti Serra</i>	
Faça a biblioteca acontecer fora da biblioteca.....	99
<i>Michelângelo Viana</i>	
O periódico científico 350 anos depois.....	107
<i>Moreno Barros</i>	
Quem lê, cita? Ensaio comparativo entre dados do Mendeley e do Google Acadêmico.....	111
<i>Ronaldo Ferreira de Araújo</i>	

APRESENTAÇÃO

Jorge do Prado

O *Ideias Emergentes em Biblioteconomia* nasceu de dois aspectos: o primeiro, em uma tarde, ao ler comentários efervescentes em um dos mais volumosos grupos de Biblioteconomia que temos no Facebook. Embora muito do que ali esteja seja bastante curioso, pertinente, mas também peculiar, foi interessante observar as desenvolvimentos daquelas discussões nas próprias *timelines* de alguns amigos.

O segundo aspecto vem também do Facebook, mas de discussões mais limitadas, de determinados círculos de amigos em comum, que propõem discussões geniais, mas que dificilmente estarão presentes num artigo de periódico científico, muito menos em um livro dedicado somente ao debate. Ideias tão bacanas que chega a ser um desperdício não as registrar e disseminá-las.

Juntando estes dois aspectos chegamos ao seguinte questionamento: como, num futuro próximo (daqui uma semana), faremos para resgatar estas discussões? Você até pode salvar os links, tirar *prints* de tela, mas ainda assim não será a melhor opção. A produção cultural e intelectual nas mídias sociais é um assunto de suma importância e que percebe, poderá se perder aos poucos com o decorrer do tempo por conta da dificuldade em resgatá-la posteriormente.

Numa tentativa, principalmente de compartilhar estas ideias, é que resolvi organizar o *Ideias Emergentes*. Não espere textos rigorosamente acadêmicos, repletos de uma fundamentação teórica. Também não espere respostas às perguntas que ficaram abertas pelos autores, pois o intuito disso é que você reflita, se achar pertinente e, se quiser, contribua com o assunto numa página online dedicada exclusivamente ao capítulo.

Dividido em quatro partes – *Formação, Atuação, Atitudes e Tecnologias* – há capítulos escritos ou por pessoas que estudam muito determinado assunto ou porque atuam diretamente com o tema. Não são exclusivamente todos doutores,

professores ou autores proeminentes, mas profissionais que merecem destaque por participar de muitos debates acalorados, por levantar questões que permitam a qualquer bibliotecário se questionar sobre o que faz. Tudo sem querer nada em troca, de forma livre e espontânea, um belo exemplo da estonteante cultura da participação de Clay Shirky.

Ao final de cada capítulo, você encontrará um link para uma página dentro do blog deste livro, podendo dar continuidade à discussão levantada no texto com outros leitores. Já está na hora de tornar nossas publicações mais *transmídia* para a construção de um conhecimento mais coletivo, focado em resultados mais evoluídos para nossas bibliotecas. A sociedade é em rede, mas nossa Biblioteconomia...

Há vários temas que poderiam ser abordados, por conta desta profissão com identidade tão líquida. Quem sabe, para os próximos anos, outros capítulos com outros autores convidados, com novas ideias emergentes para discussão num novo volume.

Boa leitura!

<http://ideiasemergentes.wordpress.com>

Florianópolis, março de 2016.

PRIMEIRA PARTE FORMAÇÃO

Formação dos mediadores informativo-culturais: em que pontos se intersectam?

Marielle Barros de Moraes
Ariel Morán

El que cree conocer al lector
no hace ya nada por el lector.¹
Friedrich Nietzsche,
Así hablaba Zaratustra

Muito já se falou que a formação dos mediadores da informação e da cultura - especificamente arquivistas, bibliotecários e museólogos - requer ser revisada, uma vez que ainda não cumpre com as novas exigências da sociedade e do mercado de trabalho. As conferências, simpósios, fascículos de revistas são os meios privilegiados para fazer circular a informação especializada, por mais que os especialistas não cheguem, todavia, a um consenso sobre qual tipo de formação é a mais adequada para os mediadores da informação e da cultura dentro das universidades.

Uma boa parte dos artigos da área da Biblioteconomia e da Arquivologia fala da necessidade de formar seus alunos de acordo com as regras de um mercado de trabalho flutuante; outros falam de reconhecer as necessidades reais da sociedade, as quais vão, muitas vezes, na direção oposta a do mercado de trabalho, e outros dizem ainda que esta formação deve levar em conta os aspectos

¹ Friedrich Wilhelm Nietzsche, *Así hablaba Zaratustra: Un libro para todos y para nadie*. México: Época, 1986, p. 35.

epistemológicos das três áreas de conhecimentos mencionadas: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Ademais as várias opiniões acerca desse tema, é certo que, em muitos sistemas econômicos da América Latina, ocorre que, ao concluir os estudos de graduação e de pós-graduação, os alunos encontram um mercado de trabalho contraído, no qual existe uma competição cada vez maior e mais difícil pelos postos de trabalho, ao invés de os profissionais competirem por melhores salários. Esta situação nos faz questionar a problemática da Educação, pois, muitas vezes, esta é vista como gasto e não como investimento por parte do poder público, e assim, ao invés de termos indivíduos altamente qualificados para diversos empregos, o que ocorre é que esses sujeitos altamente qualificados são escassos. A solução para este problema pode ser encontrada na educação, mas não nela por si mesma, mas sim, contemplada como uma política econômica de investimento social impulsionada pelo Estado. Todavia, isso não quer dizer que os perfis de formação dos estudantes, nas instituições de ensino superior, devam estar determinados (em uma relação diretamente proporcional) pelas regras do mercado.

Neste contexto de incerteza, na qual os indivíduos devem se formar em escolas, onde os cursos relacionados com as áreas das ciências da informação começam apenas a investigar algumas destas questões, é necessário falar de uma visão mais ampla, por exemplo, falar de uma relação “trilética” entre a sociedade, o mercado e a epistemologia. Ou seja, perguntar-se, também, se há mais peso de algum desses fatores sobre os outros.

A Teoria do Capital Humano analisa, por exemplo, a heterogeneidade do fator trabalho, assinalando a importância da educação/capacitação - no sistema educativo, ou no trabalho formal ou mediante a experiência, formação geral ou específica - na maior produtividade de dito fator, sendo concebida a educação como um investimento a ser retribuído no futuro mediante maiores salários, melhores empregos e/ou um emprego. Este aspecto se acentuou na atualidade pelos acelerados processos de geração e obsolescência do conhecimento.

Vejamos. Nem sempre um maior nível educacional se relaciona com maiores taxas de ocupação ou melhores salários, ao mesmo tempo, muitas vezes, as necessidades da sociedade não são as mesmas necessidades que tem o mercado de trabalho. Hoje, no Brasil, se necessita de bibliotecários para ocupar os postos de trabalho nas Bibliotecas Escolares. No entanto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2010, a realidade brasileira nos mostra que mais de 90% da população sabe ler e escrever, porém o País ainda possui, mais ou menos, 18 milhões de brasileiros que não sabem nem ler e nem escrever. Além disso, atualmente, no Brasil, 72% das escolas não possuem bibliotecas e o País necessita formar bibliotecários para as Bibliotecas Escolares em mais de 180 mil. Os nossos currículos de formação de bibliotecários estão se voltando para esse nicho do mercado? Ou estão apenas inserindo disciplinas

denominadas de “bibliotecas escolares” nos currículos, mas esquecendo-se que o profissional a ser formado para atuar nesse campo necessita de conhecimentos do campo da Educação e da Pedagogia? Os currículos das escolas de Biblioteconomia nos propiciam a desenvolver bibliotecas para alunos - crianças, jovens, adultos, anciãos - do século XXI? Estamos aptos a desenvolver projetos nesses ambientes tanto para os nativos, quanto para os imigrantes digitais? Estamos discutindo essas questões nos currículos? Ou estamos pensando em inserir bibliotecas do século XIX, em escolas do século XX, para crianças, jovens, adultos e anciãos do século XXI? Ainda nesse contexto das bibliotecas escolares, muito se fala que esse profissional deve atuar como um “infoeducador”, um “alfabetizador informacional”, ou outro sinônimo para este que-fazer, porém, quais disciplinas do currículo estão se voltando para discutir essas questões?

Por outro lado, temos as necessidades do mercado laboral, que requerem profissionais com determinados perfis para gerenciar grandes volumes de dados e informações, a fim de melhorar o conhecimento e a tomada de decisões, o chamado Big Data. Por sua vez, os cidadãos requerem informações para exercer sua racionalidade e autonomia, por exemplo, para avaliar suas decisões, as quais estão sujeitas a incertezas consideráveis. Diante deste contexto nos surgem as seguintes questões:

- ❖ Quem analisará e fará a gestão de enormes volumes de dados que não podem ser tratados de maneira convencional, e que também superam os limites e capacidades das ferramentas de software habitualmente utilizadas para a captura, gestão e processamento de dados?

- ❖ Estamos preparados para essa nova realidade?

- ❖ Estamos, como mediadores informativo-culturais, preparados para analisar as enormes quantidades de dados e de informações que estão nas redes sociais e que são úteis para as empresas, principalmente, em um momento em que estas possuem um grande número de clientes em potencial nas redes sociais?

- ❖ Quais disciplinas do currículo de formação dos profissionais da informação que se voltam para o estudo mais amplo da sociedade na qual esse profissional irá atuar?

- ❖ Quais disciplinas se voltam para questões de processamento de grandes volumes de dados não somente analógicos, mas também digitais?

- ❖ As disciplinas que se voltam para a análise da informação vislumbram apenas as análises de objetos tradicionais dos campos dos arquivos, das bibliotecas e dos museus, ou se voltam para análises de informações que estão em formato de fluxos na rede e que são estratégicos para diferentes organizações?

Para isso, é importante um profissional que saiba analisar as informações para uso estratégico das empresas, das organizações, dos governos, frente a seus clientes, usuários, cidadãos. Aqui é percebido um ponto forte de intersecção das áreas da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia.

No México, por exemplo, a recém promulgada *Ley General de Transparencia y Acceso a la Información Pública*, de 11 de junho de 2002, pugna de maneira implícita por profissionais que participem - como o indica o artigo 2º, parágrafo VII - na promoção, fomento e difusão da cultura da transparência através do acesso à informação, mediante mecanismos que garantam a publicidade da informação oportuna e completa, em formatos adequados segundo as condições sociais, econômicas e culturais de cada região do país. Os arquivos são parte fundamental no exercício do acesso à informação, uma vez que são a fonte que documenta o agir dos governos. A *Ley Federal de Archivos* está constituída com uma forte carga da teoria arquivística (se explica, por exemplo, o que é o valor documental). Nesta lei, se estabelecem disposições que permitem a adequada organização e conservação de arquivos governamentais, através da incorporação de ferramentas arquivísticas reconhecidas a nível internacional e a designação de responsabilidades em matéria de arquivos.

Já no Brasil, a Lei nº12.527, de 18 de novembro de 2011, mais conhecida como *Lei de Acesso à Informação* (LAI), a qual regula o acesso às informações públicas, está constituída com uma linguagem fortemente voltada para a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, uma vez que trata de termos relativos aos três campos de conhecimentos, tais como: informação, documento, informação pessoal, informação sigilosa, tratamento da informação, disponibilidade, autenticidade, integridade e primariedade. Este fato nos faz perceber que não se trata somente do tratamento das informações em fluxo, mas, sobretudo, das informações que já foram produzidas e que precisam ser tratadas, armazenadas e disponibilizadas para a sociedade em geral.

Desta feita, percebemos que o manejo dos documentos públicos é outra área que, tanto no Brasil, quanto no México também vai necessitar de muitos profissionais “de fronteira” para manejar a Lei de Acesso à Informação, pois será necessário saber classificar os documentos para sua disponibilização aos cidadãos. Tanto arquivistas, quanto bibliotecários e museólogos são profissionais aptos a atuar com a referida Lei, no âmbito dos arquivos, das bibliotecas e dos museus públicos, uma vez que sua missão não é mais ser o guardião dos tesouros da humanidade, mas, sobretudo, facilitar o acesso às informações desses ambientes, tanto em seu paradigma custodial, quanto no paradigma pós-custodial.

Assim sendo, diante desta realidade digital, perguntamos: estamos preparados para sobreviver como bibliotecários, arquivistas ou museólogos diante dessa ambiência digital/online? No entanto, antes de qualquer outra coisa, temos que dimensionar que a apropriação responde a contextos culturais e sociais

específicos. Esta relação entre desenvolvimento e capacidade humana num contexto tecnológico-digital, onde a informação, o conhecimento e a tecnologia são elementos definidores do mesmo, permite afirmar que o estágio de desenvolvimento dos grupos sociais, depende dos processos de criação, produção, distribuição, uso e reuso de informação, conhecimento e tecnologia. Assim sendo, o processo de desenvolvimento e difusão da tecnologia no espaço educativo se comporta como um vetor, quer dizer, como uma força com direção. Esta magnitude depende tanto da especificidade do uso tecnológico, quanto do entorno social no qual se adapta. Na efervescência da denominada Sociedade da Informação, o papel do bibliotecário tomou um rumo distinto do tradicional, devido ao fato de que as exigências profissionais se foram transformando com o passar do tempo. O que é evidente é o aumento na multiplicidade em que se apresentam as necessidades de informação, e existe, além disso, uma grande coexistência de meios eletrônicos e físicos, desde os quais, é possível consultar um documento. Por esse motivo, se requer uma permanente atualização por parte dos profissionais, assim como um número cada vez maior de responsabilidades, às vezes, as resolvendo em breves períodos de tempo. Isto promove o uso de tecnologias que não somente facilitam o acesso aos documentos, mas também funcionam como ferramentas para a implementação de serviços de maneira remota. Sua proliferação ajuda a gerar, armazenar, transmitir e acessar à informação.

A profissão bibliotecária enfrenta constantes desafios, as Tecnologias de Informação e de Comunicação requerem um conhecimento de sua aplicação e de seu funcionamento, os usuários da informação demandam serviços e produtos especializados, a gestão de um ambiente de mediação da informação funciona de maneira complexa e atende a uma grande variedade de solicitações. Os profissionais requerem uma formação na qual os conhecimentos (processos inteligentes da informação, que servem como base para o agir), habilidades (o conhecimento em ação) e atitudes (estímulo e empatia com a qual afrontamos uma situação, assim como a pré-disposição para fazer algo de uma determinada maneira) estejam em função de diversos aspectos, tais como o desenho dos sistemas de informação, operação, divulgação e avaliação; o que adverte um aumento no valor da informação, tanto para as empresas como para as instituições educacionais.

A sociedade na qual vivemos gera informação, no entanto, esta informação só é útil quando é processada, armazenada e difundida de maneira eficaz e oportuna. As tecnologias têm um papel importante em seu processamento. Sem deixar de lado uma visão humanística, atualmente, o profissional está em um ambiente competitivo e globalizado. Não se descarta a informação impressa, se trata de interagir com ambas, pois sabe como estruturá-la, organizá-la, manipulá-la contextualizá-la e, o mais importante, tudo isso desenvolvido dentro dos níveis mais excelentes de detalhes, normas e exatidão.

As competências profissionais nos entornos digitais assumem um elemento significativo. Sua utilidade consiste na capacidade de adaptar-se a contextos fluidos, em constantes mudanças, uma questão fundamental hoje em dia. Os conhecimentos adquiridos são utilizados em um contexto determinado, uma vez que seja uma empresa ou uma instituição, suas características e condições estarão vinculadas diretamente com a práxis profissional. As Tecnologias da Informação e de Comunicação devem cada vez mais estar presentes nas salas de aulas, independentemente do nível de ensino, mas, principalmente, deve estar no ensino das profissões “da informação”, tais como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia. Por qual motivo? Porque hoje em dia a informação não se apresenta tão somente em seu formato analógico, mas também se apresenta em um formato digital. Como saber realizar o tratamento das informações digitais se as mesmas não estão presentes como conteúdos programáticos dos currículos de formação dos profissionais da informação, ou quando estão é para dar um “ar” moderno para os fazeres tradicionais desses profissionais?

CONTINUE A DISCUSSÃO: <http://wp.me/P7k4jO-t>

Marielle Barros de Moraes é doutoranda e mestre em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo, com período sanduíche na Universidad Autónoma de México. Pela Universidade Federal do Ceará, bacharelou-se em Biblioteconomia.

Ariel Morán é mestrando em Bibliotecología y Estudios de la Información pela Universidad Autónoma de México, onde é licenciado em Bibliotecología y Estudios de la Información.

Informação e conhecimento. E os dados?

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Os termos “dados, informação e conhecimento” fazem parte do cotidiano acadêmico dos que atuam na Ciência da Informação e em outras áreas do conhecimento humano. No segmento da gestão da informação e da gestão do conhecimento, esses termos são considerados essenciais e dão suporte e base a muitas reflexões, estudos e pesquisas.

Ao analisarmos a literatura especializada, defrontamo-nos com esses termos com frequência. São eles entendidos, na maioria das vezes, como uma sequência: quando aos dados é acrescentado um ou mais significados, eles se transformam em informação que, por sua vez, possibilitarão a criação de conhecimento.

Rafael Semidão (2014), em sua dissertação de mestrado, analisa os três termos em dois segmentos, ou núcleos como emprega o autor, da Ciência da Informação: organização do conhecimento e gestão da informação e do conhecimento. O autor se pergunta se há outras formas de entendimento para os três termos que não a sequência, ou seja, dados, informação e conhecimento dar-se-iam de maneira concomitante ou teríamos outras formas para a concretude desses termos?

Acompanhando a literatura – e extraíndo dela o que nos interessa para esta discussão – podemos identificar dois tipos de conhecimento: o tácito e o explícito.

O conhecimento tácito pode ser entendido como aquele conhecimento que possuímos, mas não sabemos que o possuímos. Outra corrente aponta o conhecimento tácito como aquele que sabemos que o possuímos, mas que não é necessário tê-lo de forma consciente para emprega-lo. No primeiro caso, podemos exemplificar com ações inconscientes que utilizamos para produzir alguma coisa. Já como exemplo para o segundo caso, podemos eleger o conhecimento para dirigir

um carro: passamos por um aprendizado de condução de um veículo, sabemos que possuímos esse conhecimento, mas, quando estamos efetivamente dirigindo um carro, não precisamos pensar sobre cada etapa do processo de direção; ele, processo, é executado automática e inconscientemente.

O conhecimento explícito é apresentado pela literatura especializada como sendo aquele sobre o qual temos um domínio, sobre o qual temos plena consciência de que o possuímos.

Poderíamos iniciar aqui uma discussão sobre esses dois conhecimentos, especulando, de início, se não haveria outras formas de conhecimentos além desses dois aceitos. Como resumo sobre o que é tido como consolidado nesse âmbito, teríamos a certeza de que os dois conhecimentos pertencem, de fato, ao sujeito e existem em algum espaço dentro dele; a informação tem a tarefa de alterar o conhecimento, existindo necessariamente fora do sujeito; a partir do segundo sentido do conhecimento tácito – aquele que defende que sabemos possuir tal conhecimento, mas não o utilizamos de maneira consciente – podemos entender que a maior parte dos estudiosos advoga uma consciência do sujeito do conhecimento possuído por ele; entendemos também que os pesquisadores entendem a tríade “dados, informação e conhecimento” como um processo que se dá de maneira necessariamente sequencial, até porque, como vimos, nesse pensar a informação está fora e o conhecimento está dentro do sujeito.

Partimos aqui, ao contrário desse pensamento hegemônico, da ideia de que o conhecimento não tem apenas um lugar, um espaço, um compartimento dentro do cérebro do sujeito, uma vez que ele se realiza na relação, no diálogo. Além disso, ele não deve ser dividido em dois, o tácito e o explícito. Defendemos que o conhecimento se concretiza na relação do sujeito com o mundo, com os outros. Defendemos também que o conhecimento é único e sua análise deve levar em conta várias “nuances” entre a consciência ou não consciência dele por parte do sujeito. Mais uma defesa: talvez a informação não exista apenas fora do sujeito, desaparecendo quando apropriada; é possível que ela permaneça latente no sujeito, não influenciando olhares e entendimentos diferenciados apenas no momento em que é apropriada.

Será que o esquecimento, tão discutido e estudado no âmbito da memória, não existiria também no caso do conhecimento (e da informação, se aceitarmos que ela permaneça latente no sujeito)? Não há um “esquecimento” próprio do conhecimento; não há um “esquecimento” próprio e específico da informação? Não precisam, tanto o conhecimento como a informação, de um esquecimento para se constituírem, para se realizarem?

Há muitas questões que estamos formulando, mas que não temos espaço para desenvolvê-las neste texto.

Ainda seguindo a literatura especializada: o conhecimento explícito, quando exteriorizado, transforma-se em informação. O sujeito possui um conhecimento sobre o qual tem consciência – o conhecimento explícito – e, de alguma forma, manifesta uma pequena ou pequenas quantidades, seja registrando em suportes físicos (livros, periódicos, filmes, CDs, DVDs, réalias, etc.) ou disseminando a partir de formas de sustentação efêmeras (a oralidade, em especial).

A informação assim criada, ou melhor, o suporte da informação será armazenado, organizado e disseminado nos equipamentos informacionais. Os suportes poderão ter várias formas, mas, essencialmente, serão divididos em suportes físicos, tangíveis e suportes eletrônicos, virtuais.

O equipamento informacional, a partir dos interesses, necessidades, desejos e demandas informacionais da comunidade atendida por ele, selecionará suportes que contenham informações adequadas para satisfazer aquelas demandas. Não nos esqueçamos que essas são as principais e mais aceitas ideias presentes nas pesquisas e estudos da área.

As informações selecionadas serão organizadas seguindo critérios e padrões normalizados, de forma a permitir o compartilhamento delas entre os inúmeros equipamentos informacionais existentes.

Disponíveis nos acervos, as informações contidas nos suportes serão disseminadas através de serviços, atividades ou produtos informacionais.

Cabe, claro, uma série de questionamentos nessas afirmações. O primeiro deles está voltado para a informação gerada a partir do conhecimento explícito exteriorizado. Não carregaria tal informação um significado apostado pelo sujeito produtor dessa informação? Dessa forma, a informação traria já no seu nascedouro um subjetivismo que lhe é próprio e uma carga de conceitos, ideias, interesses, intenções. A informação não é vazia, a informação não possui um único significado.

A nossa defesa aponta para uma informação que vai sendo construída a cada passo de seu ciclo de vida (lembrando que, talvez, ela permaneça viva dentro do sujeito). A cada momento ela recebe interferências de todos os que com ela entram em contato. E isso não se refere apenas a pessoas, mas também a objetos. Vejamos: ela nasce do sujeito produtor; recebe influência do suporte escolhido pelo produtor, uma vez que cada suporte tem uma linguagem própria e específica; há mais influência na forma como ela será distribuída, disseminada; passará pelo crivo da política de seleção do equipamento informacional; fará parte de um acervo, físico ou virtual; terá a interferência dos agentes que atuam no equipamento; o dia, tempo, espaço, mobiliário, humor, etc. de todos os que estiverem participando da mediação explícita também, de alguma forma, interferirão; por fim, a influência do usuário.

A informação, assim, por se construir durante o processo – e não cessar de se construir –, nunca será, de fato, uma informação. Em textos passados,

empregamos a palavra protoinformação para designar a matéria prima dos equipamentos informacionais. Protoinformação significa uma “quase informação”, uma “possível informação”, uma “talvez informação”, uma “quem sabe informação”. A informação vai recebendo significados e interferências ao longo de seu ciclo de vida.

Retornando e chegando ao âmago da questão: se o conhecimento explícito, quando exteriorizado se transforma em informação (no entendimento da maioria dos autores da área, mas diferentemente de nosso entendimento, uma vez que empregamos o conceito, por nós idealizado, de protoinformação) e se a informação, quando apropriada pelo sujeito se transforma em conhecimento (também no entendimento da maioria dos autores da área, mas não sob o nosso entendimento), nos perguntamos onde estão os “dados”?

Conversando com pessoas que atuam na área, tanto na academia como no mercado, muitos entendem a informação como algo produzido pelo produtor, mas passível de ser manipulada, uma vez que pode ser “coisa”. A organização do conhecimento lida com esse entendimento e, mais, precisa dele para poder justificar as ações técnicas aplicadas na informação para que possa ela ser recuperada. Outros advogam que o significado é atribuído à informação – ou ao dado que se transformará em informação – pelo usuário. Outros ainda afirmam que existe o “dado” a cada momento que antecede a atribuição de significado à informação, ou seja, a informação recebe um significado em um dado momento e volta a ser dado perante o próximo sujeito ou elemento que fará contato com ela no ciclo de vida do equipamento informacional.

As concepções que consideram a existência dos “dados”, mesmo essas afirmam que o conhecimento explícito, quando exteriorizado, transforma-se em informação. Dessa maneira, a informação tem origem no conhecimento explícito e não nos dados. A ideia da tríade “dados, informação e conhecimento”, independentemente da existência do elemento “dados”, tem sua estrutura sequencial quebrada. O início da tríade dá-se no conhecimento e não nos dados.

As ideias aqui expostas são de caráter pessoal e, claro, carecem de discussões e aprofundamentos. São oriundas de estranhezas, de incômodos, de inquietações acadêmicas. Todo pesquisador deve ser curioso, deve ser questionador, deve provocar aquilo que é entendido como sedimentado, consolidado, aceito, assumido, assimilado.

Aceitem as questões apresentadas como interrogações e não como verdades ou certezas. Estas destroem qualquer possibilidade de avanço, ao contrário, sustentam a consolidação de alguns poucos olhares, de algumas poucas concepções, de algumas poucas posições, de algumas poucas explicações de mundo.

Entendam os questionamentos abordados como uma proposta de conversa, de discussão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Espaços e equipamentos informacionais. In: BARBALHO, Célia Regina Simonetti et al. (Orgs.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN, 2012. 238p. p.11-32.

_____. Leitura, informação e mediação. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomim (Org.). **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 282p.

_____. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278 p. p. 9-32.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.2, n.1, jan./dez. 2009.

_____. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis/APB, 1997.

SEMIDÃO, Rafael Aparecido Moron. **Dados, informação e conhecimento enquanto elementos de compreensão do universo conceitual da Ciência da Informação: contribuições teóricas**. Marília: UNESP, 2014. 198 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v.3, n.4, ago. 2002.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-B>

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior é Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professor Associado do Departamento de Ciência da Informação do CECA/Universidade Estadual de Londrina. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília. É mantenedor do site “Infohome” (www.ofaj.com.br). Presidente da ABECIN - Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (2014-2016).

Licenciatura em Biblioteconomia: história, formação, atuação e desafios para uma nova profissão

Daniela Spudeit

Falar nesse curso sempre gera muita curiosidade dos ouvintes e desperta questionamentos, ora provenientes de dúvidas, ora de preconceitos em relação a uma nova área que emerge dentro da Biblioteconomia.

Alguns criticam: Mas para que especializar ainda mais uma área já tão enfraquecida? Outros mais ponderantes antes de criticar perguntam: Qual a necessidade e relevância desse curso? Aqueles com olhar mais apocalíptico já largam: Para que mais um curso se o bibliotecário pode fazer isso que o licenciado fará?

Mas será que pode? O bacharel tem formação para o ensino? Para mediar e contribuir efetivamente com o processo de ensino e aprendizagem? Para dialogar com professores no mesmo nível de conhecimento e prática? A atual quantidade de bacharéis sustenta a demanda de profissionais de Biblioteconomia exigida para a formação de auxiliares, técnicos, tecnólogos? O bacharel tem formação pedagógica para atuar no ensino de cursos de bacharéis em Biblioteconomia no Brasil?

Enfim, ao longo desse tempo que me dediquei ao Curso de Licenciatura sempre me deparei com os mesmos questionamentos e olhares desconfiados, daí a necessidade de falar mais ainda sobre a proposta dessa nova formação. É importante pesquisar, publicar, socializar informações sobre a Licenciatura em Biblioteconomia, pois essa é uma das formas de solidificar uma profissão e fortalecer abrindo para discussões e amadurecimento de uma nova profissão que

emerge num contexto social, educacional, político diferente de tantos outros quando foi criado o bacharelado em Biblioteconomia no início do século XX na Biblioteca Nacional no Brasil.

Falar o que a Licenciatura se propõe trará algumas respostas para as perguntas acima, mas principalmente esclarecerá as polêmicas geradas e apontará a relevância da atuação desse profissional junto aos bibliotecários, técnicos, tecnólogos e tantos outros que podem colaborar com a valorização, visibilidade, fortalecimento da Biblioteconomia brasileira, mas principalmente, para melhorar a educação do nosso país por meio de um trabalho colaborativo que deverá envolver profissionais da Biblioteconomia, da Educação e de outras áreas afins.

A Biblioteconomia no Brasil é polêmica. Vemos isso em discussões acirradas via mídias sociais e listas de discussão em grupos específicos da área, assistimos debates acalorados em eventos ou mesmo em artigos publicados em revistas e livros. Sempre terá aquele grupo que vai relativizar tudo, aqueles prontos para a Batalha do Armagedom², aqueles que tem a síndrome de Pollyanna³ ou os profissionais que estarão em dúvidas permanentes sobre a área e que ficarão em cima do mundo, assim como Alice⁴ quando encontra o gato e não sabe que rumo tomar. Quanto a isso posso afirmar duas coisas: Isso existe em qualquer área (não estamos sozinhos) e é saudável ter essas discussões para fortalecer nossa identidade profissional.

Entretanto, cabe aos profissionais da Biblioteconomia abrir seus horizontes para enxergar não somente outras possibilidades de atuação, mas também novas frentes de trabalho (as vagas de emprego de carteira assinada é que estão chegando ao fim) e buscar parcerias com diferentes profissionais por meio de equipes interdisciplinares para agregar sua formação e expertise a uma nova ordem mundial pautada pela fluidez de comportamentos e de informações.

A Biblioteconomia apesar de ter sido criada por meio de decreto em 1911 na Biblioteca Nacional (BN), só abriu a primeira turma em 1915, no qual esse ano completou 100 anos de curso no Brasil e atualmente funciona na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Foi o terceiro do mundo e o primeiro da América Latina pautado na École Nationale de Chartes da França⁵. Porém, o curso foi extinto em 1922 e reaberto somente em 1931 após várias mudanças curriculares. Na época o curso originado por uma demanda específica para formar pessoas para atuar na BN, teve como professores Cecília Meireles, Afrânio Coutinho e Sérgio Buarque de

² Ver Bíblia - Apocalipse 16

³ Publicado pela romancista norte-americana Eleanor Hodgman Porter em 1913.

⁴ Literatura infanto-juvenil Alice no País das Maravilhas de autoria de Lewis Carroll (1832-1898) publicada em 1865.

⁵ Ver "O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX" publicado em 2009.

Hollanda⁶, porém, também não tinha professores suficientes para formar esses profissionais, havia pouca demanda e escassos recursos destinados à Biblioteca Nacional. Alguma relação com o que ocorre hoje nas escolas de Biblioteconomia pelo país?

Ao longo do século XX, não somente o curso de Biblioteconomia foi sendo reformulado pautando-se pelas exigências legais, necessidades do mercado, demandas sociais tanto na formação quanto no fazer profissional do bibliotecário, mas também a identidade desses profissionais que se forma a partir de experiências adquiridas e das influências que contribuem para a formação de características próprias, seja de pessoas, instituições ou mesmo novas propostas profissionais visto que o meio em que esse sujeito se insere tem forte implicação na sua identidade.

Em 1944, a Biblioteca Nacional sofreu novas reformas em sua estrutura e, no mesmo ano o curso de Biblioteconomia foi reformulado, pois não mais se limitaria a formar profissionais para a Biblioteca Nacional, mas oferecendo formação básica, estaria preparando pessoas para qualquer tipo de biblioteca. A partir da reforma a formação passa a acontecer em três diferentes níveis: a) Curso Fundamental de Biblioteconomia que atendia a formação de auxiliares; b) Curso Superior em Biblioteconomia, direcionado para a formação de Bibliotecários; c) Cursos chamados “avulsos” para atualização profissional e formação continuada. O que convém analisar sob uma perspectiva histórica é: Quem eram as pessoas que estavam formando esses profissionais?

Historicamente quem forma são os próprios bibliotecários, alguns inclusive de fora do país que influenciaram no currículo da Biblioteconomia no Brasil. Entretanto, pensando na formação é que a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no final da década de 1970, retomou as discussões do Curso Fundamental de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional destinado a preparar candidatos aos serviços auxiliares de biblioteca e criou o Curso de Licenciatura em Biblioteconomia⁷.

A primeira turma começou em 1981, houve algumas mudanças curriculares e até integração com o curso de bacharelado funcionando normalmente até 1991, depois não houve oferta em função da falta de professores da área de Educação conforme explicado no projeto pedagógico do curso da UNIRIO.

Entretanto, nos anos 2000 houve novamente o interesse em reabrir o curso, porém a partir de outros interesses. É fundamental a compreensão de que a necessidade da retomada do curso de Licenciatura em Biblioteconomia se dá essencialmente por demandas sociais concretas no estado do Rio de Janeiro, que

⁶ Blog da Biblioteca Nacional <https://blogdabn.wordpress.com/2012/03/12/dia-do-bibliotecario/>

⁷ Conforme Resolução nº 187, de 26 de dezembro de 1979 reconhecido pelo Parecer Ministerial nº. 502, de 20 de dezembro de 1983, publicado no DOU de 22/12/1983 na página 21.611.

carecem de um profissional capacitado para a formação de pessoas qualificadas para servir as comunidades através da mediação da informação e do conhecimento, que é direito de todo ser humano.

Entre as motivações para criação do novo curso pode-se citar a tramitação da Lei 12.244 (mais tarde aprovada em 2010) que aborda a universalização das bibliotecas escolares no Brasil onde o licenciado poderia contribuir com sua formação visto que os bacharéis em Biblioteconomia não tem formação pedagógica, o “Programa Escolas do Amanhã” da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que visava melhorar o desempenho dos alunos de 150 Escolas com baixo índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), havia também a demanda por técnicos em Biblioteconomia e inclusão do curso técnico no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do MEC. Também foi nessa época que o Sistema Conselho Federal de Biblioteconomia lançou no ano de 2009 o “Programa Mobilizador Biblioteca Escolar Construção de uma Rede de Informação para o Ensino Público” com o objetivo de contribuir efetivamente para a qualidade do ensino, se estabelecendo mais uma motivação para a criação de um novo projeto pedagógico para a Licenciatura em Biblioteconomia adequado a essas demandas explicadas no projeto pedagógico do curso aprovado em 2009⁸.

Em 2010, o curso iniciou sua primeira turma na UNIRIO, atualmente o único do Brasil, apesar de que o curso já existe em outros países como México⁹, Espanha¹⁰, Portugal¹¹, entre outros. No projeto pedagógico do curso da UNIRIO cita que o curso já existiu em outra universidade no Brasil, porém, não se obteve nenhuma informação oficial sobre isso e o curso também não consta em situação de ativo/desativado no Catálogo de cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC).

Na época que o curso foi criado na UNIRIO teve como objetivo “a formação de qualidade por meio de habilidades humanas conceituais, técnicas e profissionais, com vistas ao ensino da Biblioteconomia para o âmbito técnico profissional”¹².

O atual projeto pedagógico da Licenciatura em Biblioteconomia da UNIRIO contempla 3.405 horas, onde o aluno deve concluir o curso noturno entre 8 e 12 semestres no qual são ofertadas 40 vagas por semestre via seleção do SISU/MEC. Além de disciplinas da área de Biblioteconomia, tais como representação temática e descritiva, formação e desenvolvimento de coleções, organização e administração

⁸ Disponível em

<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/ProjetoPedagogicodoCursodeLicenciaturaemBiblioteconomia.pdf>.

⁹ Disponível em: <http://fcd.ugr.es/static/GestorDocencia*/LD.> Acesso em: 02. Nov. 2015.

¹⁰ Disponível em: < http://www.enba.sep.gob.mx/codes/licenciatura_biblio.html >. Acesso em: 25 Set. 2015.

¹¹ Disponível em: <https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_curso_id=454>. Acesso em: 15 Out. 2015.

¹² Informação tirada do projeto pedagógico do curso (2009, p. 29) disponível em <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/ProjetoPedagogicodoCursodeLicenciaturaemBiblioteconomia.pdf>.

de bibliotecas, história do livro e das bibliotecas, fundamentos de Biblioteconomia, redes e sistemas de informação; entre outras, o aluno tem no currículo disciplinas de psicologia, sociologia, didática, dinâmica e organização escolar, metodologias e práticas de ensino, avaliação, libras, entre outras da área de ciências sociais e humanas além da realização de cinco tipos de estágios curriculares que vão desde o ensino infantil, até ensino Médio e EJA.

Entretanto, novas mudanças tecnológicas, mercadológicas, sociais e políticas estão motivando a revisão curricular, ainda mais agora que o curso foi reconhecido pelo MEC em março de 2014. A possibilidade de aprovação do Projeto de Lei 2245/2007¹³ que trata sobre a inserção do tecnólogo em Biblioteconomia no país, a aprovação do projeto de lei 6038/13¹⁴ que discorre sobre a formação e atuação do técnico em Biblioteconomia, a evolução cada vez maior da educação à distância e o movimento *Information Literacy* (competência em informação no Brasil) são exemplos de outras demandas e frentes de trabalho que estão surgindo para o licenciado em Biblioteconomia, que tem a formação pedagógica para atuar com ensino e capacitação de auxiliares e técnicos de bibliotecas, formação de tecnólogos, bacharéis em Biblioteconomia, formação continuada em cursos de curta extensão, além de terem a oportunidade de empreender com iniciativas voltadas para a pesquisa e consultoria educacional; são exemplos de algumas frentes de trabalho para o licenciado.

Existem alguns desafios pela frente em relação a Licenciatura em Biblioteconomia e é isso que deve mover a classe profissional. A divulgação e valorização do curso nas próprias universidades, pela sociedade e pela classe bibliotecária, regulamentação da profissão (credenciamento profissional), registro e reconhecimento pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, sindicatos e associações de classe, a formação continuada, abertura de concursos para os licenciados e a reserva de mercado são alguns dos obstáculos a serem vencidos.

Assim como ocorre com o bacharelado em Biblioteconomia e tantas outras profissões que há décadas buscam por reconhecimento, fortalecimento, valorização, regulamentação e espaços no mercado, o mesmo deverá ocorrer com a Licenciatura em Biblioteconomia (só esperamos que não demore tanto) que denota uma responsabilidade social grande na formação de profissionais que tem muita relevância para a sociedade em rede que deseja priorizar a aprendizagem continuada, significativa, formação de pessoas reflexivas com uma consciência crítica que possam exercer de forma igualitária sua cidadania em prol de uma sociedade mais justa e democrática.

¹³ Além do texto da Lei disponível online, recomenda-se a leitura do artigo “Tecnólogo em Biblioteconomia: reflexões acerca da realidade brasileira” publicado em 2014 no XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, disponível online na íntegra.

¹⁴ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/TRABALHO-E-PREVIDENCIA/470331-PROPOSTA-REGULAMENTA-A-PROFISSAO-DE-TECNICO-EM-BIBLIOTECONOMIA.html>.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-D>

***Daniela Spudeit** é mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina, além de graduada em Biblioteconomia, pela mesma instituição, e em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como professora no Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação (graduação e mestrado) desta universidade. Coordenou entre 2014 e 2015 a Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.*

SEGUNDA PARTE ATUAÇÃO

A biblioteca pública entre o ser e o ter

Katia Costa

Gostaria de escrever sobre o “mar de rosas” que devem ser as bibliotecas públicas, mas penso que estamos muito longe de sairmos das mazelas, diante do que temos de concreto, de colegas de profissão leio e ouço relatos que me fazem pensar o quanto vivemos na utopia do discurso, pelo menos no que tange o assunto relacionado às Bibliotecas Públicas no Brasil.

Mesmo tendo um Ministério da Cultura onde funciona o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), com suas regionais nos Estado, podemos dizer que ainda estamos muito aquém do que devem ser as bibliotecas públicas em nosso país. Obviamente que temos exceções, algumas bibliotecas com suas potencialidades alcançadas, seus serviços de atendimento em pleno funcionamento, mas infelizmente são exceções. Mas, mesmo com o movimento contrário, vou discorrer um pouco sobre este espaço que é ou deveria ser o lugar do cidadão.

No Brasil desde 1992 contamos com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, anteriormente a este sistema existiram outras nomenclaturas responsáveis por gerir o segmento livro e biblioteca. O SNBP teoricamente faz o controle de como estão as bibliotecas públicas em todo o Brasil, atualmente temos registradas, conforme informação do site¹⁵, 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais,

¹⁵<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/> Acesso em: 25 nov. 2015.

estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal. Este levantamento é realizado através de formulários que os Sistemas Estaduais enviam por e-mail aos municípios, forma mais rápida, mas não eficaz, de verificar os vários produtos e serviços destas bibliotecas, assim como seu funcionamento estrutural. Quando me refiro ao não eficaz, afirmo empiricamente, por conta de contatos diretamente com representantes de vários Estados e Municípios que relatam suas realidades, demasiadamente diferentes do que dizem relatórios com números. Quantas destas 6 mil bibliotecas existem de verdade? Quantas estão em condições de atender ao seu público com qualidade de acervo, tecnologia, recursos humanos, ações culturais, entre outras possibilidades que podemos enumerar no trabalho de uma biblioteca pública?

O SNBP tem em seus objetivos o fortalecimento das bibliotecas públicas em nosso país, será que isso tem acontecido? Durante os seis anos de trabalho em biblioteca pública somente recebemos chamada para capacitação no primeiro ano, nos outros a capacitação foi por interesse próprio, buscando nas entidades ou programas que promovam eventos importantes para a reciclagem, aprimoramento e disseminação de novos conhecimentos no que tange a área. Para um melhor entendimento de como funciona o Sistema Nacional, suas diretrizes, funções e recomendações para as bibliotecas públicas, indico a leitura muito pertinente de Farias¹⁶ (2013) que fez análise explicativa, em que deixa claro as muitas deficiências observadas dentro das recomendações do Sistema para o funcionamento de bibliotecas públicas.

Penso que a função maior da biblioteca pública é atender o cidadão, encontrar o que o consulente, usuário, cliente, interagente, não importa o termo utilizado para chamar a pessoa que entra no espaço e muitas vezes sem saber o que quer, necessitado de algo ou alguma coisa, mas ali na biblioteca obtém a resposta. Este cidadão só encontra o que precisa se tiver sido orientado a procurar ou pedir ajuda quando houver necessidade, pois o interagente deve sentir que aquelas portas estão abertas por um motivo, que é ajudá-lo. Anos se passaram, aliás, atravessamos um século e o Brasil patina na implantação correta, coerente e apropriada de montar suas bibliotecas, no século XXI ainda encontramos governantes que mais parecem não ter ultrapassado as mudanças ocorridas durante anos e anos da história. Novas tecnologias, novos espaços de convivência, acessibilidade, locais alternativos, cores, aromas, sentidos, assim tem que ser as bibliotecas públicas: prazerosas.

Mas ao invés disso encontramos muitas cidades sem bibliotecas, quando a tem estão abertas para o cumprimento de leis que regem o sistema, a população por sua vez deixa a mercê dos políticos o comando de suas vidas, e esquecem de apropriar-se, exigir e utilizar os espaços destinados a uso coletivo. Algumas ações

¹⁶Farias, Fabíola Ribeiro. **A leitura e a biblioteca pública compreendidas pelo sistema nacional de bibliotecas públicas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

do poder público têm sido articuladas em favor das bibliotecas, não vamos aqui generalizar. Os poucos políticos engajados na verdadeira política pública veem a biblioteca não como um ser ameaçador, mas sim como um agregador de informação e conhecimento para os seus eleitores ou futuros eleitores, estes poucos políticos sabem o quanto é importante ter sua comunidade bem informada.

No cenário da biblioteca aberta e funcionando temos funcionários, nem sempre bibliotecários, porque encontramos todo o tipo de profissional nas bibliotecas públicas: servidores encostados, a ponto de se aposentar, funcionários contratados por tempo determinado, estagiários, comissionados, professores, mas para o público em geral todos são “bibliotecários” e o mais problemático na troca de gestão é sempre o refazer, como nos mais diversos setores do funcionalismo público, trocou gestão e o lema é “vamos mostrar para que chegamos”, então se troca funcionário, chefe, estagiário, comissionado e o processo tem que ser refeito ou reiniciado.

Temos que cuidar com estes atropelos políticos, algo que ouvimos sempre quando estamos em eventos e palestras é que quem utiliza a biblioteca tem que ser no mínimo amigo da biblioteca ou seu aliado. Sendo parte da instituição ele vai defendê-la, engajar-se em campanhas, disseminar boas ações, interagir nas novas formas de divulgação dos serviços. A biblioteca pública tem que ser da comunidade e não para a comunidade; poderia eu estar parafraseando autores atuais, mas não, isto foi escrito por Flusser¹⁷ (1980). Mas o que tem sido feito para que a biblioteca pertença à comunidade?

As bibliotecas públicas devem ser abertas, culturais, vivas, interativas, variadas, convidativas, motivadoras, inspiradoras, oferecer boas condições ambientais, e parece uma ideia contemporânea, mas vários autores citaram isso no século passado. Estes espaços devem trabalhar de forma integrada, as bibliotecas devem ser paiol de pensamentos lúdicos e críticos, não podemos mais pensar na biblioteca como uma vertente somente literária, ela deve ampliar suas atividades, ser um centro e instrumento principalmente de libertação para os seus utilizadores.

Miranda¹⁸ na década de 70 do século passado, pergunta com muita propriedade qual **a missão da biblioteca pública num país de dimensões continentais e de desnivelamentos regionais tão marcantes como o Brasil?** Em 1994 a *International Federation of Library Associations* (IFLA/UNESCO) responde parcialmente esta pergunta, as bibliotecas públicas têm como missão-chave relacionada à informação, a alfabetização, a educação, a cultura e complemento com lazer e atuante como preservação do patrimônio, podendo fazer isso através de seus vários objetivos:

¹⁷Flusser, Victor. **Uma biblioteca verdadeiramente pública**. Belo Horizonte: UFMG, 1980.

¹⁸Miranda, Antônio. **A missão da biblioteca pública no Brasil**. Brasília: Revista de Biblioteconomia de Brasília, 1978. Vol. 6, n. 1, jan./jun. p. 69-75.

- Criar e fortalecer o prazer da leitura;
- Apoiar a educação individual e a educação formal;
- Estimular a imaginação, a criatividade do indivíduo;
- Propiciar acesso às expressões culturais das artes em geral;
- Promover o conhecimento da herança cultural;
- Favorecer a diversidade cultural;
- Apoiar a tradição oral;
- Garantir acesso aos cidadãos a todo tipo de informação comunitária;
- Proporcionar serviços de informação para as empresas e associações locais;
- Facilitar o desenvolvimento e uso das tecnologias;
- Apoiar a participação de atividade e programas de alfabetização para todas as idades.

Quando digo que a IFLA responde parcialmente à pergunta é porque após observarmos cada item relacionado às bibliotecas públicas temos que verificar o nosso entorno, cada região do país é diferente, com necessidades únicas e o gestor da biblioteca, seja ele bibliotecário ou não vai ter que adequar o seu trabalho a estas necessidades.

A biblioteca pública tem funções diferentes em cada segmento que atende o cidadão que a procura, por isso é bom sempre lembrar separadamente de cada uma destas funções.

Em sua **função informacional** devemos lembrar que a informação é o que movimenta o mundo, vivemos na tão falada sociedade da informação, podemos ficar estáticos diante dos acontecimentos no planeta, mas não sairemos da inércia se não nos informarmos e entendermos o que está diante dos nossos olhos. As bibliotecas públicas devem ter este poder, de dar a informação correta e precisa, seja ela de cunho simplista (simples para nós que sabemos como informar, mas complexa para aquele que a procura), como também informações mais elaboradas sobre projetos, pesquisas, trabalhos e tudo o que possa auxiliar o interagente a captar a sua necessidade imediata. Os bibliotecários destes espaços devem estar conectados às várias possibilidades de resgatar informações. Como centro de informação a biblioteca pode montar painel com informações importantes para a comunidade em todos os segmentos: empregos, cursos, eventos entre tantos outros.

Como **função cultural** e de lazer, as bibliotecas públicas devem agregar ações, programas e projetos culturais buscando apoio entre os diversos parceiros

de cultura: dança, teatro, artes visuais, música, capoeira, tudo que envolve as pessoas, que está ligado intrínseco ou extrinsecamente com a leitura deve ser agregado às atividades realizadas nas bibliotecas. O interagente deve perceber a ligação entre todos os segmentos da cultura, a leitura é importante em todos estes movimentos culturais. Dentre as várias atividades podemos oferecer conferências, debates, exposições que podem ser locais e itinerantes, mostrando a herança cultural da comunidade, feiras culturais, mesas redondas, feira de livro, mural de poesias, varal cultural e ainda apresentações musicais, exibição de filmes, audiovisuais ou multimídia e tudo que a equipe possa organizar e coordenar. Rubem Alves sugeriu em um de seus textos de fazermos concertos de leitura nas escolas, que tal usarmos também nas bibliotecas públicas, assim como a música a leitura deve encher os ouvidos, olhos e coração de prazer. O mesmo autor em *O Prazer da Leitura* diz, e concordo plenamente com ele (sim sou fã de seus escritos), que acontece com a leitura o mesmo que acontece com a música, quando somos tocados por sua beleza é impossível esquecer e que a leitura é uma droga perigosa que vicia. O que seria se todos os cidadãos se viciassem em leitura e em bibliotecas?

Como **função educacional** nas bibliotecas, devemos lembrar que os livros são a porta de entrada para a leitura, em um primeiro momento na fase infantil o lúdico aparece em forma de desenhos e gravuras, após este período quando temos o contato na adolescência à aventura por mundos desconhecidos fica mais excitante e a garotada viaja pelo mundo, adultos intensificam suas leituras procurando textos maduros e marcantes, assim também como os idosos. Quem está à frente das bibliotecas deve preocupar-se com as questões relacionadas à educação, com letramento dos indivíduos que vai muito além do ler e escrever, também é preciso que o indivíduo aprenda a interagir com a leitura e a escrita, entender os diferentes contextos. A dificuldade de leitura eleva o abandono escolar e como consequência, a delinquência juvenil, o contato com as drogas, os riscos de gravidez entre adolescentes e estes fatores podem ter sucessão em ciclos de pobreza e dependência. Não precisamos de autores para nos dizer, percebemos em nossa sociedade.

O **papel social** abrange a parte socioeconômica, a biblioteca pode fazer atendimento aos vários segmentos de necessidades especiais como, por exemplo, o ensino e a leitura em Braille, Libras, auxiliar os que necessitam de informação dentro e fora da biblioteca, orientação em currículos e busca de emprego, sim somos responsáveis por isso também, o bibliotecário é um ser social e não deve deixar-se absorver pelo acúmulo de técnicas e esquecer seu lado humanista. Suaiden¹⁹ (1995) observou que entre todos os tipos de bibliotecas, as públicas são as únicas que possuem características reais de instituição social, por todo seu campo de ação e amplitude diante da diversidade de seus interagentes.

¹⁹SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

O bibliotecário para trabalhar em biblioteca pública tem que se ater não só a parte técnica da profissão, ele deve saber antes de tudo que sua função será multidisciplinar, com exceção de espaços que tenham uma equipe completa e seus setores direcionados (o que é raro, em maioria conseguimos alguns estagiários, com sorte servidor contratado), o bibliotecário terá que se desdobrar na parte técnica, administrativa, referência, captação de recursos, elaboração de projetos entre as várias atividades que fazem parte do espaço de trabalho em que vai atuar. Temos que ir do planejamento ao operacional e sempre há as barreiras burocráticas e financeiras. Em verdade o “jogo de cintura” é o termo correto que podemos direcionar ao profissional que embarca nesta maravilhosa viagem, por que digo isso? Trabalhar em uma biblioteca pública, quando ela é realmente voltada para a comunidade é ter acesso a várias pessoas, diferentes perfis, inúmeras histórias, para quem pensa que há uma monotonia, digo que está enganado, é uma novidade atrás da outra, todo dia um novo dia.

O perfil do bibliotecário neste segmento deve ser inter e multidisciplinar, polivalente, mediador da informação, gostar de leitura, ter senso de organização, extrovertido. Encontraremos situações inusitadas que só rindo para podermos não nos estressarmos com o acúmulo de trabalho. Criatividade é ponto chave, sem dinheiro não se faz nada, mas com criatividade se consegue muita coisa.

Crianças que crescem e observamos sua evolução na leitura, jovens amadurecendo, adultos e seus problemas cotidianos, idosos e suas lindas histórias de vida, estudantes que não estudam, outros dedicados, trabalhadores à procura de emprego, migrantes à procura de casa, projetos indeferidos e os que são aprovados, novos amigos, todos os dias são emoções diferentes que temos nas bibliotecas públicas.

Sobre as expectativas que se vai encontrar em uma biblioteca pública, Suaiden²⁰ (2000) escreveu que é diferente para os diversos atores que compõem o seu universo: editoras pensam ser a formação de leitores, educadores que é um alicerce no processo de ensino-aprendizagem, intelectuais um espaço enriquecido com literatura e o cidadão comum que iremos solucionar todos os problemas cotidianos. O mais interessante de se trabalhar neste ambiente e sinto isso não só a partir do meu trabalho, mas também do relato de outros colegas na mesma situação, é que as bibliotecas públicas não são vistas como um órgão governamental, ela aparece sempre como um local de todos, não que todos saibam que podem se apropriar, mas quando descobrem que podem e devem utilizá-la gratuitamente, há um empoderamento automático, quase um “sim, é nossa!”. Talvez isso seja o diferencial de outros setores como a saúde, assistência social, são setores que o cidadão associa normalmente à prefeitura, ao estado, mas a

²⁰SUAIDEN, E. J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.

biblioteca pública ao contrário destes está vinculada a um espaço de lazer, mesmo quando é procurada para pesquisa.

A Biblioteca Pública deve estar inserida em seu verdadeiro sentido de atuação: livre, aberta, democrática, socializadora, ao mesmo tempo poder cuidar da preservação da memória (é importante), investir na construção do conhecimento e somar esforços para que transforme e seja transformadora para e pelo interagente, e que em razão deste, possa ser um ambiente vivo e efervescente de cultura, informação, educação e lazer.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-F>

Katia Costa é bibliotecária da Biblioteca Municipal Ary Cabral, em Brusque (SC). Tem pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Públicas pela Universidad Alberto Hurtado (Chile). Engajada no associativismo bibliotecário via Associação Catarinense de Bibliotecários, onde foi Presidente na gestão 2014/2015.

Biblioteca escolar: modos de usar

Vagner Amaro

Acolho com muito prazer o convite para abrir este diálogo sobre bibliotecas escolares, primeiro por ter dedicado boa parte da minha experiência profissional à implantação, manutenção e desenvolvimento de uma biblioteca escolar e principalmente por ter alcançado, a partir dessa experiência, a compreensão sobre a importância deste tipo de biblioteca para o desenvolvimento integral de qualquer indivíduo.

As bibliotecas escolares surgiram no Brasil no século XVI, dentro de instituições religiosas e absorvendo delas características que moldavam seu uso e acervos. Posteriormente, uma circular de 1835, proibiu o noviciado no Brasil, levando a decadência dos conventos e, em consequência, destas bibliotecas. Após este período, destacam-se como marcos importantes na história das bibliotecas escolares a fundação das escolas normais, pois de 1880 a 1915, implantaram espaços mais próximos do que hoje entendemos como bibliotecas escolares. Outro momento relevante ocorreu na década de 1930, com a criação das bibliotecas nos ginásios estaduais. Há também na década de 1930 um movimento chamado Escola Nova, do qual fazia parte Anísio Teixeira e que defendia a importância das bibliotecas escolares. A reforma do ensino médio no país, em 1969, fazia referência à biblioteca, através dos documentos do programa de expansão e melhoria do ensino médio (PREMEM).

Na década de 1990, embora a biblioteca não apareça na Lei de diretrizes e bases – LDB, de 1996, no ano seguinte, a biblioteca foi incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a informação sobre sua importância para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação de leitores competentes. É também de 1997 o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE, que propõe implantar, ampliar e atualizar o acervo das bibliotecas de escolas públicas brasileiras. Destaco, em 2010, a lei 12.224 que dispõe sobre a universalização das

bibliotecas nas instituições de ensino no país e estabelece o prazo de 10 anos para a efetivação do que a lei determina.

Em relação ao PNBE, questiona-se o foco de sua ação, prioritariamente em relação à distribuição de livros, sem conformar também em seus objetivos a criação e manutenção de bibliotecas escolares para receberem estas coleções e a formação de mediadores para disseminá-las. Neste sentido, a lei 12.224 de 2010, apresenta-se como um avanço, embora os desafios sejam grandes para que ela se efetive. Um levantamento feito pelo portal Qedu, da fundação Lemann, a pedido da Agência Brasil, baseado nos dados do Censo Escolar de 2014 teve como resultado que 53% das 120,5 mil escolas públicas brasileiras não possuem bibliotecas ou salas de leitura.

Estes dados nos mostram que o grande desafio encontrado para as bibliotecas escolares brasileiras é que elas sejam universalizadas e passem a existir com maior visibilidade nas políticas públicas, e que também, no campo das abstrações, estejam nas aspirações de pais, gestores, professores e alunos como um direito a ser alcançado. Fato marcante na nossa cultura é que as bibliotecas escolares não são vistas pelo senso comum como importantes. Pais, professores e alunos não lutam por sua existência e mesmo em escolas particulares a ausência de bibliotecas é vista com naturalidade.

Proponho neste texto que a biblioteca desvalorizada no imaginário social e nas práticas da sociedade civil está muito distante das potencialidades atuais existentes para a biblioteca escolar. Embora ainda persista em grande parcela da população brasileira uma ideia da biblioteca escolar como o espaço do castigo, do silêncio extremo, do excesso de regras e normas, dos livros antigos e empoeirados, dos funcionários inflexíveis e entediados, enfim, das impossibilidades, apenas a mudança das práticas profissionais poderá fazer com que a biblioteca escolar entre na pauta de desejos da sociedade, de forma que seja um desejo fazer uso pleno da biblioteca, assim como o é ir à praia ou ao cinema. Pesquisa organizada pela ESPM-SP e pela FGV, Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013-2014, identificou que de 1.620 pessoas entrevistadas, de 16 a 75 anos, apenas 5% havia frequentado bibliotecas públicas no último ano.

Se existem atores sociais lutando para que as bibliotecas sejam universalizadas, torna-se necessário pensar que modelo de biblioteca surgirá a partir destas leis, decretos e planos e se este modelo estará moldado para os interesses atuais de crianças e jovens.

Vejo surgir algumas poucas novas experiências em biblioteconomia escolar que se apropriam dos conhecimentos produzidos durante anos por bibliotecários e outros educadores sobre planejamentos, processos técnicos e mediações e aliam a este conhecimento as possibilidades de atuação que a atualidade apresenta. Um fator a ser destacado é que, sanada a questão do déficit de bibliotecas e,

principalmente, em relação às bibliotecas que já existem, os desafios da biblioteca escolar são os mesmos desafios da escola, não podendo ser dissociados, conforme atesta Sílvia Castrillon (2013) quando afirma que as funções da biblioteca escolar são de caráter político, ético e educacional, que elas não estão separadas do papel geral da escola e que seu cumprimento não pode acontecer em um trabalho isolado da sala de aula, embora tenham tarefas específicas que lhe conferem uma identidade própria e uma razão para existir dentro da escola e do sistema educacional.

Neste sentido, cabe refletirmos sobre os desafios atuais da educação básica, em que a biblioteca escolar está inserida. Diversos estudos apontam que a evasão escolar, o desinteresse de crianças e jovens pelos conteúdos privilegiados pela escola e as dificuldades de integrar a tecnologia às práticas de ensino são os grandes desafios da educação contemporânea. Incluo nestes, questões trazidas pelo estágio da globalização que vivemos, que estimula nos jovens a formação de identidades multiculturais. Em 1998, Edgar Morin produziu um texto para a Unesco em que apontava os 7 saberes necessários à educação no futuro, sendo eles: **As cegueiras do conhecimento, o erro e a ilusão** - trata do dever da educação de armar cada um para o combate vital para a lucidez; **Os princípios do conhecimento pertinente** – trata de entender o pensamento, valorizando a visão e a reflexão a longo prazo, conjugando o conhecimento das partes com o conhecimento das totalidades, conjugando a análise com a síntese; **Ensinar a condição humana** – uma das vocações essenciais da educação do futuro será examinar e o estudo da complexidade humana, conduzida à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da diversidade dos indivíduos, dos povos e das culturas; **Ensinar a identidade terrena** – É preciso ensinar a história da era planetária e mostrar como todas as partes do mundo se tornaram solidárias, sem ocultar opressões e a dominação que devastam a humanidade e ainda não desapareceram. Mostrar que todos os seres humanos, confrontados de agora em diante aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham de um destino comum; **Enfrentar as incertezas** – ensinar princípios de estratégias que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo; **Ensinar a compreensão** – estudar a incompreensão a partir de suas raízes, suas modalidades e seus efeitos. Enfocar nas causas do racismo, da xenofobia e do desprezo, seria uma base segura para educação para a paz, a qual estamos ligados em essência e vocação; **A ética do gênero humano** – todo desenvolvimento humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Diante das asserções apresentadas, pensemos nas ações em que os bibliotecários escolares tradicionalmente atuam em um entendimento de colaboração com os objetivos da escola. Neste campo destacam-se o incentivo à

leitura e a orientação à pesquisa. Vemos timidamente algumas práticas de competência em informação serem desenvolvidas. Da mesma forma que a escola questiona qual modelo seguir para cumprir sua missão, devemos nos questionar se as práticas de fato correspondem às necessidades dos nossos usuários, sejam eles alunos, professores e outros membros da comunidade escolar. Até que ponto estamos promovendo os saberes necessários à educação do presente e do futuro? Em 1996, um grupo de pesquisadores dos letramentos se reuniu em Nova Londres, em Connecticut, para pensar uma pedagogia que incluísse os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea. Dois fatores marcantes destacavam-se nos jovens observados por estes educadores, o uso de novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de rede social, que acarretava novos letramentos de caráter multimodal e multissemiótico e os conflitos culturais que estes alunos viviam. Deste encontro surgiu a Pedagogia dos multiletramentos, que ROJO (2012) descreve como uma pedagogia que pode não envolver (normalmente envolverá) uso das novas tecnologias de comunicação e de informação, mas que caracteriza-se como um trabalho partindo das culturas de referência do alunado e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático, que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos valorizados, ou desvalorizados.

Cito também como proposta educacional que merece estudo mais aprofundado e que por ser transversal, também dialoga com as vocações da biblioteca escolar, o conceito de educação 3.0, do qual Jim Lengel é especialista. Na educação 3.0 os alunos trabalham em problemas estimulantes com senso prático e funcional, alunos e professores produzem em conjunto, os alunos desenvolvem pesquisas auto direcionadas, os alunos aprendem como contar uma boa história, estudantes empregam ferramentas apropriadas para a tarefa e os alunos aprendem a ser curiosos e criativos. Por fim, destaco a literatura sobre o letramento informacional, que para Campelo (2009) constitui uma capacidade necessária aos cidadãos para se adaptarem à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento

Existem diálogos e ressonâncias nestes pensadores que se dedicaram a atualizar as práticas educacionais ao nosso tempo de mudanças constantes. A partir dos textos citados e da minha experiência ouso elaborar, em síntese, alguns apontamentos, que descrevem os modos de usar a biblioteca escolar, citado no título deste texto:

- Da dinamização da leitura à uma pedagogia dos multiletramentos

Que as ações de dinamização da leitura contemplem os textos multissemióticos e multimodais, adequando-as aos princípios da prática de multiletramentos, sendo sistemáticas e considerando os letramentos não privilegiados pela escola, mas de uso comum dos alunos. Que as leituras nestas

mediações deixem de ser eventuais e tornem-se uma prática social, de preferência valorizando também a escrita e em projetos que prevejam a produção de conteúdo.

- Do apoio à pesquisa ao letramento informacional

Tradicionalmente no fazer bibliotecário apoiar a pesquisa esteve relacionado a indicar ao usuário como encontrar no acervo da biblioteca as informações solicitadas. Atualmente, mais que isso, espera-se da biblioteca escolar a elaboração de programas de competência em informação e comunicação, que ao longo do tempo da criança e do jovem na escola desenvolvam neles a autonomia na busca, produção e uso da informação.

- Do silêncio ao estudo colaborativo

As práticas de estudo estarão relacionadas a projetos que os alunos, distribuídos em grupos, irão desenvolver, propostos pelos professores e também pelos bibliotecários, e o trabalho de pesquisa e produção de conhecimento se dará na biblioteca, em grupos de estudos, reuniões, trocas de informação, resolvendo problemas com foco em soluções para um mundo melhor.

- Da biblioteca escolar a “Biblioteca escolar comunitária”

Consiste na abertura da biblioteca escolar para atender também aos funcionários e familiares, além disso, que desenvolva projetos com a comunidade do seu entorno, relacionados à área de promoção da leitura e da literatura e de letramento informacional. Projetos elaborados pelos bibliotecários, com apoio dos professores, e realizados com os alunos. (Atividades de mediação da leitura, de alfabetização digital, de colaboração com bibliotecas comunitárias, de melhoria de acesso à leitura para deficientes, de letramento digital...). Com isso, desenvolver nos alunos o senso crítico e o compromisso social.

- A biblioteca escolar como espaço de interdisciplinaridade

A biblioteca é o grande espaço de interdisciplinaridade na escola e também é o espaço do estudo coletivo. Aproveitar-se dessa vocação e propor projetos que promovam diálogos entre os conteúdos e resultem em produtos que possam oferecer à sociedade respostas para problemas ainda não estudados. Adaptar seus espaços com mobiliário e equipamentos tecnológicos que deem suporte para os grupos de estudo. Conectar-se com outras instituições e grupos de pesquisa. Estes são objetivos de uma biblioteca escolar de acordo com as demandas culturais e informacionais da atualidade.

Os apontamentos que apresento a partir da minha perspectiva de bibliotecário escolar, de acordo com minha experiência, indagações e leituras, levam-me a concluir que vivemos não apenas o tempo da explosão de informação, mas também o apogeu da valorização da cultura escrita como um bem público, o que

torna a biblioteca escolar uma dimensão da escola essencial para a formação de cidadãos mais autônomos, críticos, lúcidos e livres.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BELUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de Mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. Bauru: Cá entre nós, 2007.
- BRASIL. Decreto nº 63.914, de 26 de Dezembro de 1968. **Diário Oficial da União**, Poder executivo. Brasília, DF, 26 dez. 1968. Seção 1. p. 11204.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. LEI Nº 12.244, de 24 DE MAIO DE 2010. **Diário Oficial da União**, Poder executivo. Brasília, DF, 24 mai. 2010.
- CAMPELLO, Bernadette Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CASTRILLON, Sílvia. **Biblioteca escolar e comunidade**. Palestra realizada no III Encontro Escola Sesc de Bibliotecas Escolares. 25 set. 2013.
- LENGEL, James. **7 steps to better schools**. New York: Teachers College Press, 2012.
- MAROTO, Lúcia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessário necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SILVA, Jhonatan Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. **Revista ACB**, Florianópolis. V. 16, n. 2. 2011.
- VALIO, Else Benício Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-informação**, Campinas. V.2, n.1, janeiro/abril. 1990.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-H>

Vagner Amaro é bibliotecário na Escola SESC de Ensino Médio (RJ). Mestrando em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É graduado em Biblioteconomia por esta mesma instituição e em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá, onde também se especializou em Gestão da Cultura.

Biblioteconomia Social: as leis de Ranganathan numa biblioteca prisional

Catia Lindemann

Obter o título de bacharel em Biblioteconomia dentro de uma Ciência Social Aplicada, área de respaldo técnico, e aceitar esta verdade como única sempre me causou inquietude ao longo do curso. Ora, para o senso comum, a biblioteconomia forma profissionais aptos a lidarem com a técnica de organização, gestão e representação das obras do conhecimento, ficando sempre a imagem de uma profissão estereotipada em bibliotecas. Aliás, a maioria das escolas de Biblioteconomia ainda segue nessa diretriz de bibliotecário versus biblioteca formal (universitária, escolar, pública, etc.).

No entanto, dentro da atualidade, o bibliotecário vive sua multidisciplinaridade, atuando além das fronteiras das bibliotecas tradicionais, ousando dizer que a Biblioteconomia é em verdade o bibliotecário, acompanhando-o onde quer que ele esteja, não dependendo da técnica para existir, mas do usuário, agregando informação e conhecimento em comunidades, sendo fator ativo nas discussões sociais. Exemplo disso são as bibliotecas prisionais, espaços em que por experiência própria eu posso lhes dizer que a técnica precisa ser totalmente readaptada e quase sempre reinventada.

Quando fui implantar a atual biblioteca da Penitenciária do Estado aqui na minha cidade (Rio Grande - RS), cheguei cheia de expectativas e visando colocar na prática o que havia aprendido enquanto teoria em sala de aula. Busquei respaldo na cadeira de “Planejamento de Bibliotecas” e depois de medir espaço físico, analisar posição das estantes, priorizar cuidados de preservação do acervo, pronto,

eu fui e fiz tudo como roga a “técnica”, me sentindo a tal bibliotecária que havia aprendido a lição perfeitamente e só precisava transformá-la em ação. Depois de tudo pronto em seu devido lugar, entra o chefe de segurança da prisão, olha com atenção cada mobiliário da biblioteca e passa pelas estantes observando calmamente os detalhes. Alguns minutos depois, ele me olha sério e num tom enfático me diz:

- “Ora Dona Catia, isso tá tudo errado. As estantes não podem ficar assim nestas colunas horizontais”.

Eu pensei cá comigo: “O que ele sabe de Biblioteconomia? Vou explicar que tudo deve ficar assim porque eu estudei para isso e sei como deve ser feito”. Respirei fundo e apenas argumentei o porquê do local de cada mobiliário dentro da biblioteca. Ele me ouviu atentamente e passando a mão na cabeça, já rindo de minha ingenuidade, me disse:

- “As regras são muito bonitas Dona Catia, mas isso a senhora faz numa biblioteca lá fora. Aqui nossa prioridade é a segurança, portanto, melhor seus livros aqui pegarem o sol que vem dessas grades (a biblioteca foi montada numa cela desativada) do que a senhora ficar mantida refém de algum preso. Isso aqui não tem sequer linha de tiro Dona. Como vamos visualizar um preso atrás das estantes? Não pode né? Linha de tiro é prioridade”.

No cárcere, foi preciso adequar a Biblioteconomia para que a biblioteca de fato pudesse existir. Tudo que aprendemos como teoria é contraposto quando se trata de biblioteca prisional. Olhar aquele espaço e lembrar-se de “Planejamento de Acervo”, mas lembrar de que lá dentro a priori é não é o que roga a Biblioteconomia e sim a segurança.

Como se tratava de leitores com suas especificidades, averigui que somente os procedimentos bibliotecários não surtiriam os resultados desejados, ou seja, não bastava catalogar e classificar as obras literárias, mas apresentar os livros aos usuários apenas, buscar alternativas para a sua compreensão em torno da localização das obras nas estantes. Seguir o método de classificação dentro da técnica bibliotecária não proporcionou que os apenas tivessem autonomia na hora de buscar a leitura. A biblioteca enquanto espaço destinado às obras e a leitura, deve seguir a técnica da biblioteconomia e colocar em prática tudo que nos foi e é ensinado em sala de aula, porém a biblioteca enquanto ferramenta social destinada ao apenas, não tem como seguir sozinha sem estar respaldada pelo respeito às regras do cárcere e principalmente respeito à cultura do preso.

Todas estas questões me fizeram rever as leis de Ranganathan, consideradas como fundamentais para a Biblioteconomia. Mas como seguir tais diretrizes dentro do cárcere?

Os livros são escritos para serem lidos – Os apenados são em sua maioria virgens na leitura, sem contar que uma grande massa deles possui dificuldade em ler. Então como lhes dizer: “Leiam, afinal, os livros foram escritos para serem lidos”. Foi preciso fazer uma mediação de leitura entre o apenado e o livro, contando-lhes parte das histórias, buscando títulos que viessem a cativar os presos e chegar até eles fazendo-os acreditar que aquela obra haveria de lhes trazer algum alento dentro do cárcere, apontar que livros são pontes no caminho da Educação e que esta pode servir como redução de pena.

Todo leitor tem seu livro – Sim, todo leitor tem algo peculiar que lhe chama atenção. Mas como saber disso dentro do cárcere, onde há mais de mil apenados? Não há como chegar até todos, uma vez que apenas poucos frequentam a biblioteca, os demais recebem obras direto nas galerias. Mas descobri que no cárcere existe o efeito “dominó”, que basta você atingir um e terá conseguido acertar os demais. Exemplo disso foram os presos das celas do seguro (celas de segurança para presos ameaçados por outros presos), que de modo direto, sem meias palavras foram logo salientando que “detestavam livros”, mas observei que um deles desenhava num papel e levei livros sobre desenhos e saí antes que ele pudesse rejeita-los. O resultado deu-se em poucos dias, quando o mesmo preso solicitou mais obras sobre o mesmo assunto e diante daquele quadro, outros apenados, da mesma cela do seguro, também fizeram o mesmo. Os que gostavam de escrever poesias queriam livros apenas de poesias, os que faziam artesanato, queriam obras sobre este assunto e apenas deste modo se fez valer a segunda lei da biblioteconomia.

Todo livro tem seu leitor – Por muitas vezes fiquei estática olhando as estantes e tentando assimilar quais obras eu deveria levar para as galerias. Como saber qual daquelas obras teria o seu leitor? Hoje tenho ciência exata de que esta terceira lei só é e pode ser compreendida depois que você passa a conhecer as regras exatas do local em que está inserida a sua biblioteca, pois no caso do cárcere, nem todo o livro tem o seu leitor, apenas os livros que o sistema permite chegar ao seu leitor, caso das obras de direitos humanos, censuradas pelo sistema.

Poupe o tempo do leitor – Poupar o tempo do leitor na cadeia? Infelizmente isso vai contra o que mais existe para o preso no cárcere: o tempo. O leitor apenado não quer seu tempo poupado, por isso os intitulo como “usuários especiais”, pois para eles, ler é sentir que o tempo vai passar mais depressa, não que tenham pressa, mas que o tempo da procura da obra e da leitura propriamente dita seja tão longo que os faça desaperceber que lá dentro a hora não passa.

Uma biblioteca é um organismo em crescimento – Esta última lei da Biblioteconomia é exatamente o que acontece na biblioteca prisional. Começamos com meras centenas de obras e em pouco ultrapassamos a casa dos milhares. Mas eu somo nesta lei a realidade do cárcere, onde infelizmente, para cada cinco leitores que ganham a liberdade, entram mais dez ou vinte. Ou seja, sempre temos cada

vez mais usuários e o crescimento do acervo da biblioteca não consegue atingir esta velocidade criminal, onde o cárcere, ao contrário da biblioteca, é o grande organismo em crescimento.

Depois de fazer esta analogia das leis de Ranganathan aplicadas a uma unidade de informação prisional, finalmente compreendi que o fazer bibliotecário não está centrado nas regras, na teoria aprendida e tão pouco naquilo que “deve ser feito”, mas primordialmente dentro do que “pode ser feito”, ainda que tenhamos de rever conceitos e modificar preceitos.

Portanto, foi exatamente esta interação entre a técnica e o social foi que me fez conceber o que intitulo de Biblioteconomia Social, lembrando que dentro da contemporaneidade, talvez seja preciso idealizar a técnica bibliotecária mencionando também a responsabilidade social que a cerca, pois não classificamos e catalogamos apenas os livros, mas saberes acima de tudo.

Temos então uma grande dissensão dentro da Biblioteconomia, de um lado a tradição humanista, pragmática, a qual o bibliotecário tem relação erudita e filosófica no desempenho de suas atividades e grande crítico cultural, tornando o seu usuário como o centro de tudo, ou seja, uma Biblioteconomia Social. Por outro lado, temos também a biblioteconomia tecnicista, baseada na teoria da representatividade, onde o bibliotecário passa a ser especialista documental, um classificador que reconhece, identifica e representa a informação. Suas ferramentas são a CDD, CDU, etc., além do uso das tecnologias produzidas pelo homem. Mas lembremo-nos que esta Biblioteconomia pode não funcionar quando nosso espaço é composto por leitores em que a maioria não concluiu o ensino fundamental e tecnologia em um lugar que sequer possui livros é luxo, embora necessário. Contudo, numa prisão, na periferia, área rural ou locais que nem tem acesso às obras do conhecimento, o sistema “www” é inexistente.

Relembro o nosso juramento de Biblioteconomia, que carrega o peso da responsabilidade social Bibliotecária quando cita: “Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana”. (CFB, 1966).

Considero como palavras-chaves juramentadas pela profissão exatamente o que tange: Humanidade, Liberdade e Dignidade da Pessoa Humana. É esse o papel do bibliotecário hodiernamente, ou seja, facilitar o acesso, mediar informação para os cidadãos, como ferramenta para exercer sua cidadania e quando o bibliotecário consegue utilizar o seu fazer profissional de maneira pragmática e humanista, temos então a representatividade da Biblioteconomia Social, somando e fazendo a diferença nas comunidades com diferenças tão distintas dentro da sociedade.

Mas e o que se tem discutido sobre Biblioteconomia Social dentro da Ciência da Informação? Minhas ações me levaram a crer, durante um bom tempo, que eu

sempre pratiquei uma Biblioteconomia Social, mas e o que de fato vem a ser esta temática dentro da área enquanto cientificidade? O social biblioteconômico já é uma realidade dentro da Ciência da Informação?

Dentro da minha percepção, implantar unidades de informação em presídios, espaços de leitura em hospitais, salas comunitárias da periferia da cidade, casa de tratamento e recuperação de dependentes químicos, era isso o que até então eu rotulava como Biblioteconomia Social. Mas quando fui colocar estas ações dentro da teoria, compreendi que havia lacunas, dúvidas e muito a ser pesquisado, analisado e assimilado sobre este assunto. Fui à busca destas e outras tantas inquietudes sobre o tema em minha monografia, investiguei respostas, delineei o termo Biblioteconomia Social em nível de Brasil, almejando conceber onde de fato encontrar-se à ligação do Social dentro do Aplicado nesta Ciência denominada Biblioteconomia. Digo-lhes, que em minha concepção, a Biblioteconomia Social pode ser encarada como elo entre a técnica tradicional da Biblioteconomia e o social contemporâneo.

Hoje os tempos são outros, em pleno século XXI, com uma sociedade que luta por igualdade, isso inclui o acesso à informação, os direitos humanos buscando consciência cidadã por parte dos profissionais de todas as áreas, não há mais razão em querer nivelar a Biblioteconomia atual da Biblioteconomia Deweyniana de quase 200 anos atrás.

Talvez esteja na hora de dar uma nova roupagem para as Leis de Ranganathan e assim trazê-las para a realidade da Biblioteconomia Social, tendo como objetos centrais a cultura e as deficiências de comunidades em que a biblioteca ainda não está presente.

Teríamos então Leis da Biblioteconomia atuando em prol de Bibliotecas + Sociedade = Igualdade Social, compreendendo que:

- *Os livros são escritos para serem lidos **por todos**;*
- *Todo leitor tem seu livro, **desde que você conheça o seu leitor**;*
- *Todo livro tem seu leitor, **se o princípio em que o leitor estiver permitir que assim seja**;*
- *Poupe o tempo do leitor, **se o leitor assim desejar**;*
- *Uma biblioteca é um organismo em crescimento, **deve sempre acompanhar o crescimento da comunidade em que está inserida**.*

Compreendo que não pode haver menosprezo ao tecnicismo bibliotecário, pois sua existência é essencial para dar funcionalidade à biblioteca como prestadora de serviços. Sem uma boa técnica, qualquer outro caminho galgado pela biblioteca fica disperso. É preciso dar fundamentação no tratamento técnico da informação

para que deste modo a finalidade social da biblioteca possa atingir seu objetivo. Entretanto, deve-se ressaltar que no caso de bibliotecas prisionais, o usuário vem atribuído de outras facetas que o tornam mais do que um número estatístico de serviços prestados e atendimentos realizados, mas sim um usuário-interesse, usuário-indivíduo com existência social e psicológica, atribuindo deste modo um contexto maior dentro do “usuário-cartão de empréstimo”.

Dentro do cárcere, a Biblioteca é um agente institucional, porém temos o Bibliotecário que em contrapartida é um agente humano. Nenhuma instituição pode ser agente de transformação sem o senso de seu próprio valor, especialmente a biblioteca prisional.

Será que já não está na hora da nossa Biblioteconomia sair da sua zona de conforto da cientificidade e perceber que os tempos são outros, que urge a necessidade de uma Biblioteconomia Social e voltada única e exclusivamente para o seu usuário?

Concluo minhas percepções assumindo que estou longe de ser uma expert da academia e tão pouco tenho bagagem científica. Mas tenho legado e ele está nos quetos, nas salas de leitura e nas bibliotecas que já montei. Lugares em que antes os livros jamais estiveram... Espaços em que as regras bibliotecárias precisaram dar espaço às regras do local.

Mas este é o meu jeito de fazer Biblioteconomia, como sempre digo, sou uma mistura das palavras do Edson Nery da Fonseca com as menções do Fernando Pessoa, tipo isso: “Eu não tenho sequer pós-graduação, não tenho mestrado, doutorado, tenho apenas um bacharelado em uma ciência que ninguém leva a sério chamada Biblioteconomia... À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

E você, tem praticado a “Humanidade, Liberdade e Dignidade da Pessoa Humana” ao do seu fazer bibliotecário na comunidade em que está inserido?

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-I>

Catia Lindemann é bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande. Vem refletindo sobre a atuação do bibliotecário em unidades prisionais e sobre o papel social da Biblioteconomia.

Barca dos Livros: uma biblioteca com alma

Rosangela Madella

Tânia Piacentini

Tanira Piacentini

A Biblioteca Comunitária Barca dos Livros foi idealizada pela Sociedade Amantes da Leitura, cujo objetivo, em dez anos de existência, tem sido difundir a leitura como instrumento de afirmação cultural e de cidadania. Conta com um acervo catalogado de mais de 15.000 livros, atualizado anualmente com livros novos, recebidos das editoras em decorrência do trabalho profissional do Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) como votante junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

A cidade de Florianópolis é carente de bibliotecas públicas: há uma no centro da cidade e outra no bairro do Estreito. A Lagoa da Conceição, onde se localiza a sede-porto da Biblioteca, reúne cerca de 40 mil pessoas, das quais 5.000 crianças e jovens escolares. A Lagoa, como é conhecida, é um bairro de confluência de várias localidades tradicionais do seu entorno, e ao mesmo tempo atrai turistas de todos os lugares, não só pelas belezas naturais como por sintetizar o apelo ao lado "mágico" da chamada Ilha da Magia. Rica em atrativos turísticos, a região "esqueceu-se" de seus moradores nativos, restringindo-lhes (devido aos preços muitas vezes impeditivos) o acesso aos bens culturais a que todo o cidadão tem direito - e a leitura certamente é direito inalienável e fundamental para a formação da cidadania.

A formação do leitor exige um permanente e renovado contato com textos escritos disponíveis sob a forma de livros, revistas, jornais, em lugares e contextos motivadores da leitura. É a biblioteca o lugar mais adequado para que o direito a essa convivência seja incentivado e exercido por todo cidadão de qualquer classe social e de qualquer idade. Para a sua formação como leitor, então, o acesso à leitura literária é fundamental e decisivo desde cedo, pois a literatura auxilia no desenvolvimento e enriquecimento ético, estético e afetivo de todas as pessoas. Por comungar totalmente com essa premissa, nos definimos como uma biblioteca de

literatura e artes, sendo nosso acervo especializado em literatura infantil, juvenil e para adultos, em língua portuguesa e línguas estrangeiras (inglês, francês, alemão, italiano).

A relevância das bibliotecas públicas ou comunitárias, através de sua função de difusora e facilitadora do acesso ao conhecimento da cultura escrita, precisa ser resgatada como um dos elos mais democráticos da reivindicada igualdade social.

Um dos maiores fatores de inclusão social é, necessariamente, o acesso aos bens culturais impressos, a inclusão cultural. Com o objetivo de formar leitores, a leitura não pode ser um trabalho esporádico; é prática cultural, experiência, prazer, identificação, alimento para o imaginário, compreensão da realidade, conhecimento de novas culturas, forma de interação com o outro, descoberta de novos mundos e, portanto, de contato com as diferenças culturais, étnicas, linguísticas, sexuais, propiciando o aprendizado do respeito e a convivência com essa diversidade de que se compõem a humanidade e o mundo grande que se apequena e se aproxima com as novas tecnologias.

A Barca dos Livros, portanto, tem como proposta a realização de ações educacionais e culturais, direcionadas à formação de um público leitor, voltadas preferencialmente para crianças e adolescentes, sem descuidar da necessária capacitação dos mediadores de leitura (professores, arte-educadores, agentes culturais comunitários). Suas ações facilitam o acesso ao livro e à leitura, promovendo uma política de leitura e cultura, lazer e entretenimento que mobiliza cerca de mil e quatrocentas pessoas mensalmente. Espaço privilegiado para o encontro entre o livro e o leitor, com espaços especiais para diferentes faixas etárias e atividades específicas, a Biblioteca Comunitária Barca dos Livros cumpre seu papel a) na formação do leitor através do atendimento diário e especializado ao leitor de todas as idades e o incentivo à leitura, com a realização de atividades como narração de histórias, leitura em voz alta, teatro infantil, espetáculos musicais, cursos e oficinas, etc; b) na formação do mediador através de cursos e oficinas; c) e a inclusão social se consolida com a participação ativa e constante dos membros das várias esferas da sociedade: as visitas das escolas, a doação de livros para outras instituições (Biblioteca Bilica, escolas públicas de Florianópolis e Grande Florianópolis, instituições de educação não formal), a participação gratuita ou a preços simbólicos nas diversas atividades culturais realizadas na Biblioteca ou na comunidade, para que a leitura se torne parte de cada um, e cada um desses leitores possa replicar seu amor aos livros e transformar sua capacidade leitora em participação consciente e cidadã na vida pessoal e comunitária. É este o papel de uma biblioteca: investir, de forma lúdica e atrativa, na valorização social da cultura letrada e na formação de leitores (crianças, jovens e adultos). Sabemos que essa tarefa não é fácil, principalmente num país sem tradição de leitura, cuja população atinge como índice de leitura apenas quatro livros por ano – e se considerada apenas a leitura espontânea, chega-se a pouco mais de um livro por ano (Retratos da Leitura no Brasil).

Objetivo Geral: ampliar as oportunidades de acesso ao livro e à leitura, garantindo o atendimento especializado aos leitores e a realização de atividades de fomento e incentivo à leitura, visando à inclusão cultural e social.

Objetivos específicos:

1- Estimular o hábito de leitura em crianças, jovens e adultos da região da Lagoa e adjacências, contribuindo para a formação de uma sociedade leitora;

2- Possibilitar o encontro prazeroso entre o leitor, o autor e o livro, através de atividades que lhes permitam interagir em diferentes contextos;

3- Capacitar os leitores para a fruição da leitura como resultado de uma construção permanente e cumulativa;

4- Oportunizar a criação e o desenvolvimento de um olhar plural diante do mundo, através do conhecimento de diferentes culturas e formas de viver, ampliando a capacidade de convivência com a diversidade cultural, linguística e social;

5- Contribuir para a democratização do acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade;

6- Promover a leitura do livro de literatura através dos eventos literários, enfatizando as atividades dirigidas a crianças e adolescentes e atingindo leitores de todas as idades;

7- Oferecer uma atualização contínua na formação de mediadores de leitura através de oficinas e cursos nas áreas de leitura, literatura, história do livro, ilustração, arte gráfica, entre outros;

8- Ampliar as oportunidades de inclusão cultural para crianças, jovens e adultos.

AÇÕES DESENVOLVIDAS

AÇÕES DIÁRIAS

a) Biblioteca: empréstimo gratuito de livros - de terça a sábado/14h-20h.

b) Registro fotográfico e ou filmagem das atividades desenvolvidas.

AÇÕES SEMANAIS

a) Terça Encontros: formação permanente em narração de histórias;

b) A Escola Vai à Barca: visita de escolas à biblioteca, com acesso livre aos livros e sessão de leitura em voz alta e narração de histórias.

c) Leitura Literária – Grupo Aberto de Discussão. Encontros semanais para discutir questões pertinentes a vários aspectos da leitura e da literatura para crianças;

d) Quartas de Babel – Grupos de conversação na Biblioteca: inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e português para estrangeiros;

d) Quintas Literárias: leitura compartilhada em voz alta de títulos variados, à escolha dos participantes;

e) Divulgação: newsletter com programação (8.000 e-mails), resenhas de livros e notícias semanais. Atualizações do site.

f) Núcleo de Estudos e Pesquisas em Literatura: análise do acervo, crítica de livros, produção de resenhas, comentários e textos sobre as obras literárias. Compõe a comissão avaliadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que estabelece 17 premiações anuais em nível nacional. Além disso, o NEP é responsável pela apresentação das obras dos vestibulares na atividade específica.

AÇÕES MENSAIS

a) Histórias na Barca dos Livros: 2º sábado de cada mês, dois passeios de barco na Lagoa da Conceição, às 15h e 16h, com livros, leituras, narração de histórias e música.

b) Sarau de Histórias: narração de histórias para jovens e adultos; sempre no último sábado do mês;

c) Encontro com Autores/Ilustradores/artistas diversos: conversa sobre o processo criativo, obras, relação texto/ilustração, leitura de trechos de obras, lançamento de livros, etc.

d) Literatura no Vestibular: apresentação e debate de obras para vestibulares UFSC/UDESC.

e) Além dessas atividades, também são realizados eventos de música, literatura, teatro, recitais de poesia comemorando datas e escritores (por exemplo: mês da criança, centenário de Carlos Drummond de Andrade, sesquicentenário do poeta Cruz e Souza, Dia Nacional do Surdo, etc.).

AÇÕES BIMESTRAIS

a) Cursos e oficinas na área do livro e da leitura: escrita criativa, e-textos, conservação de livros, narração de histórias, leitura em voz alta, leitura de poemas, poesia, literatura infanto-juvenil, confecção de personagens (bonecos), etc.

AÇÕES TRIMESTRAIS

a) Exposição/Galeria: exposições de artes plásticas (pintura, fotografia, gravuras, gravuras digitais, cerâmica etc.), obras/registros de atividades de grupos culturais (Grupo Sul, por exemplo) - exposições de curta duração com visitação monitorada e ou conversas com os autores para grupos agendados.

b) Gastronomia e literatura / A Poesia Põe a Mesa – eventos reunindo jantar ou lanche com poesia, leitura de trechos de obras literárias, preços variados.

AÇÕES ANUAIS

a) Abril com Livros: evento para troca de saberes/experiências e encontro entre leitores e cultura escrita. Exposição dos resultados das ações anuais e celebração do Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil (02/04), Dia Nacional do Livro Infantil (18/04) e Dia Mundial do Autor e do Direito Autoral (23/04), com atividades específicas durante todo o mês. Ministração de cursos e atividades lúdicas em escolas e bairros da cidade e do estado de Santa Catarina, etc. Profissionais envolvidos: Equipe da Biblioteca e voluntários.

b) Participação na Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, realizada nos meses de junho/julho, com a montagem de uma sala de leitura desde 2007.

c) Participação na Semana Municipal do Livro Infantil de Florianópolis, com programação especial para as escolas, em todas as edições da Semana.

AÇÕES ESPECIAIS

a) A Sociedade Amantes da Leitura já editou dois livros infantis: O Patinho Feio, em parceria com o SESC/SC, e O Perseverante Soldadinho de Chumbo, em parceria com a Editora Peirópolis. Traduções do dinamarquês por Tabajara Ruas, ilustrações do primeiro por Fernando Lindote e do segundo por Jandira Lorenz.

b) Projeto Bebelê: Gestando Leitores – Em 2013, a Biblioteca Comunitária Barca dos Livros candidatou-se ao **Prêmio de apoio à modernização de bibliotecas comunitárias e pontos de leitura**, da Biblioteca Nacional e foi contemplada. De fevereiro a agosto de 2014, desenvolvemos, como projeto – piloto,

o “Bebelê: Gestando leitores”, junto a gestantes, pais e bebês, tendo como objetivo final o desenvolvimento do hábito de leitura literária na família desde antes do nascimento do bebê, assim como o desenvolvimento do imaginário infantil.

A promoção da leitura na infância se faz também através da voz dos pais e que a história do ser humano como sujeito de linguagem se inicia ainda no útero. O projeto trabalhou no sentido de orientar o grupo familiar, cuidadores, professores, agentes de saúde e mediadores de leitura a oferecer aos bebês uma base simbólica através de cantigas e histórias contadas e cantadas, que são as primeiras espécies literárias com as quais a criança tem contato antes e depois do nascimento. Ao realizar atividades com livros e leituras, a inserção do bebê e da família no mundo da leitura literária ocorre de maneira prazerosa.

A Sociedade Amantes da Leitura implantou o projeto Biblioteca Barca dos Livros como uma alternativa no campo informacional, agregando valor para a comunidade, em especial da Lagoa da Conceição. Analisando o lado cultural do projeto, onde o fluxo das informações está acontecendo e o reconhecimento pela comunidade é significativo, evidenciado na frequência e nas visitas das escolas, torna-se de fato um espaço para a cultura, a informação e a leitura de literatura, contribuindo para a formação de cidadãos capazes de trilhar seus próprios caminhos com acesso à leitura com qualidade. A proposta da Biblioteca Barca dos Livros é estimular a leitura para a criatividade, desenvolver a compreensão e interferir no desenvolvimento do ser humano, possibilitando a tomada de atitude crítica e intelectual, preparando o indivíduo para as diversidades da sociedade da informação. A leitura estimula a imaginação, distrai, informa e contribui para o conhecimento.

Não basta, pois, ser alfabetizado e ter vontade de ler. É preciso que existam livros, revistas e jornais para que sejam lidos. Há, enfim, um caminho longo entre o homem e as circunstâncias de onde vive. Se o meio for generoso e oferecer oportunidades, o indivíduo poderá, com a educação formal, com as leituras e demais fontes de informação ter mais autonomia para pensar e agir. (MILANESI, 2002, p. 35).

É possível afirmar que a Biblioteca Barca dos Livros é uma biblioteca viva, que além de possuir um riquíssimo acervo de literatura, desenvolve oficinas, palestras, minicursos para seus frequentadores. Um espaço aberto, dinâmico, agradável, que proporciona, além de entretenimento, um espaço de interação sociocultural para a comunidade da Lagoa da Conceição e adjacências. A alma da Barca dos Livros se expressa nos sorrisos dos leitores, na alegria das crianças, na emoção das pessoas de todas as idades que participam de nossas atividades e vêm à Barca para buscar livros, trocar impressões, enfim, participar do encantamento e afetividade que o mundo dos livros empresta à vida cotidiana.

REFERÊNCIA

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê, 2002. 116 p.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-14>

Rosangela Madella é mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina e bibliotecária pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Tânia Piacentini é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, diretora geral da Sociedade Amantes da Leitura e coordenadora da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros.

Tanira Piacentini é especialista em Teoria da Literatura e voluntária na Biblioteca Comunitária Barca dos Livros.

TERCEIRA PARTE

ATITUDES

Bibliotecários: é necessário queimar pontes

Fabíola Bezerra

Conta a lenda que um general chinês foi para a guerra e o campo de batalha acontecia em uma ilha. Para ter acesso a essa ilha era necessário atravessar uma ponte, e lá se foi o general com seus soldados. Embora com medo, os soldados não tiveram outra opção e atravessaram a ponte. Ao passar o último soldado pela ponte, o general ateou fogo à ponte e nenhum deles teve como recuar. Observando os soldados cheios de medo e diante da ponte em chamas, o general olhou para eles e disse: “só existem duas únicas alternativas que são: lutar e ganhar a guerra, ou perder a guerra e morrerem todos, desistir não é uma opção”.

A metáfora contida na história acima retrata muito bem as situações em que nos deparamos e nas quais não temos como voltar atrás, a única opção é seguir em frente e aceitar novos desafios. Associados à história acima nos veio à mente alguns discursos desanimados, de um bibliotecário ou outro, diante do mercado de trabalho, ou mesmo diante da profissão. Observamos um movimento no campo de atuação do bibliotecário voltado quase que exclusivamente para o trabalho no serviço público, como se este fosse o único caminho a percorrer profissionalmente, ou a única ponte possível a atravessar.

Fala-se muito de uma Biblioteconomia renovada com as múltiplas possibilidades advindas das tecnologias da informação e comunicação. No entanto, caminhou-se muito pouco em busca de novos horizontes. O trabalho moroso do processo técnico foi substituído pela agilidade de poderosos sistemas de automação e gestão de bibliotecas, o sistema foi agilizado, mas alguns “operadores” parecem ainda estar na época da máquina de pedal.

Por onde andam os “generais chineses” que farão os bibliotecários atravessarem suas pontes? Qual guerra precisará vir para que atravessem a velha ponte e nunca mais pensem em voltar?

Empreendedorismo, uma ponte possível para atravessar

O campo de atuação dos Bibliotecários está diretamente relacionado com a ideia que cada profissional tem acerca da sua profissão. Parafraseando a ideia de David Lankes, resalto que muitos bibliotecários estão apenas sobrevivendo na profissão ao invés de inovar. Algumas vezes, o bibliotecário vê a Biblioteconomia numa perspectiva errada e encontra dificuldades de vislumbrar novas pontes. Reconheço que nem todo bibliotecário tem o perfil inovador ou “revolucionário”, dificultando assim seguir em frente em busca de novos desafios. Porém, os que se “aventuraram” conseguiram queimar suas próprias pontes, e com certeza foram bem-sucedidos.

O empreendedorismo voltado para Biblioteconomia, ou, dito de outra forma: a Biblioteconomia voltada para o empreendedorismo é um tema que tem despertado interesse e estudos de alguns profissionais na área. Particularmente, vejo com simpatia o assunto e vislumbro como uma ponte possível a se atravessar.

Entendo o empreendedorismo, acima de tudo, como uma postura, uma decisão, um comportamento motivado por uma disposição interior, uma maneira de ser e estar no mundo, uma questão de atitude.

A disposição interior ou a motivação que nos leva à tomada de decisões está diretamente relacionada à maneira pela qual vemos o mundo, é como um mapa formado pelas nossas crenças e valores; a isso se chama de *mindset* (jargão corporativo da língua inglesa), a maneira como percebemos o mundo. A aplicação do seu *mindset* voltado para ações inovadoras e empreendedoras irá definir o tipo de bibliotecário que você será, uma vez que, traduzindo ao pé da letra, *mindset* significa mente configurada, ou configuração da mente.

Pensar o empreendedorismo na Biblioteconomia é, antes de tudo, mudar o padrão de pensamentos dos bibliotecários. A criação desse novo *mindset* será uma ferramenta essencial no processo de construção do bibliotecário empreendedor. Aprender a dar os comandos certos para o cérebro, redefinindo-o para identificar aonde você quer chegar, alinhando a sua mente e aumentando as próprias expectativas de atuação profissional.

Nesse sentido, pergunto: Como anda o *mindset* dos bibliotecários?

Acredito que tudo isso está relacionado com o modelo mental que temos acerca da nossa profissão, ou seja, a percepção sobre o universo biblioteconômico será o principal responsável por essa mudança. Dessa forma, é importante uma abertura de conhecimentos que vai além da Biblioteconomia. Assim como é importante entender a Biblioteconomia afora os conhecimentos adquiridos nos bancos da faculdade, uma Biblioteconomia multi, inter e transdisciplinar, atenta a tudo e a todos. Cada um de nós, enquanto bibliotecários, podemos mudar o nosso

futuro profissional a partir da nossa percepção. Nesse sentido, é importante criar novas expectativas na mente, não ter medo de atravessar pontes e depois queimá-las, atitudes assim serão capazes de mudar a nossa realidade profissional.

Não é raro ouvirmos de colegas bibliotecários queixas ou relatos de insatisfações sobre situações pontuais, ou mesmo sobre a própria profissão. Algumas vezes fico a pensar se essa insatisfação não foi motivada pela incompatibilidade com a profissão, ou, em última hipótese, pela falta de atitude em mudar a regra do jogo.

E você, já avaliou se está precisando buscar um novo *mindset* para a sua vida profissional? Está precisando de um oficial chinês na sua vida? Ou será capaz de atravessar a ponte sozinho?

Para quem “serve” a informação que eu domino?

Diz a frase: “quem tem informação tem poder”. Isso posto, pergunto: enquanto bibliotecário, o que faço com a informação que domino? Existe um sentimento de satisfação como profissional toda vez que consigo prestar um serviço de qualidade ao meu usuário. Muitas vezes, estudamos um assunto para dar uma informação precisa, ou uma resposta que agregue valor à vida do usuário. Mas efetivamente, o que fazemos com o conhecimento que vamos acumulando?

Analisando o lado prático da profissão, podemos dizer que teoricamente somos um dos poucos profissionais que temos o privilégio de poder estar sempre atualizados sobre os assuntos do mundo, uma vez que a nossa ferramenta de trabalho é a informação. Por que esse conhecimento adquirido não é retido e aplicado em benefício próprio? E que tal “estocar” o conhecimento adquirido e construir novas possibilidades de trabalho e de negócio? Não gosto de pensar na atuação do bibliotecário apenas como ser subserviente em prol do outro, nem tampouco achar que o campo de atuação profissional limita-se ao serviço público.

Alvin Toffler preconizou na década de 1980: “que a geração de riqueza passou das mãos da produção para as mãos da informação”. A economia da informação muda totalmente o conceito de valor, o “dinheiro está nas ideias, na informação”. A agilidade do profissional bibliotecário em transformar esse conhecimento em negócio será imperativo para ele, profissionalmente, pois lhe permitirá uma mobilidade social e profissional.

Tenho tido a oportunidade nos últimos tempos de adentrar um pouco no mundo do empreendedorismo e do marketing digital. Observo um aumento exponencial de infoprodutos comercializados por diferentes profissionais, a partir de suas habilidades únicas, sendo atualmente um dos principais produtos de empreendedores digitais. Infoprodutos são produtos de informação em formato digital, um dos mais vendidos na Internet. O objetivo de um infoproduto é resolver

um problema de um cliente ou facilitar de alguma forma a vida dele com relação a um tema abordado.

Muitos são os profissionais que por motivações ou necessidades diversas apostaram no mundo digital e mudaram radicalmente suas vidas. Sendo os bibliotecários profissionais que possuem domínio e técnicas em pesquisa, naturalmente são potenciais produtores de infoprodutos, uma vez que a criação de um produto digital envolve basicamente pesquisa, planejamento e confecção do produto.

Entendo que, a partir da criação de infoprodutos, os bibliotecários poderão criar seu próprio infonegócio. A grande vantagem é que, após a criação e a divulgação de maneira correta, a Internet faz o restante do trabalho sozinha durante 24h por dia, sete dias por semana. Como sugestão, citamos alguns tipos de infoprodutos:

- Uns mais populares, como os e-books;
- Vídeo-aulas/palestras;
- Ou mesmo, *screencasts*, que são vídeos filmados a partir da tela do computador, têm se tornado cada vez mais comuns na Internet; podem ser usados para criação de cursos;
- Audiobooks, que são livros narrados e compactos, geralmente em formato MP3;
- Incluímos finalmente na lista os Podcasts, que são gravações em áudio que simulam programas de rádio; podem ser usados para entrevistas ou discussões entre um pequeno grupo de pessoas.

A Internet criou um mundo de possibilidades, inclusive a de criarmos o próprio negócio. Vejo os infonegócios como uma possibilidade real de tornar os bibliotecários independentes, empreendedores e realizados profissionalmente.

Todas as pessoas possuem habilidades únicas, que são capacidades e ou agilidades de fazer algo com maestria. Algumas pessoas passam a vida toda sem descobrir suas próprias habilidades. Um segundo grupo de pessoas, embora conhecendo suas aptidões, não conseguem ou desconhecem a possibilidade de se beneficiar de suas próprias habilidades. Um terceiro grupo de pessoas consegue identificar desde cedo suas aptidões e criam ações de transformações em suas vidas a partir dessas habilidades únicas. A estas, chamamos de empreendedores.

No dicionário, a palavra “empreendedor” remete ao sinônimo de “arrojado”, e este remete a “valente, arriscado, aventureiro”. Associado a essas definições, acrescento o que julgo ser o grande diferencial do empreendedorismo: a possibilidade de emancipação de indivíduos. Dentro desse contexto, a ideia de

emancipação está além da questão financeira, principalmente pela liberdade que ela dá ao indivíduo de decidir e controlar o próprio destino.

Ao empoderar-se do conceito de empreendedorismo, o indivíduo cria novas expectativas e será capaz de mudar a própria realidade e a das pessoas à sua volta; se ele muda, tudo muda em seu entorno.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-L>

***Fabíola Bezerra** é doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade do Porto e mestre em Gestão da Informação pela mesma instituição. Bacharelou-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará, onde exerce a profissão atualmente. É idealizadora do Mural Interativo do Bibliotecário, no Facebook.*

Consumidor de informação 3.0

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Estamos na era digital e boa parte da vida contemporânea acontece por lá. No ciberespaço nos comunicamos, estudamos, trabalhamos, nos divertimos, pagamos nossas contas, compramos ou vendemos e muito mais. Temos perfis pessoais e profissionais nas mídias sociais, usamos aplicativos para saber o horário do ônibus ou chamar um táxi, controlar as calorias da nossa alimentação, saber a previsão do tempo.

A conexão em rede 24/7 está se tornando muito comum, uma vez que a noção de tempo e espaço foi alterada na sociedade contemporânea a partir da Internet. Assim como 'estamos' na era digital, a era digital começa a 'estar em nós' igualmente. Quando não procuramos a tecnologia, ela mesma nos procura dando alertas sobre o e-mail que chegou, as interações em seus perfis de mídias sociais, a hora certa de beber água/almoçar/jantar e por aí vai.

O smartphone nos avisa se temos reunião: com quem, onde e a que horas. Ele, sempre conectado à rede e aos humanos, nos faz alertas sobre o livro novo da biblioteca, o artigo quentinho que acaba de ser publicado e que muito nos interessa. Se, por acaso, consultamos preços de automóveis ou imóveis, ficamos recebendo e-mails com ofertas por meses, mesmo depois de fechado o negócio. A rede te 'conta' as novidades no *showbusiness*, na economia, na política, na vizinhança... Enfim, nós, os cidadãos da era digital, somos ávidos consumidores de informação de (quase) todo o tipo e em (quase) todo o tempo.

Em tempos digitais, os consumidores de produtos e serviços passaram não apenas a ser mais exigentes, mas também, pela facilidade de acesso e diversidade de opções, são mais autônomos e críticos em relação a seus direitos. A web social, ou web 2.0, abriu as portas que separavam consumidores e produtores permitindo o diálogo direto. Ficou muito mais simples e fácil pesquisar diferentes opções de

fornecedores e as plataformas para solucionar problemas eventuais nos processos de comunicação são bastante amplas e eficientes na maioria dos casos.

Dessa forma, as empresas e instituições presentes na Internet procuram ser muito cuidadosos com sua imagem e esforçam-se para resolver conflitos de forma rápida e educada, a fim de conquistar uma boa reputação no mercado online.

Quem nunca usou o Twitter, por exemplo, para dizer ao mundo que foi mal atendido, que o produto está atrasado na entrega ou chegou com defeito? Por outro lado, também são comuns recomendações de produtores e fornecedores que atenderam bem o consumidor dessa nova geração que foi “batizada” com o título de consumidor 3.0.

Consumidor 3.0

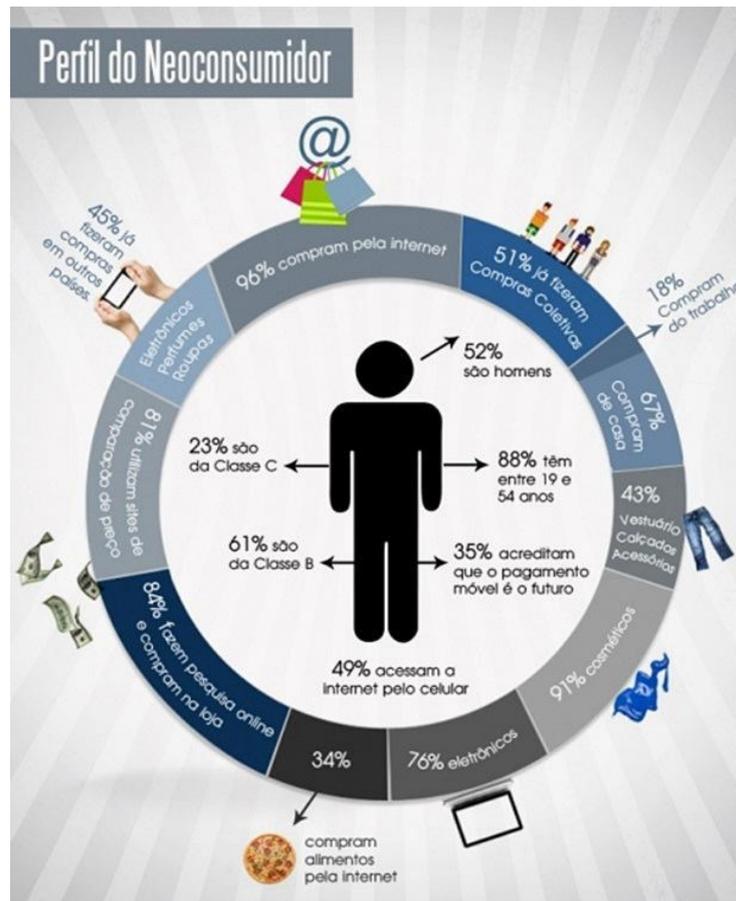
O consumidor 3.0 surge a partir do uso intenso das tecnologias de informação e comunicação e trata-se de um indivíduo conectado que interage no ciberespaço em diferentes plataformas e mídias sociais realizando suas atividades e tarefas cotidianas nesse ambiente.

Para o SEBRAE²¹, o consumidor 3.0 é:

Mais comunicativo e reivindicativo [...] realiza compras pela web e faz pesquisas em diversos sites antes de efetuar a transação, além disso utiliza ambiente multicanal para se informar sobre o produto e as condições de pagamento. Esse consumidor realiza suas compras e pesquisas sobre os produtos através da internet por meio de seus diversos ambientes de interação – redes sociais, blog, sites. Ele também é mais interativo, comunicativo, reivindicativo e opinativo, buscando maior comunicação com a empresa.

O infográfico abaixo, disponibilizado pelo blog Midiaría e publicado também por Lira (2012), apresenta o perfil do consumidor 3.0, também chamado como neoconsumidor:

²¹ <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Consumidor-3.0>



Fonte: Publicitários Social Clube (2012)

Esse consumidor chega a ambientes como restaurantes e lojas e logo realiza seu check-in em ferramentas de comunicação digital. Quer ser bem atendido e, se não for, imediatamente publica notas depreciativas em suas redes sociais da internet. Fotografava e compartilha suas experiências nesses ambientes e, assim, influencia novos e potenciais consumidores em sua rede de relacionamentos – ele deseja ser ouvido. (IMMAGIO, 20--).

Segundo Tocha (2014):

o consumidor 3.0 usa o celular dentro da loja para comparar preços. Curte e descurte produtos e empresas. Compra direto de fábricas na China. O consumidor 3.0 sai de casa com a decisão praticamente tomada. Muitas vezes ele chega na loja sabendo mais sobre o produto que o vendedor, querendo apenas ver o produto. E as vezes ele volta pra casa e compra online, por um preço melhor.

Além de percorrer sites de produtores e fornecedores, ele também valoriza a experiência de outras pessoas em suas compras. Assim é que decidir a respeito de qual hotel se hospedar em uma viagem, por exemplo, pode ter uma influência muito forte vinda dos depoimentos de pessoas que já estiveram por lá. Esse consumidor, portanto, tem como característica marcante uma forte autonomia advinda de um

processo decisório baseado em muita pesquisa: “lembre-se que quanto mais informado, mais exigente é o consumidor” (TOCHA, 2014).

Ferreira (2014) afirma que “as infinitas possibilidades de acesso a informações, serviços, entretenimento e relacionamentos, induzem qualquer um que esteja conectado a novos padrões na maneira como se expressa, consome e, também, na maneira como adquire conhecimento.”

Lima e Faria (2014) colocam como contexto e pano de fundo para o surgimento desse novo consumidor a chamada cultura da convergência a partir das ideias de Jenkins (2012), e afirmam que:

A convergência permite que os conteúdos e as informações circulem em vários meios ao mesmo tempo diferentemente do que ocorria quando eram utilizados apenas meios de comunicação de massa para disseminar os conteúdos, esta mudança cultural leva os consumidores a procurar novas informações em diversos meios levando o público a criar um comportamento migratório nos meios de comunicação, buscando experiências e conexões que agregam valor a esse consumidor e mais informações.

Nepomuceno (2015) discute que as mídias sociais descentralizaram a renda e empoderaram o consumidor oportunizando o livre mercado ou, melhor ainda, o liberalismo 3.0: “precisamos entender que vivemos no início de uma revolução cognitiva e temos hoje uma nova forma de “reputacionar” produtos e serviços, sejam eles estatais ou privados. Por isso, acredito que temos que falar hoje de liberalismo 3.0.” Nesse ‘liberalismo 3.0’, o consumidor tem o poder e encontra nas plataformas colaborativas digitais a possibilidade de participar ativamente com suas opiniões e avaliações.

De qualquer maneira fica patente o valor da informação para o consumidor 3.0 e a pergunta que me vem à cabeça é: será que existe um consumidor 3.0 de informação também?

Consumidores de informação 3.0

Nesse cenário de informação superabundante e ultrarrápida percebe-se a formação de um novo perfil de consumidores de informação, com características diferenciadas que valem a pena discutir.

Em primeiro lugar, este consumidor se utiliza de dispositivos eletrônicos para resolver suas questões de informação, fazendo buscas a partir de smartphones ou tablets conectados à Internet, independentemente de estar presencialmente em seu local de trabalho ou de estudos. Usa motores de busca como o Google para baixar textos e documentos de seu interesse.

Um dos fatores decisivos para essa mudança de comportamento foi a criação e popularização dos smartphones. O uso cada vez maior desses aparelhos

peçoais desbancou o uso de computadores e desktops em 2015 (IERVOLINO, 2015). Segundo o Google Mobile Day (2015, p.9):

o mobile formou novos comportamentos e hábitos que alteram como as pessoas passam por toda a jornada de consumo. Hoje, as batalhas pelos corações, mentes – e carteiras – são ganhas ou perdidas em micro-momentos, momentos de tomada de decisão e formação de preferências que acontecem ao longo dessa jornada [de consumo].

A grande estratégia de conquista aos fornecedores de produtos e serviços gerais mas também de informação, ainda segundo o Google, está em voltar a atenção ao seu público: “para entender esse momento e ter sucesso, precisamos entender primeiro as pessoas, depois a tecnologia” (op.cit., p.10). Por isso é tão importante delinear o perfil desse novo consumidor de informação 3.0.

Outra característica do consumidor de informação 3.0 é sua preferência pelo acesso rápido a textos mais curtos. O excesso de informação acabou criando uma escassez de atenção que, segundo Davenport e Beck (2001) deve ser gerenciada no mercado de informações da atualidade. Os autores definem atenção como o “envolvimento mental concentrado com determinado item de informação. Os itens entram em nosso campo de percepção, atentamos para um deles e, então, decidimos quanto à ação pertinente” (op.cit., p.25)

Nesta sociedade onde a informação é superabundante, verifica-se também uma “superabundância de informações concorrentes” exigindo o trabalho de estabelecer prioridades em relação a quais delas deve-se dar a devida atenção (op.cit.,p.24). Isso significa que quanto mais direta, pertinente e atraente for a informação, maiores serão as chances de que os interagentes²² a elejam como prioridade e dediquem seu envolvimento mental, ou seja, sua atenção.

Outra característica marcante do consumidor de informação 3.0 é que ele é ‘multitarefa’: “Uma pessoa multitarefa seria aquela capaz de responder a um amigo no WhatsApp, estudar matemática e ver uma partida de futebol na TV simultaneamente.” (RODRIGUES; ROSA, 2015). Dessa forma, capturar a atenção desse consumidor representa um desafio ainda maior, já que está pulverizada em diferentes ações praticamente simultâneas.

Esse consumidor é capaz de usar várias ‘telas’ ao mesmo tempo: enquanto assiste a um programa de TV, por exemplo, pode interessar-se em aprofundar seu conhecimento sobre um dos temas apresentados e buscar em seu tablet uma imagem ou texto referente a ele, muitas vezes postando em seguida em uma mídia social qualquer. Isso enquanto fala ao celular ou se comunica por WhatsApp, como visto acima.

²² O termo ‘interagente’ é uma proposta de substituição ao termo ‘usuário’. Para saber mais, acesse o artigo de CORRÊA, 2014 (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>)

Informação personalizada também é uma exigência do consumidor de informação 3.0: “O cliente quer ser servido pessoalmente [...] Personalização significa, por exemplo, elaborar o conteúdo de uma homepage de modo a que atenda às expectativas do usuário, independentemente da infraestrutura ou do equipamento de acesso que ele utiliza” (INFORMAÇÃO, 2002). Por isso, os fornecedores digitais esforçam-se por individualizar o atendimento e criar estratégias de marketing personalizadas.

Esse é o grande negócio do chamado ‘big data’: reunir dados de pesquisas na Internet e assim moldar ofertas de acordo com perfis e interesses de cada consumidor. Além do atendimento personalizado, o big data proporciona também relacionamento próximo entre consumidor e produtor, promoções ajustadas ao bolso de cada um, rápida solução de crises no processo de venda (FABULOSA IDEIA, 2013). Assim, ao alcance de um click os interagentes têm acesso à informação formatada de acordo com suas necessidades e interesses.

Por último, porém não menos importante, destacam-se as características a seguir, apresentadas por Helio Basso (2015) em palestra sobre OmniChannel²³:

- O novo consumidor quer ter o poder de se conectar com a marca nos mais variados canais (em qualquer horário, em qualquer local);
- Ele espera que toda tela ou espaço físico sejam interativo;
- Quer que cada desejo seja percebido e atendido prontamente, mesmo que não tenha havido uma comunicação prévia (interação consumidor-marca);
- Quer conveniência ao extremo, sem ter que falar com ninguém

É bom lembrar que, quando esse perfil é traçado, não estamos falando de uma realidade distante, mas estamos nos referindo a pessoas como eu e você, hoje, aqui e agora. A questão final proposta nesta reflexão volta-se agora ao universo das unidades de informação da atualidade, mais especificamente, das bibliotecas. Estariam elas preparadas para atender esse tipo de público conectado com perfil 3.0?

Consumidor 3.0 X bibliotecas 1.0

O subtítulo acima automaticamente responde à questão colocada ao final da seção anterior: não, nossas bibliotecas estão bem longe de atender ao consumidor de informação 3.0. Ainda há muito o que fazer para sairmos do contexto de biblioteca essencialmente analógica e 1.0. As bibliotecas precisam reinventar-se a fim de acompanhar as transformações da sociedade digital, e isso exige muita mais uma revolução de atitude do que uma revolução tecnológica.

²³ Modelo de vendas que estabelece sincronia entre diferentes canais de uma mesma empresa, sejam físicos ou digitais

Colocando em termos bem simples, para que as bibliotecas 1.0 avancem em direção ao mundo 3.0, seria saudável que:

- *Mudassem o foco do documento/informação para o foco das pessoas/comunicação:* A organização documental é apenas um meio para atingir o propósito de prover acesso à informação e ao conhecimento, não o objetivo final de uma biblioteca.
- *Ouvissem com mais atenção o que diz, sente e deseja sua comunidade:* as pessoas que buscam as bibliotecas são muito mais do que simples ‘usuários’, são interagentes que desejam relacionar-se com a biblioteca e sentir-se parte dela. Dessa comunicação e interação é que vem o engajamento que, antes de mais nada, é resultado do sentimento de pertencimento de cada um;
- *Dessem voz ao seu interagente:* ainda sob a perspectiva de entender sua comunidade como mais do que simples usuários, envolve-los nos processos da biblioteca significa quebrar paradigmas e torna-los parceiros para, por exemplo, novas formas de indexação mais adequadas por meio da folksonomia, facilitando o acesso a informações mais pertinentes e ‘empacotadas’ de forma mais personalizada;
- *Investissem em uma efetiva presença digital:* por meio de um planejamento eficiente, as bibliotecas podem e devem criar perfis em diferentes mídias sociais e oferecer postagens com conteúdo relevante e de interesse de seus grupos de interagentes. Além disso, em suas páginas web, podem também criar e oferecer serviços e produtos de informação e de atendimento personalizados e de relacionamento a partir da web 3.0, chamada web semântica. Importante ressaltar a necessidade de uma sincronia entre o espaço físico e o digital, tornando a biblioteca um ambiente seguro com atendimento coerente em ambos os espaços.
- *Inovassem, saíssem do lugar comum:* Bibliotecas são muito mais do que emprestar livros e essa ideia precisa ser melhor explorada, a fim de transformá-las em lugares de aprendizado ativo, experimental, com espaço para o diálogo e a criatividade coletivas. Experiências como as de coworking e makerspaces²⁴ já são realidade em muitos lugares mundo afora e estão apenas começando a ser consideradas no Brasil.

Para que isso aconteça, no entanto, precisamos de bibliotecários 3.0, com visão de mundo diferenciada, atitude inovadora e mente inquieta. Por mais que se esforcem, os cursos universitários não dão conta de formar profissionais com esse

²⁴ Coworking: “trabalhar de forma colaborativa, mas independente de projetos ou objetivos” (<https://2000caracteres.wordpress.com/2014/04/16/bibliotecas-como-espacos-de-coworking-e-propulsoras-de-projetos/>). Makerspace: espaços de criação (<http://portaldobibliotecario.com/2015/07/20/bibliotecas-como-makerspaces/>).

calibre. É preciso ir além, ‘ranganatheando’²⁵ estudando continuamente e buscando conhecer o que está acontecendo nas bibliotecas ao redor do mundo, tarefa muito mais fácil nos dias atuais por conta da Internet.

É possível criar uma biblioteca que supere as expectativas dos interagentes e da própria Biblioteconomia, como afirma Lankes (2012), mas isso depende do trabalho de cada um. Porque a sociedade precisa e merece uma biblioteca adaptada aos tempos 3.0.

REFERÊNCIAS

BASSO, H. **Omni-Channel**: o desafio da gestão de canais. Slides. The UP Day, Florianópolis, 2015.

DAVENPORT, T.H.; BECK, J.C. **A economia da atenção**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FABULOSA IDEIA. **Big data**: seu cliente precisa de informação personalizada. 02 jun. 2013. Disponível em: <http://www.fabulosaideia.com.br/blog/2013/big-data-o-seu-cliente-precisa-de-informacao-personalizada/> Acesso em 23 dez. 2015.

GOOGLE MOBILE DAY. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19n9u5fo-zc> Acesso em 23 dez. 2015.

IMMAGIO. **O consumidor 3.0**. Disponível em: http://www.immagio.com.br/noticia/16/o_consumidor_30/ Acesso em 22 out. 2015.

INFORMAÇÃO personalizada vincula clientes. **Deutsche Welle**, Economia, 04 mar. 2002. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/informa%C3%A7%C3%A3o-personalizada-vincula-clientes/a-466399> Acesso em: 23 dez. 2015.

LANKES, R.D. **Expect more**. E-book. 2012 Disponível em: http://quartz.syr.edu/blog/?page_id=4598 Acesso em: 23 dez 2015.

LIMA, R.K. da S.; FARIA, M.S. **Estratégias de marketing e comunicação para publicidade na cultura digital**: formas de relacionamento com o consumidor 3.0 que causam engajamento. Disponível em: <http://www.fapcom.edu.br/comfilotec/images/RAIANE-Estrategias-de-marketing.pdf> Acesso em: 22 out. 2015.

LIRA, S. **Consumidor 3.0** Disponível em: <http://www.publicitarioss.com/2012/05/consumidor-3-0/> Acesso em: 22 out. 2015.

NEPOMUCENO, C. **Consumidor 3.0**. In: NEPÔSTS. Disponível em: <http://nepo.com.br/2015/03/18/consumidor-3-0/>. Acesso em: 22 out. 2015.

RODRIGUES, A.; ROSA, J.L. Os novos consumidores de informação. **Observatório da Imprensa**, ed. 856, 23 jun. 2015. Disponível em:

²⁵ Inventei o termo agora, mas o que quero dizer é que cada bibliotecário deve ser curioso e investigativo, sair por aí estudando diversos modelos de bibliotecas através da observação e pensar além do seu tempo, assim como Ranganathan fez com sua biblioteca em Madras, Índia, nos anos 30 do século passado. Ele foi um inovador!

<http://observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/os-novos-consumidores-de-informacao/> Acesso em 23. dez. 2015.

SEBRAE **Consumidor 3.0** Disponível em:

<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Consumidor-3.0> Acesso em: 22 out. 2015.

TOCHA, R. **O comportamento do consumidor na era da colaboração**. Disponível em:

<http://www.blogdaqualidade.com.br/o-comportamento-consumidor-na-era-da-colaboracao/> Acesso em 22 out. 2015.

TOCHA, R. **Características do consumidor e aluno 3.0 (Geração Y)**. In: PORTAL EDUCAÇÃO. Disponível em:

<http://www.portaleducacao.com.br/marketing/artigos/57187/caracteristicas-do-consumidor-e-aluno-30-geracao-y#ixzz3pJj6rRdm> Acesso em 22 out. 2015.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-N>

Elisa Cristina Delfini Corrêa é docente no Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, tanto na graduação como no mestrado. É doutora e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Design Thinking para Bibliotecas

Paula Azevedo Macedo
Ana Marysa de Souza Santos

E se... reinventássemos as bibliotecas?

“Por que ainda temos bibliotecas? Por que precisamos de bibliotecários? Por que bibliotecários fazem as coisas que fazem?”

David Lankes começou assim um congresso de biblioteconomia recentemente²⁶. Ele critica a posição de ficarmos às voltas no “como” — *Como podemos fazer as nossas atividades de sempre de um jeito melhor e inovador?* — enquanto deveríamos nos focar nos “porquês”. Segundo o professor, é dessa forma que devemos começar os questionamentos acerca das problemáticas das bibliotecas.

Ainda que reformulemos essas questões, o fato é que a **biblioteca como instituição precisa se reinventar**. Entendemos bibliotecas como instituições que possuem um propósito de salvaguarda do patrimônio informacional e cultural já produzido, com o compromisso social de ser catalizadoras da apropriação, produção e compartilhamento desse conhecimento.

Mas, para que possamos pensar na reinvenção das bibliotecas talvez seja necessário ultrapassar os *pré-conceitos* que cada um de nós tem sobre seu significado e papel - e é aqui que acreditamos que no **flerte do design thinking com a biblioteconomia** - que pode trazer novos insights e soluções para tantas questões e problemas que temos atualmente.

O Design Thinking é um processo que trabalha com o modo de pensar e a forma de abordar problemas dos designers para encontrar soluções inovadoras e

²⁶ Vamos pensar juntos uma nova Biblioteconomia? Disponível em: http://quartz.syr.edu/blog/?page_id=8274. Acesso em 20/11/2015

centradas nas pessoas. Popularizado pela IDEO, consultoria internacional de inovação, o processo foi desenvolvido por várias escolas de design, centradas em resolver problemas de pessoas reais.

A *Chicago Public Library* e a *Aarhus Public Library*, ambas bibliotecas públicas dos Estados Unidos, trabalharam junto com IDEO e o Instituto Melinda & Bill Gates para desenvolver uma metodologia de design thinking aplicada às bibliotecas. O resultado final é o *Design Thinking for Libraries (Design Thinking para Bibliotecas)*²⁷, um guia que conta o passo-a-passo de como desenvolver um projeto nesses moldes, mostrando exemplos reais de aplicação em mais de 40 bibliotecas de 10 países diferentes, como, além das já citadas, a Bucharest Metropolitan Library, os projetos READ Nepal, Jamaica Library Service, Vinnytsia Regional Universal Research Library, entre outros. O toolkit ou “*guia de ferramentas*” pode ser adquirido gratuitamente pelo site do projeto.

As bibliotecas que precisam inovar

O guia é baseado em trabalhos realizados com bibliotecas reais, e levou processo do Design Thinking - que pode ser resumido nos conceitos de **Entender**, **Idear** e **Prototipar** - de forma facilitada para quem atua em bibliotecas. Segundo o guia, por meio de uma investigação profunda das necessidades das pessoas, a biblioteca pode inovar no atendimento à sua comunidade, tanto para aquela que já atende como para a que poderia atender. Para eles, uma biblioteca pode inovar em diversos aspectos como:

- **Atividades e Eventos:** Os bibliotecários já estão acostumados a desenvolver atividades de promoção de leitura e uso dos recursos da biblioteca, mas há muito espaço para chacoalhar essas atividades, por meio de um melhor entendimento das pessoas e a dinâmica do entorno da biblioteca.
- **Serviços:** Remodelação dos serviços oferecidos — na maneira como ela articula as tecnologias disponíveis e as necessidades das pessoas.
- **Espaços:** O ambiente físico influencia a maneira como as pessoas se sentem e se comportam. Criar novas experiências nos espaços da biblioteca não referem-se apenas às cores de paredes, é possível ir além e pensar em vários tipos de interações e fluxos nos diversos ambientes da biblioteca, às vezes indo além do espaço dela.
- **Sistemas:** Emergir o desenvolvimento de um sistema diferente para a própria biblioteca ou integrar serviços interdependentes que atendam aos diversos interesses e necessidades tanto do público quanto dos funcionários.

²⁷ Design Thinking for Libraries. Disponível em <<http://designthinkingforlibraries.com/>>. Acesso em: 21 nov 2015.

Há outros exemplos que podem nos inspirar além dos citados pelo material, que também realizam práticas nessa linha. Um deles é o do sistema de Bibliotecas Públicas de Deschutes²⁸, em Oregon nos EUA, inspirados no entendimento da comunidade e de sua dinâmica inovaram na maneira de oferecer serviços para seus usuários. Os funcionários viraram “*bibliotecários comunitários*” saíram para ruas e começaram a participar das atividades civis.



Deschutes Public Library—Summer Reading²⁹

A **biblioteca se espalhou e ocupou outros ambientes** da cidade e foi diversificando seus serviços pensando nas necessidades das pessoas como, por exemplo:

- Criando exposições de artes, clubes de leitura com autores, aulas de computação espalhadas pela cidade;
- Programa de serviços em assuntos como segurança no trânsito, autodefesa e prevenção de incêndios;
- *Segunda-feira Criativa* - encontro onde as pessoas se reúnem para fazer de tudo, desde artesanato até produtos tecnológicos sofisticados com equipamentos de impressão 3D;

²⁸ Disponível em: <http://www.deschuteslibrary.org/>. Acesso em 20/11/2015

²⁹ Deschutes Public Library—Summer Reading. Disponível em: <https://www.facebook.com/deschuteslibrary/> Acesso em 20/11/2015

- Caixas com livro nos pontos de ônibus escolares para aquietar a criançada na volta para casa;
- Abrindo as portas das bibliotecas mais cedo para os mais velhos que tanto apreciam aquele impagável silêncio que só uma biblioteca vazia e bem comportada pode prover;
- Entrega de livros para estudantes diretamente em suas escolas.

Se há essa tendência da biblioteca sair do prédio, assistimos também a **tendência de o prédio da biblioteca ser mais que o conceito tradicional de biblioteca**. São as bibliotecas como “*makerspaces*”³⁰ - espaços usados para as mais diversas atividades, cursos e serviços relacionados à informação, cultura e desenvolvimento de habilidades de pesquisa e uso de novas tecnologias. Há quem diga que elas serão o centro de criação de novas tecnologias ao se equiparem com impressoras 3D e outras ferramentas.³¹

Outro movimento que chama atenção nos últimos tempos, especialmente no nosso país, são as bibliotecas comunitárias e populares construídas a partir de um desejo individual. São diversos exemplos, desde o funcionário de em açougue que resolve criar uma biblioteca popular³², da “*menina que doa livros*”³³ em São Paulo até a garota de 7 anos que quis criar a própria biblioteca comunitária no interior de Alagoas, a Biblioteca da Mell³⁴.

Percebemos nesses casos, um interesse genuíno da comunidade por seus bens simbólicos - **o que as bibliotecas e livros representam para elas para que eles mesmos queiram construir os seus espaços?**

Aplicando o design thinking em uma biblioteca brasileira: a Biblioteca do Poeta

Com o intuito de desenvolver esse projeto em uma biblioteca brasileira, reunimos um grupo de interessados em discutir o processo de design thinking e aplicação em uma biblioteca.

Um dos pontos chaves do processo de design thinking é a multidisciplinaridade das pessoas que participam das atividades. Trabalhando alguns anos com design thinking, percebemos exatamente isso — **todos temos**

³⁰ Bibliotecas como ‘makerspaces’. Disponível em: <http://portaldobibliotecario.com/2015/07/20/bibliotecas-como-makerspaces/> Acesso em 20/11/2015

³¹ Libraries Are the Future of Manufacturing in the United States. Disponível em: <http://www.psmag.com/nature-and-technology/libraries-are-the-future-of-manufacturing-in-the-united-states>. Acesso em 20/11/2015

³² <http://www.t-bone.com.br/index.php/t-bone-cultural/biblioteca-popular/> Acesso em 20/11/2015

³³ <http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/08/11/menina-de-nove-anos-doa-livros-no-minhacao-em-sp-educacao-muda-vidas.htm> Acesso em 20/11/2015

³⁴ <https://www.facebook.com/Biblioteca-da-Mell-1430077123959504/> Acesso em 20/11/2015

habilidades e conhecimentos valiosos e que podem ser aprimorados - mas é exatamente juntando pessoas com habilidades e interesses diferentes que as ideias e soluções evoluem.

Por isso, procuramos trazer pessoas de fora da biblioteconomia para pensar conosco e, como vocês verão mais à frente, as próprias pessoas que fazem parte da biblioteca na qual estamos trabalhando.

Visto que o time é multidisciplinar e todos nós trabalhamos em locais totalmente diferentes, tínhamos que adotar uma biblioteca que fosse do interesse de todos. Para isso, visitamos três bibliotecas bem diferentes - uma pública, uma escolar e uma biblioteca comunitária. Aplicando a pesquisa com inspiração etnográfica, analisamos quais delas teriam mais espaço para nossa atuação. Quando fomos escolher nossa biblioteca ponderamos: **se a biblioteca tinha um problema a ser resolvido, se estava aberta para o nosso projeto, se seria possível de criar um case escalonável para outros contextos, se teria impacto social e potencial de inovação e se era um desafio pessoal interessante para cada um.**



Visita às bibliotecas candidatas, Luciana e Gilberto conversando com Juninho do Cicas

O grupo escolheu a biblioteca comunitária do CICAS - Centro Independente de Cultura Alternativa e Social, um espaço ocupado por diversos coletivos que buscam fomentar a cultura na periferia da Zona Norte de São Paulo.

O CICAS por si só é um caso de sucesso, pois busca **fazer atividades culturais das pessoas para as pessoas e por meio do empoderamento e da**

apropriação cultural perpetuar exemplos individuais que busquem transformar o coletivo. Conversamos com Juninho Sendro, Rafael Alves e Jesus dos Santos, gestores e colaboradores do espaço, e o acordo estava feito - eles nos adotaram e nós passamos a ser parceiros e apoiadores da causa.

Em troca, eles nos dariam um propósito pelo qual poderíamos implementar o design thinking e desenvolver um projeto de inovação social. A criação dos desafios, uma das etapas importantes das primeiras fases do processo de design thinking, foi feita diretamente no CICAS, e pudemos nos aproximar das pessoas ao mesmo tempo em que começávamos a entender um pouco de sua realidade.



Criação dos Desafios para a Biblioteca do CICAS

Neste encontro apresentamos nossas percepções e conclusões da visita que havíamos realizado anteriormente e, juntamente com os colaboradores do CICAS, conseguimos confirmar nossas hipóteses e mapear novas questões a serem trabalhadas. Durante a apresentação, anotamos nos post-its questões relativas às **pessoas envolvidas com o espaço e a comunidade, os problemas do local e algumas ideias.**

Depois, divididos em grupos, separamos os post-its em categorias temáticas - os clusters. O mapeamento nos dava uma ideia da quantidade de coisas que

poderíamos explorar. Por fim, formulamos os desafios, selecionando os temas que tinham mais recorrência e sobre os quais pudéssemos formular propostas diversas.

Refinamos os desafios por meio de uma estrutura própria da metodologia, assim definimos o público-alvo, como mediríamos o sucesso da implementação das soluções (métricas), quais as atividades estavam relacionadas a ele e uma visualização.

Entre uma reunião de trabalho e outra, participamos de um mutirão proposto pelos idealizadores e colaboradores do CICAS, ajudando na limpeza e organização básica da biblioteca. Foi um momento muito importante para nos **aproximarmos ainda mais das pessoas que cuidam do espaço e entender a relação delas com a biblioteca** e também para conhecermos o acervo com mais profundidade.

Limpamos todos os livros, definimos coletivamente quais livros deveriam ser descartados, organizamos por temas e sinalizamos os locais com plaquinhas identificadoras dos temas. **O dia começou com um punhado de livros e acabou com uma biblioteca.** Essa era a nossa sensação e o que enxergávamos nos olhos dos nossos parceiros do CICAS, que haviam nos acolhido e ainda tinham dúvidas do que iríamos fazer por lá.



Dia de Mutirão no CICAS

A Biblioteca do Poeta finalmente tinha forma aos nossos olhos e ganhou um fôlego com os coletivos que gerem o espaço, todos passaram a ficar mais

esperançosos e acreditar que o projeto realmente pode causar um impacto na comunidade.

Nosso projeto encontra-se na fase de criação de um plano de prototipação - nós vamos implementar um piloto das ideias que foram geradas no último encontro a fim de entender o que dá certo e o que dá errado na comunidade. Quais caminhos deveríamos focar e como podemos ajudar a comunidade a se apropriar do que é deles.

A ideação foi feita utilizando a metodologia do design thinking e técnicas para gerar soluções por meio da colaboração. Focando nos nossos dois principais desafios que eram:

- **Como poderíamos criar maior envolvimento da comunidade com o acervo?**
- **Como poderíamos melhorar a comunicação entre os coletivos?**

Primeiro geramos uma série de atividades para que as equipes se acostumassem com as mecânicas e para que buscassem inspirações em atividades análogas, como por exemplo “Como poderíamos atrair consumidores para comprar um nova bebida no supermercado?”. A técnica escolhida foi a do *brainwriting pool*, que permite a geração de muitas ideias em pouco tempo e que um construa na ideia do outro.

Ao final, ficamos com 4 conceitos bem definidos sobre nossa atuação no CICAS, alguns voltados para organização dos coletivos e outros para aproximação do centro cultural com a comunidade. Sempre utilizando o espaço e buscando os elementos simbólicos da própria comunidade para que ela se aproprie e construa a nova biblioteca junto conosco.

A implementação e nossos testes junto ao CICAS são cenas de um capítulo próximo. No entanto, fica aqui o registro de nossos pequenos passos em busca de uma nova biblioteconomia.

O ponto é que não adianta ficarmos no âmbito da reflexão. Temos que colocar a mão na massa. Design thinking é o nosso instrumento de ação com propósito.

E você, também acredita nesse encontro da biblioteconomia com o design?

Para acompanhar nosso grupo:

Reunião dos artigos publicados que inspiraram a criação deste:
<https://medium.com/design-thinking-para-bibliotecas>

Nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/designthinkingparabibliotecas>

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-P>

Paula Azevedo Macedo é bibliotecária especialista em Comunicação Digital pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Líder de projetos de inovação e especialista em Arquitetura de Informação e UX Design na INSITUM Brasil.

Ana Marysa é de Souza Santos é formada em Biblioteconomia pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e especialista em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pelo SENAC. É UX Designer no Walmar.com.

Dias de luta: ativismo bibliotecário e o caso do Movimento Abre Biblioteca

Soraia Magalhães

Periodicamente tenho relatado sobre os acontecimentos que culminaram na criação do Movimento Abre Biblioteca, iniciado em Manaus em abril de 2012. Dessa vez, porém atendendo ao convite do colega Jorge do Prado, novamente apresento dados sobre o tema, contudo objetivando propor uma reflexão sobre a necessidade de se discutir o papel do bibliotecário frente aos desafios e lutas por espaços de cultura, não só com visão voltada para questões sobre reservas de mercado ou postos de trabalho, mas como cidadãos que juraram *“tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana”*.

O objetivo desse artigo é tratar sobre o que foi realizado em Manaus em prol da Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, contudo apontando também a importância de despertarmos o debate em torno da necessidade de uma frente de luta ativa, voltada para o segmento das bibliotecas no Brasil, tendo em vista que sabendo do descaso do poder público com esse segmento cultural, seguimos sem nada fazer e nos contentando com tão pouco.

O Movimento Abre Biblioteca, nasceu em um período em que Manaus, capital do Amazonas, amargava mais de cinco anos sem dispor dos serviços de sua Biblioteca Pública Estadual, fechada para reforma. A população em sua maioria seguia resignada, representações sociais como, por exemplo, a Universidade Federal do Amazonas, não se manifestava e mesmo os meios de comunicação pareciam não apresentar indignação, apenas e periodicamente anunciavam possíveis datas para a abertura da Biblioteca que não se cumpriam.

Diante de situações como essas e extensivas a outras cidades do país, pergunto: Por que nós, bibliotecários, não nos mobilizamos para criar um conjunto de vozes que possam ser ouvidas pelos dirigentes públicos em prol das nossas bibliotecas? Por que somos tão pouco participativos diante de tomadas de decisão em políticas públicas que envolvem o acesso ao conhecimento e a informação? E por fim quero instigar a reflexão sobre o juramento citado acima, ao qual aproveito para perguntar em que momento estamos fazendo TUDO para assegurar a dignidade da pessoa humana no tocante aos espaços e serviços de bibliotecas?

Antecedentes do Movimento Abre Biblioteca

Minhas inquietações sobre o fechamento da Biblioteca Estadual do Amazonas começaram em 2009 quando regressei a Manaus após cinco anos morando em outras cidades. Sentia falta do ambiente da Biblioteca, fora ali que havia tido acesso aos primeiros bons livros, bem como sentia o desejo de percorrer o ambiente aonde havia vivido minha primeira experiência profissional.

Em 2009 era triste passar pelo centro histórico de Manaus e ver o belo edifício envolto em tapumes. Em 2010, eu já escrevia no Blog Caçadores de Bibliotecas e havia registrado anúncios de reabertura que não se cumpriam. Esse incômodo suscitou em 2011 uma pequena pesquisa realizada em parceria com a Bibliotecária Katty Anne Nunes e o Jornalista Sebastião Alves. Queríamos saber o quanto ainda era latente no ideário dos habitantes de Manaus a relação deles com o ambiente da biblioteca. Queríamos saber se o espaço ainda era visto como elemento essencial da cidade. Para tal, abordávamos os transeuntes e apontando para o edifício perguntávamos: Você sabe que lugar é esse? Houve quem não soubesse responder (mesmo sendo morador da cidade), outros não souberam dizer por quanto tempo estava fechado em obras, alguns acreditavam que estava fechado por mais anos do que era o real. Mas algumas pessoas se lembravam com saudade de terem feito trabalhos escolares naquele espaço. Apesar disso, a pesquisa demonstrou que para a grande maioria, o edifício repercutia como espaço de esquecimento, local onde poucos demonstravam dispor de intimidade.

Em 2012, durante a realização da Primeira Bienal do Livro do Amazonas, ao constatar o incrível número de pessoas que buscavam acesso ao local (era preciso suportar filas e pagar uma taxa para entrar), passei a refletir mais sobre as perdas que a população do Amazonas, especificamente de Manaus estava sofrendo. Sem acesso ao espaço físico da Biblioteca, sem acesso a ações culturais no ambiente da Biblioteca, sem a possibilidade de emprestar livros para ler em casa...e mais.

Percorrendo os corredores da Bienal, ao encontrar Thiago Giordano Siqueira e Katty Nunes comentamos o quão surpreendente era ver tantas pessoas mobilizadas em torno de livros e leituras e que parte significativa devia se sentir prejudicada por não dispor de uma biblioteca pública efetiva. Foi na sequência

desse pensamento e neste mesmo dia que o Movimento Abre Biblioteca começou, haja vista que ao chegar a casa criei o texto da Petição Pública e pedi ao Professor Raimundo Martins que ajudasse na revisão, enquanto isso Thiago criava a imagem visual da campanha e no dia seguinte publicava a Petição Online. Durante os dias que seguiram da Bienal começamos a colher assinaturas em folhas impressas pedindo a reabertura da Biblioteca.

A organização do Movimento Abre Biblioteca teve origem a partir de uma reunião que envolveu além de mim, os colegas Katty Anne Nunes, Evany Nascimento, Thiago Siqueira, Gutemberg Praia e José Bustamante que juntos demos os primeiros passos. A luta foi longa e muitas pessoas foram se engajando em determinados períodos, contudo não posso deixar de referendar a contribuição da Professora de Arte *Evany Nascimento* que foi uma das mais entusiasmadas e atuou no planejamento e execução de todas as etapas.

O Movimento Abre Biblioteca

Antes de avançar por sobre a ação do Movimento em si, vale a pena contextualizar Manaus, tendo em vista que a capital do Amazonas se apresenta nas listas econômicas como a primeira da região norte e a sexta mais rica cidade do país. O segmento cultural da cidade está a cargo da Secretaria de Cultura do Estado, sob a administração do senhor Robério Braga que permanece a frente do cargo há mais de vinte anos. Mais de vinte anos é muito tempo e durante esse período foi latente a cultura do medo em Manaus. Quem teria a coragem de contrariar esse administrador?

Um grupo pequeno, formado por bibliotecários, estudantes e uma profissional de Artes que partiram para a ação criando uma série de atividades que exigiam a definição de uma data efetiva para a reabertura da Biblioteca. Nós não estávamos reivindicando postos de trabalho, estávamos lutando por democracia informacional. Alguns jornalistas chegaram a perguntar se a luta era por que queríamos trabalho, a ideia não era essa e se fosse ainda assim seria justa, mas a grande adesão veio do fato de que queríamos uma cidade com acesso a biblioteca pública para o povo. As atividades duraram dez meses e era preciso instigar a visibilidade para o problema, para isso, dentre as mobilizações de rua realizadas podemos destacar quatro momentos significativos:

O Abraço: Inspirado em uma ação do Movimento *Marea Amarilla*, ocorrido na Espanha, quando um abraço foi dado à *Casa de las Conchas*, Biblioteca Pública de Salamanca. No nosso caso, em Manaus, foi o momento que mais repercutiu na imprensa local e nas redes sociais. Iniciada com uma pequena passeata que percorreu as ruas do centro histórico da cidade, pedíamos por meio de cartazes e faixas a reabertura da Biblioteca. O abraço foi uma ação simbólica. Uma corrente, de mãos dadas onde tentávamos demonstrar o nosso carinho por aquele espaço

público que nos estava sendo negado. A manifestação ocorreu no dia 16 de julho de 2012 e contou com a participação de professores da Universidade Federal do Amazonas (alguns do Curso de Biblioteconomia), integrantes do Conselho Regional de Biblioteconomia – CRB-11, políticos, amigos, familiares e o povo que parou para nos ouvir.

Biblioteca na rua: O objetivo de cada ação era não deixar que a luta caísse no esquecimento e por isso tentávamos nos mostrar sempre presentes. O *Biblioteca na Rua* foi realizado em frente ao prédio da Biblioteca. Queríamos que as pessoas sentissem o que era ter acesso a livros, jornais, revistas e atividades culturais. O evento foi um sucesso, apesar do forte sol amazônico que fazia com que se refletisse o quão bom seria se estivéssemos do lado de dentro e não fora da Biblioteca.

Mural Abre Biblioteca: Essa foi a mais fácil de todas as ações, pois convidamos dois artistas de rua para criar uma arte instigando a proposta sobre a causa, ou seja, sobre o pedido de reabertura da Biblioteca. A arte ficou por vários dias estampada nos tapumes e chamava a atenção daqueles que passavam.

O Grito: foi a última ação de rua e considero, assim como *O Abraço*, uma das mais importantes. Realizada no dia 2 de dezembro de 2012, diante da presença de Omar Aziz, o governador do Estado, que iria reinaugurar uma praça. Dois dias antes, conclamamos as pessoas a irem para o local com suas camisetas para juntos gritarmos *Abre Biblioteca*. Foi um momento tenso por que havia policiamento e até cordão de isolamento, mas gritamos e gritamos tanto que o governador saiu do seu lugar de honra para pedir uma trégua e prometeu nos receber em seu gabinete para tratar sobre a data da reabertura da Biblioteca, que de acordo com a nova promessa seria em janeiro de 2013.

Após *O Grito*, nada mais foi publicado sobre uma nova data e o espaço foi reaberto às escondidas no dia 31 de janeiro de 2013. Por sorte, tenho fotos, inclusive do senhor Robério Braga saindo do espaço após a abertura das portas. Sobre o assunto, os meios de comunicações (jornais e TV) criaram matérias fabulosas contando sobre as melhorias do espaço e deram ênfase a algumas personalidades da casa. Em nenhum momento comentaram sobre as ações que envolveram as reivindicações para a reabertura.

Mas o *Movimento Abre Biblioteca* ganhou visibilidade, inclusive fora do Brasil. Por indicação de colegas bibliotecários, estive entre os 50 profissionais que agitaram a profissão no ano de 2012 e figurei no *Movers & Shakers 2013*, do Library Journal, nos Estados Unidos. Ganhei também o prêmio Genesino Braga pelo reconhecimento à luta pela reabertura da Biblioteca. Mas tudo isso aconteceu em meio a muitas horas de trabalho, bem como as parcerias firmadas com muitas pessoas que acreditaram e se dedicaram à causa.

Quanto a Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, logo nos primeiros meses funcionou relativamente bem, inclusive com horário de segunda à sexta, das 8h às 20h, e aos sábados, de 8h às 14h. Mas desde o início de 2015, foram reduzidos os quadros de horários e em termos de serviços, somente o trivial: consulta local e empréstimo domiciliar. Talvez seja a hora de começarmos a lutar por melhoria em termos de recursos humanos, equipamentos, acervos, serviços. Abaixo, deixo uma síntese em imagens de alguns momentos marcantes do Movimento.



A situação das Bibliotecas Públicas no Brasil

O surgimento das maiores e mais bem equipadas bibliotecas do país, salvo algumas exceções datam dos primeiros anos do século XX. É interessante constatar o quão pouco avançamos e me pergunto quais foram as bibliotecas construídas nos últimos anos que se firmaram como efetivamente representativas no Brasil? Nas cidades do interior, creio que nenhuma. Em algumas capitais temos o exemplo da Biblioteca Pública Estadual de Rio Branco, no Acre, ou da Biblioteca de São Paulo e as Bibliotecas Parque no Rio de Janeiro inspiradas no modelo Bibliotecas Parque da Colômbia.³⁵

Em pleno século XXI é desanimador afirmar que o Brasil sofre com bibliotecas fechadas ou também com bibliotecas de “fachadas”. O Ministério da Cultura, juntamente com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, no âmbito

³⁵ Ao exaltar o feito, tive que fazer uma reformulação nesta parte do texto tendo em vista a informação publicada pela Revista Biblio (em 24/11/2015) que alertava sobre o possível fechamento das quatro Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro por falta de recursos para pagamentos de funcionários e manutenção dos equipamentos culturais em funcionamento.

federal pouco ou quase nada se manifestam diante de ações que têm ocorrido de forma espontânea produzida pela sociedade civil em lutas de resistência pela manutenção das bibliotecas existentes.

O problema vinculado ao fechamento de bibliotecas ou mesmo a inexistência desses espaços devem ser encarados com seriedade, pois envolvem perdas, seja para os profissionais e seus postos de trabalho, mas também para a sociedade que tem que se resignar a falta de acesso aos espaços, acervos e serviços.

Quando utilizei a frase do juramento no início desse texto, usada nas cerimônias de colação de grau dos bibliotecários brasileiros, tinha por objetivo instigar o pensamento sobre até que ponto temos consciência sobre aquilo que juramos defender. Não creio que temos honrado muito bem essa fala, mas creio também que não fomos preparados sobre os aspectos que envolvem ações de luta em prol dos movimentos culturais do país. A grande maioria dos bibliotecários sabe o quanto uma biblioteca bem-dotada com infraestrutura, pessoal capacitado e dispondo de serviços pode representar para o avanço da qualidade de vida das populações ao qual estão inseridas, contudo por que não temos a capacidade de lutar para que tenhamos essas garantias?

Considerações Finais

Quando o Jorge do Prado me convidou para escrever sobre o Movimento Abre Bibliotecas e as ações realizadas na cidade de Manaus visando à reabertura daquele espaço em 2012, ele acabou me instigando a empreender uma reflexão sobre o nosso papel frente às conquistas no campo informacional, haja vista que mesmo dispondo de uma profissão regulamentada, ainda temos pouca representatividade diante das decisões políticas em nosso segmento de atuação. Enquanto escrevia essas linhas e lembrava acontecimentos, também refletia sobre o quanto a essência humana está envolvida em ações de luta e na busca por conquistas, contudo não são muito comuns ações de lutas por espaços de cultura no Brasil, em especial, bibliotecas, entretanto vejo o Movimento Abre Biblioteca como uma expressão dos movimentos populares que tem nas redes sociais possibilidades de alcance significativo.

As ideias do Movimento Abre Biblioteca passaram a ser encampadas por outras cidades com problemas semelhantes aos que vivemos em Manaus. No Rio de Janeiro, bibliotecários deram início ao *Movimento Abre Biblioteca Rio* que questiona, entre outras coisas, as possibilidades de fechamento de quatro bibliotecas públicas. Em João Pessoa, um grupo de bibliotecários criou o *Movimento Abre Biblioteca Paraíba* que se mobiliza em prol da construção de uma biblioteca pública municipal. A cidade de Custódia, no interior do Recife criou o *Movimento*

Abre Biblioteca Custódia, a iniciativa, neste caso, não foi de uma bibliotecária, mas tem mobilizado a juventude e alguns bibliotecários estão apoiando a causa.

O tema sobre a luta por bibliotecas é instigante, contudo não é possível aqui avançarmos tanto, se faz necessário, porém propor outras reflexões envolvendo o ativismo bibliotecário em diversas frentes. Buscando apoio para referendar meus pensamentos, deixo como sugestão de leitura o texto *Prática profissional e ética: o juramento do bibliotecário serve a que?* do professor Francisco das Chagas de Souza. Concluo por fim dizendo o óbvio: biblioteca é coisa séria e deveria ser um equipamento cultural encarado como essencial para a educação do país. Creio que nós bibliotecários podemos nos organizar para lutar por mais recursos para criação e manutenção de bibliotecas para que assim possamos efetivamente acreditar no Brasil como pátria educadora.

REFERÊNCIAS

Quatro bibliotecas-parque podem fechar as portas por falta de recursos: 150 funcionários das unidades já vão entrar em aviso prévio. Disponível em: <<http://biblioo.info/bibliotecas-parque-podem-fechar/>>. Acesso em: 24 de nov. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *Prática profissional e ética, o juramento do bibliotecário serve a que?*. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=679. Acesso: 10 de nov. 2015.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-R>

Soraia Magalhães é doutoranda em *Formación em la Sociedad del Conocimiento* pela Universidade de Salamanca, mestre em *Sociedade e Cultura na Amazônia* e bacharelado em *Biblioteconomia*, ambos pela Universidade Federal do Amazonas. Idealizadora do blog *Caçadores de Bibliotecas*, onde relata experiências de viagem ao redor do mundo visitando unidades de informação.

QUARTA PARTE TECNOLOGIAS

A Internet das Coisas na prática: desafios e oportunidades

Moisés Lima Dutra
Silvana Toriani

Dentre as novas tecnologias surgidas nos últimos anos, poucas têm o potencial para mudar tanto e tão profundamente nosso mundo e nosso modo de viver como a Internet das Coisas. A Internet das Coisas – ou IoT, como é conhecida a partir do seu acrônimo em inglês (*Internet of Things*) –, é um conceito que propõe literalmente a interconexão via Internet de todos os objetos existentes, as chamadas “coisas”. Esta interconexão possibilitaria que os objetos “conversassem” entre si e “tomassem decisões” sem a intervenção humana. O que se espera com este tipo de abordagem é se obter, principalmente, automação de tarefas repetitivas e agilidade na tomada de decisões em situações onde pessoas não estejam presentes. Apesar do tom um tanto futurista da proposta, já existem aplicações IoT em funcionamento, em ambientes domésticos, industriais, logísticos, entre outros. Talvez estejamos mais perto de concretizar alguns cenários de filmes de ficção científica como “De Volta Para o Futuro” do que imaginemos. No entanto, como toda proposta dotada de tamanho potencial de impactar decisivamente em nossas vidas, nem tudo são flores. Há alguns questionamentos que se fazem necessários, os quais discutiremos a seguir.

A ideia de se conectar objetos em rede não é recente. Em setembro de 1991, o então cientista-chefe da Xerox PARC norte-americana, Mark Weiser, já propunha esta ideia³⁶. Para Weiser, uma tecnologia só poderia ser considerada efetivamente integrada ao nosso dia-a-dia quando ela desaparecesse, ou seja, quando passássemos a utilizá-la em nossas tarefas diárias sem nos darmos conta de que ela está presente. Esta afirmação ainda permanece atual, vinte e quatro anos depois. O autor afirmava que os esforços deveriam ir na direção de se tentar conceber novas formas de integrar os computadores no mundo, de tal forma que as

³⁶ <http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/SciAmDraft3.html>

máquinas passassem a fazer parte do ambiente humano de maneira completamente despercebida por nós. Além disso, declarava que a computação ubíqua (aquela que está presente em toda parte) é uma aliada na resolução de questões relacionadas ao excesso de informação no mundo moderno, e que deveríamos procurar, cada vez mais, inserir as máquinas no ambiente humano ao invés de forçarmos as pessoas a se adaptar ao ambiente das máquinas.

O termo computação ubíqua ou pervasiva, cunhado pelo próprio Weiser, em 1988³⁷, possui estreita relação com o termo computação vestível³⁸, também proposto no mesmo ano, por Steve Mann. Este último propõe que os *gadgets* - ou dispositivos eletrônicos - estejam diretamente em contato com o usuário, como se este os estivesse “vestindo”. Após alguns anos de hiato, a computação vestível voltou a estar em voga nos últimos tempos. Para se ter uma ideia, a consultoria Juniper Research³⁹ crê que o mercado de computação vestível deverá alcançar US\$ 19 bilhões em 2018. Diversas *startups* brasileiras têm investido neste mercado, como a catarinense ATAR⁴⁰, que produz *gadgets* vestíveis.

O termo “Internet das Coisas” propriamente dito foi apresentado pela primeira vez em 1999, por Kevin Ashton, numa palestra da Proctor & Gamble⁴¹. Naquele momento, já haviam sido implementados alguns projetos que representaram avanços na área da computação ubíqua e vestível, entre os quais pode-se citar: a Trojan Room Coffee Pot⁴², uma cafeteira monitorada à distância; a WearCam⁴³, que transmitia em tempo-real as imagens captadas por óculos conectados à Internet; e o projeto InTouch⁴⁴, desenvolvido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), com o objetivo de criar um “telefone tangível” a longas distâncias.

O que fez, no entanto, com que ideias propostas há duas décadas ou mais retomassem tal impulso nos últimos anos? A resposta a esta questão reside no fato de basicamente termos resolvido três antigos gargalos tecnológicos: (i) a velocidade de processamento das máquinas; (ii) a capacidade de armazenamento de dados; e (iii) a largura da banda disponível na Internet comercial.

Desde que Gordon Moore, cofundador da Intel, cunhou em 1965 sua célebre frase “a cada 18 meses a capacidade de processamento dos computadores irá dobrar, enquanto os custos permanecerão constantes”, que viria a ser conhecida como “Lei de Moore”, esta previsão continua válida. Em relação ao armazenamento

³⁷ <http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/UbiHome.html>

³⁸ <http://wearcomp.org/wearcompdef.html>

³⁹ <http://www.redorbit.com/news/technology/1112976153/smart-wearable-devices-report-juniper-research-101613/>

⁴⁰ <http://www.atartech.com.br/>

⁴¹ <http://www.rfidjournal.com/articles/view?4986>

⁴² <http://www.cl.cam.ac.uk/coffee/qsf/coffee.html>

⁴³ <http://wearcam.org/myview.html>

⁴⁴ <http://tmg-trackr.media.mit.edu:8020/SuperContainer/RawData/Papers/315-Tangible%20Interfaces%20for%20Remote/Published/PDF>

de dados, com as tecnologias de estocagem em nuvens e os dispositivos externos de armazenamento (como *pen drives* e discos externos) oferecendo espaço na casa dos *gigabytes* e *terabytes*, o problema de se guardar grandes volumes de dados praticamente desapareceu. No entanto, a característica que de fato possibilitou a retomada de projetos de computação ubíqua e vestível, e deu grande impulso à concretização da IoT tal como a conhecemos hoje, foi o aumento da taxa de transmissão de dados via Internet, a chamada largura de banda. Com a progressiva implantação da Internet de quarta geração (4G) que possibilita taxas de transmissão de até 1 *gigabit* por segundo, as aplicações voltadas para a comunicação e a mobilidade finalmente encontraram terreno fértil para se proliferarem. Os testes recentes que têm sido feitos com a transmissão 5G⁴⁵, e as propostas ainda preliminares que delineiam a transmissão 6G, nos permitem imaginar um mundo onde aplicações à distância e que exijam enorme largura de banda se tornem corriqueiras, tais como cirurgias à distância.

Neste contexto, o que a IoT pode nos oferecer hoje de concreto? Podemos considerar primeiramente aquelas aplicações às quais já estamos acostumados e que talvez ainda não nos demos conta se tratem de ambientes IoT, tais como as cancelas eletrônicas das cabines sem operadores das rodovias, que identificam automaticamente o veículo que passa por elas e debitam o valor do pedágio diretamente no cartão de crédito do condutor, sem que este precise parar. Outro exemplo são dispositivos vestíveis, tais como anéis ou pulseiras, que identificam o dono e podem ser usados para dar acesso a ambientes controlados (salas de reuniões ou até mesmo a própria casa), autenticar operações bancárias, comprar passagens, pagar estacionamento, fazer saques em caixas eletrônicos, bater cartão de ponto, etc. Os aparelhos celulares que possuem a tecnologia NFC (comunicação de campo próximo) também podem ser usados neste contexto. A grande vantagem desta abordagem é a automação da tarefa, pois o usuário do *gadget* só terá o trabalho de aproximá-lo de outro dispositivo IoT, para que os dois “se comuniquem”, “compreendam” o contexto da tarefa e a executem automaticamente.

A IoT também já é utilizada na manufatura, na logística, na gestão de mercadorias e encomendas por transportadoras, na segurança e monitoramento de ambientes públicos e privados, na gestão da cadeia produtiva, no controle “inteligente” de maquinário industrial, em prédios e cidades “inteligentes”, entre outros. Para exemplificar, existem propostas em desenvolvimento de rodovias “inteligentes”, nas quais todos os veículos estarão conectados uns com os outros e com a própria estrada. Qual é a vantagem disso? A própria estrada poderia gerir seu tráfego, os carros poderiam andar na maior velocidade possível, desde que mantivessem determinada distância de segurança uns dos outros. Além disso, o monitoramento se estenderia a todo o trajeto, que poderia ser programado

⁴⁵ <http://www.latinone.com/articles/25335/20151012/5g-network-speed-test-peaks-at-3-6-gbps-how-faster-internet-speed-can-affect-the-future-of-technology.htm>

automaticamente. Isso significaria, num cenário ideal, que os motoristas apenas precisariam entrar nos seus carros e programar o destino, para que os mesmos se encarregassem de chegar lá no menor tempo e com a maior segurança possíveis.

Além das estradas, é possível imaginarmos aplicações IoT dentro das cidades. Tomemos a questão dos estacionamento nos grandes centros, um problema que se torna cada vez mais complexo devido à quantidade da frota de veículos, que não para de aumentar. Segundo uma pesquisa feita pela Cisco, 30% de todos os engarrafamentos são causados por motoristas que procuram um lugar para estacionar⁴⁶. Neste contexto, podemos imaginar que veículos que pudessem se comunicar diretamente com as vagas de estacionamento livres nas ruas e nos estabelecimentos privados, com as próprias vias de acesso ao redor e com os outros veículos, poderiam contribuir para que motoristas à procura de vagas estacionassem mais rapidamente e, desta forma, aliviassem o tráfego.

Prédios e casas inteligentes são outra vertente de aplicação da IoT. Imaginemos o cenário no qual uma geladeira inteligente poderia identificar que determinados produtos estão chegando ao fim e automaticamente solicitar novas unidades a supermercados e fornecedores em geral. Desta forma, poderíamos chegar em casa ao fim do dia e encontrarmos um pacote de caixas de leite longa vida entregue, por exemplo, e apenas depois percebemos que a última caixa de leite na geladeira está no fim.

A IoT permitirá também o monitoramento remoto de crianças e idosos. Pessoas portadoras do Mal de Alzheimer, por exemplo, poderiam ter sua locomoção e ações durante o dia monitoradas, de maneira que se pudesse verificar se tal medicamento foi tomado, se a mesma fez suas necessidades básicas, por onde andou e o que fez. Pacientes cardíacos poderiam ter seus marca-passos monitorados à distância pelo seu cardiologista, que poderia inclusive, fazer ajustes nos mesmos sem a interferência dos doentes.

Analogamente, a IoT possui um grande potencial para ser aplicada às organizações em geral. Desde a operação e otimização de maquinário industrial, passando pela cadeia produtiva como um todo, logística, transporte, varejo, setor de energia, saúde pública, segurança e governança eletrônica. Segundo McKinsey Global Institute (2015)⁴⁷, a IoT tem potencial para gerar um impacto econômico no montante de cerca de 11 trilhões de dólares ao ano em 2025, em diversos segmentos de aplicação.

⁴⁶ <http://www.cisco.com/c/dam/en/us/products/collateral/se/internet-of-everything/last-traffic-jam-aag.pdf>

⁴⁷ http://www.mckinsey.com/insights/business_technology/the_internet_of_things_the_value_of_digitizing_the_physical_world

Para Kellmereit e Obodovski (2013)⁴⁸, três fatores capitanearão este processo:

- **Miniaturização:** dispositivos eletrônicos cada vez menores e detentores de fontes de energia potentes e eficientes;
- **Custos:** o preço dos componentes eletrônicos vem caindo consistentemente;
- **Aceleração da adoção tecnologia sem fio:** cada vez mais os dispositivos tendem a ser wireless ou sem fio. O último a desaparecer deverá ser o próprio fio de alimentação elétrica.

E o profissional da informação, onde entra nessa história? Há alguns indícios que nos fazem refletir o papel deste profissional. Por exemplo, a biblioteca da Universidade de Chicago⁴⁹, inaugurada em 2011, foi totalmente planejada para funcionar diariamente sem bibliotecários, desde que a maior parte das suas funções essenciais são automatizadas ou no estilo *self-service*. Outro exemplo é a empresa Netflix, que contratou bibliotecários para trabalharem com folksonomia⁵⁰ e, desta forma, organizarem seus catálogos personalizados a partir de gírias e expressões do público mais jovem. O que restou então a um bibliotecário do século XXI? Acreditamos que o profissional da informação do futuro deverá estar capacitado para organizar a informação virtual, não importando onde esta se encontre. Além disso, deverá ser alguém adaptado e atualizado com relação às novas tecnologias que surgem todos os anos, que possua conhecimentos que o permitam expandir a sua visão além de um único repositório digital e se tornar um verdadeiro facilitador da construção do conhecimento pela sociedade. Deve ser também capacitado para trabalhar na vigilância tecnológica, na recuperação proativa da informação e na análise preditiva de dados, herdeiras dos antigos serviços de referência das bibliotecas. Este profissional deverá monitorar diversas áreas do conhecimento. O centro de vigilância tecnológica irá disponibilizar informações de orientação que ajudarão no desenvolvimento de produtos, serviços, parcerias, entre outros. O profissional da informação será o pensador que utilizará a IoT para facilitar seu trabalho. Temos clareza de que este profissional precisa avançar em outras áreas para estar preparado para o futuro.

Entretanto, alguns desafios persistem até que este futuro esteja plenamente operacional. Chega a ser um paradoxo, mas assim como a IoT interconecta todas as coisas, da mesma forma pode gerar uma desconexão entre pessoas, sentimentos, emoções, noções de comunidade, entre outros. Se por um lado a IoT vai conectar demandas de informações que podem otimizar e facilitar a vida humana, por outro, ela poderá criar rupturas de relacionamentos e de cooperação

⁴⁸ KELLMEREIT, D.; OBODOVSKI, D. **The Silent Intelligence - The Internet of Things**, Amazon Digital Services, Inc., 2013

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=HK7E0ang48w>

⁵⁰ <http://bsf.org.br/2015/04/07/vaga-para-bibliotecarios-netflix-brasil/>

mútua. É estranho como algumas tecnologias que se propõem a resolver e aproximar as pessoas acabam por criar abismos entre seres humanos. Pensemos nas mídias sociais, que tinham objetivo inicial da aproximação das pessoas, de socialização, e que aumentaram a violência, a xenofobia e o racismo. Será que a IoT vai aumentar o individualismo? Que sociedade formaremos a partir da IoT? Gostaríamos de ter as respostas de que a sociedade necessita para usar esta tecnologia para otimizar seu dia-a-dia e ampliar sua perspectiva de vida em comunidade. No entanto, para ficarmos apenas na questão financeira, temos dificuldade de usarmos o dinheiro e não sermos escravo dele. A busca pelo lucro a qualquer preço geralmente substitui a busca pela paz, pela sabedoria, pela felicidade. Precisamos ter cuidado para que o mesmo não aconteça com a IoT.

Além disso, alguns questionamentos éticos podem ser evocados aqui. Imaginemos por um momento que nossa vida estará imersa quase que por completo na IoT. Será que o fator humano deve ser completamente excluído desta equação? Os sistemas computacionais estão preparados para tomarem todas as decisões por nós? Inclusive as mais importantes? E como ficam as questões de segurança? E se *crackers* invadirem o nosso sistema e tiverem acesso aos nossos objetos do dia a dia e puderem controlá-los à distância? E se o nosso carro, em vez de ir parra o destino inicialmente planejado, nos levar a algum lugar indesejado? E se os marca-passos puderem ser alterados por vândalos digitais e isso custar a vida de pessoas? Os crimes digitais têm aumentado ano-a-ano no Brasil⁵¹ e ainda não exploramos um décimo do potencial da IoT (MCKINSEY, 2015)⁵². Estamos preparados, enquanto sociedade, para um mundo ainda mais interconectado e online?

Problemas de conexão também podem ser um entrave. Se a IoT estiver gerenciando serviços essenciais, como hospitais, enfermarias, asilos, escolas e acontecerem interrupções no fornecimento de energia elétrica ou algum servidor falhar, como fica? Haverá um plano B? Todas essas questões precisam ser pensadas, pois os sistemas deverão estar preparados para rodar sem falhas 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 por ano.

Para finalizar, cremos que entre os desafios que teremos em relação a IoT, é não usá-la como substituta do contato humano. Precisamos avaliar cuidadosamente o impacto da IoT na sociedade como um todo. Acreditamos que uma sociedade mais saudável é aquela onde as pessoas pudessem ter e aproveitar mais tempo livre para lazer, família, amigos, esporte, arte, desenvolvimento científico, entre outros, pois essas são coisas que complementam e dão valor à vida. No entanto, a tendência atual não é esta. A progressiva digitalização e virtualização do trabalho nos últimos anos, aliada à miniaturização dos *gadgets* (*smartphones*, *tablets* e *ultrabooks*), teve o efeito oposto, qual seja, o de nos deixar

⁵¹ <http://www.cgi.br/>

⁵² http://www.mckinsey.com/insights/business_technology/the_internet_of_things_the_value_of_digitizing_the_physical_world

cada vez mais “conectados”. Some-se a isso a diminuição do contato social entre as pessoas e o aumento da violência virtual. Para o filósofo italiano Umberto Eco⁵³, “as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis”, que antes falavam apenas “em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade”. Eco diz ainda que, “normalmente eles eram imediatamente calados, mas agora têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel”. Para finalizar, acrescenta que “o drama da Internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade”. Desta forma nos questionamos, será que a IoT poderá potencializar ainda mais esta situação?

De uma coisa, no entanto, podemos ter certeza: a IoT é uma realidade com a qual, mais cedo ou mais tarde, tomaremos contato. Quanto mais preparados estivermos, melhores escolhas poderemos fazer. A evolução tecnológica dissociada da evolução da sociedade dificilmente fará do mundo um lugar melhor. Enquanto não evoluirmos enquanto indivíduos, a IoT ou qualquer outra nova tecnologia poderá muito bem ser utilizada negativamente e de maneira prejudicial, sem ética e sem moral.

De acordo com Fell (2014)⁵⁴, em 2003 havia 6,3 bilhões de pessoas vivendo no planeta e 500 milhões de dispositivos conectados à Internet. Ainda segundo o mesmo autor, até 2020 haverá 7,6 bilhões de pessoas no planeta e 50 bilhões de dispositivos online. Algumas estimativas elevam este número para cerca de 1 trilhão de dispositivos conectados à Internet em 2025. Qualquer que seja o prognóstico, o fato é que a chamada Internet das Coisas irá gerar impactos profundos na sociedade.

QUER COMPLEMENTAR? VISTE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-T>

Moisés Lima Dutra é professor adjunto no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em Computação pela Universidade de Lyon 1, mestre em Engenharia Elétrica e bacharel em Computação, ambos pela UFSC.

Silvana Toriani é doutoranda em Engenharia de Produção e Sistemas pela UFSC, mestre em Administração pela Universidade do Sul de Santa Catarina e bacharel em Administração de Empresas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Administra a Veliti Tecnologia Assistiva, além atuar como professora em cursos de pós-graduação.

⁵³ <http://noticias.terra.com.br/educacao/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.6fc187c948a383255d784b70cab16129m6t0RCRD.html>

⁵⁴ FELL, M. **Roadmap for the Emerging Internet of Things - Its Impact, Architecture and Future Governance**. Carré & Strauss, United Kingdom. 2014.

As bibliotecas e os serviços de aluguel de livros digitais

Liliana Giusti Serra

Com o aumento da oferta de produtos digitais estamos observando novos modelos de negócios. Algumas áreas voltadas ao entretenimento já lutam pela sobrevivência nesta nova economia. Os segmentos da música, cinema e televisão experimentam os desafios da digitalização de seus produtos há mais tempo que o mercado editorial, encontrando nos modelos de assinaturas ou aluguel uma alternativa para oferecimento de produtos a preços competitivos, combatendo a pirataria. Estes serviços passaram a oferecer aos usuários a opção de licenciar e ter acesso aos conteúdos protegidos por direitos autorais, pagando um custo baixo e acessível, proporcionando oferta de músicas, filmes ou seriados. Embora não tenha eliminado a pirataria, a partir do momento em que os consumidores possuem uma alternativa legal para ter acesso aos produtos de seu interesse, a tendência é que ocorra queda na distribuição descontrolada dos objetos digitais, como ocorreu no início da digitalização da música e com os serviços de troca ou compartilhamento de arquivos. Afinal, ao apreciar as músicas de um cantor ou conjunto musical, ou o trabalho de atores e diretores, ao licenciar o conteúdo e ter acesso ao mesmo de forma muito rápida ou quase imediata, o consumidor estimula a continuidade da produção, com os envolvidos sendo remunerados pelos trabalhos realizados. Este modelo de negócios tem sido uma alternativa na economia digital, proporcionando ganhos a estúdios, gravadoras ou artistas independentes. Era uma questão de tempo até surgir uma alternativa semelhante ao mercado editorial.

Em 2013 surgiram serviços de aluguel de livros, com foco no mercado de leitores, e não das bibliotecas. As *startups* centravam-se em fornecer aplicativos para permitir a leitura de livros digitais por meio de uma assinatura mensal. Este serviço é calcado na leitura por meio de *tablets*, *e-readers* ou celulares, com a leitura mediada por plataformas proprietárias. Em pouco tempo diversos serviços foram

lançados, com pequenas variações entre eles, porém com algumas características em comum:

- Os leitores tinham acesso a grandes quantidades de títulos, fruto da parceria das empresas com editores e autores, estes normalmente optantes de serviços de auto-publicações;
- Os leitores podiam ter planos com faixa de livros que podiam ser lidos ao mês, ou ainda contratar acesso ilimitado a todos os títulos disponíveis;
- As plataformas possuem características de redes sociais, proporcionando a troca de sugestões, indicações ou recomendações entre leitores, em semelhança aos clubes de leitura;
- A remuneração a editores e autores era realizada após constatada a leitura de mais de 10% da obra. Após este período, o fornecedor do livro recebia a remuneração da totalidade da obra, de acordo com seu valor de varejo;
- A receita das empresas era calcada nos leitores que não realizavam a leitura – parcial ou completa -, mas limitavam-se a consultar trechos ou capítulos de publicações, ou seja, as empresas lucravam quando os leitores não liam a totalidade de suas cotas mensais;
- Os editores não apostaram no negócio e, nitidamente, era um modelo arriscado, com a empresa contratante remunerando as editoras mesmo sem o consumo total dos livros digitais;
- Os editores nem sempre disponibilizavam lançamentos nos serviços de assinatura, por receio de pulverizar as vendas da obra completa em sua forma digital ou impressa nas livrarias.

A experiência da leitura digital ainda é nova, mesmo considerando que o livro digital já exista há bastante tempo. Os custos estão acima dos valores imaginados pelos consumidores, pois havia o entendimento que representariam um barateamento consistente dos preços praticados. Este cenário, porém, não se confirmou até o momento. Embora os livros digitais dispensem os custos de papel, gráfica, logística para distribuição e armazenamento, outros custos foram agregados ao produto, como a diagramação, o uso de formatos apropriados aos livros digitais, principalmente o ePub, as ferramentas de DRM (*Digital Rights Management*) e as indefinições sobre os impostos sobre os livros, visto que as discussões sobre o tema ainda estão em curso.

Na Europa, por exemplo, existe o VAT (*Value-Added Tax*) ou o GST (*Goods & Services Tax*). Em pesquisa realizada pela *International Publishers Association*

(IPA) e pela *Federation of European Publishers*⁵⁵, em 2015, foi constatado que a média de imposto recolhido para livros impressos é de 5,75%, enquanto para livros digitais é de 12,25%, representando impostos dobrados ao segundo conjunto. Dos 79 países pesquisados, 53 (69%) recolhem impostos sobre os livros digitais. Os livros impressos apresentam isenção ou baixos impostos na maioria dos países, visto que são produtos culturais e educacionais, cujo acesso deve ser favorecido pelos governos, que os consideram ferramentas para aquisição e transferência de conhecimento. Esta situação, porém, ainda não foi amplamente estendida aos livros digitais, que ainda recolhem impostos superiores em relação ao papel.

Nos Estados Unidos as taxas sobre os livros digitais são definidas pelos estados, com parte deles optando pela isenção de impostos, enquanto outros consideram a cobrança na comercialização de quaisquer produtos digitais e não somente para livros.

No Brasil um projeto de lei encontra-se em tramitação na Câmara dos Deputados visando atualizar a Lei no. 10.753, de 30 de outubro de 2003, que institui a Política Nacional do Livro, alterando a definição de livro e equiparando-o ao livro impresso, que acarretaria em isenção tributária.

Em pouco tempo diversas empresas passaram a oferecer os serviços de aluguel ou assinatura, porém, alguns destes movimentos resistiram por curtos períodos e já encerraram suas atividades.

Dentre os desafios observados pelas empresas que oferecem os serviços de aluguel ou assinatura de livros digitais, além dos altos preços praticados, apresenta-se a forte concorrência da *Amazon*, que subsidia os custos e promove em muitos casos a gratuidade no acesso de publicações lançadas por autores que utilizam a ferramenta de auto-publicação disponibilizada pela empresa, ou ainda, com o intuito de favorecer a venda do dispositivo de leitura Kindle. Indefinições relacionadas à comercialização em âmbito global, com revendedores impedidos de vender títulos fora dos países onde foram definidos os contratos com autores e editores contribuem com estas dificuldades. Destaca-se também a pouca flexibilidade dos editores, que desejam receber a remuneração total de suas obras, sem fracionar os ganhos de acordo com as proporções lidas de seus títulos, além da não oferta de lançamentos ao conjunto de títulos oferecidos. Recentemente, um dos serviços viu-se obrigado a aumentar os custos a seus assinantes que consumiam obras de ficção e outros gêneros populares, como autoajuda por exemplo, devido dificuldades em subsidiar a leitura dos consumidores que são leitores vorazes.

Mas será que este modelo de assinatura realmente aplica-se para livros? Pode ser que não. Primeiramente porque o consumo de música, filmes e seriados – os primeiros atendidos por estes modelos - é diferente do de livros. Os produtos

⁵⁵ INTERNATIONAL PUBLISHERS ASSOCIATION; FEDERATION OF EUROPEAN PUBLISHERS. **VAT/GST on books & e-books: an IPA/FEP global special report**. 2015. Disponível em: <http://www.internationalpublishers.org/images/VAT2015.pdf>. Acesso em: 4 Out. 2015.

destes segmentos são curtos, com canções possuindo, em média, quatro minutos, seriados variando de trinta minutos a uma hora e filmes com duas a até quatro horas de duração. Portanto, o consumo destes produtos é rápido, permitindo que o usuário possa usufruir de diversos itens durante a vigência do serviço. Outro fator a ser considerado é o esforço necessário. A leitura, mesmo que a de lazer, exige maior concentração que escutar canções ou assistir filmes. Normalmente a leitura exige um ambiente apropriado, com poucas interrupções ou ruídos, embora existam leitores que não necessitam de silêncio absoluto. O ato de ler é, em sua maioria, solitário e não coletivo, afinal diversas pessoas podem sentar-se para assistir a um filme juntas, porém a velocidade de leitura não é igual entre todos, assim como seu grau de envolvimento e concentração. Escutar música ou assistir programas e filmes na televisão são ações passivas, que exigem pouco esforço dos usuários, diferentemente do que ocorre com livros.

A música e o mercado televisivo passaram a receber remuneração por fragmentos de produtos, com o licenciamento ocorrendo sobre as canções ou episódios adquiridos de forma avulsa, sem a obrigatoriedade de comprar álbuns ou temporadas completas.

Existem livros que podem ter sua comercialização realizada de forma fragmentada, principalmente nos meios acadêmicos e corporativos. Em faculdades e universidades é comum os professores criarem pastas e disponibiliza-las em copiadoras, facilitando o acesso aos estudantes ao reunir em um único local a literatura recomendada a cada disciplina; mas observa-se que o mercado editorial ainda não está efetivamente considerando o pagamento da leitura parcial, embora alguns movimentos de licenciamento de capítulos venham sendo implementados por agregadores de conteúdo, nitidamente testando outras formas de remuneração.

Ainda não é claro a atuação dos serviços de aluguel ou assinaturas em relação às bibliotecas. Diversas instituições já possuem livros digitais em seus acervos e a tendência é a ampliação da oferta dos títulos disponíveis, principalmente do material protegido por direitos autorais.

A inclusão de livros digitais iniciou-se nas bibliotecas universitárias e foi, paulatinamente, expandindo às corporativas, públicas e escolares. Este movimento também é observado no Brasil, embora a quantidade de títulos disponíveis em português para bibliotecas ainda não seja tão extensa quanto a oferta em livrarias virtuais. O modelo de negócio de Assinatura permite a inclusão de pacotes de publicações, nem sempre com a biblioteca tendo autonomia para selecionar os títulos desejados. Independentemente de quem seja o fornecedor da obra, sua leitura será realizada por meio de plataforma, podendo exigir ou não o acesso à Internet durante a leitura, ou ainda controlando a quantidade de acessos simultâneos que podem ser praticados pelos usuários de acordo com a forma de licenciamento que foi definida na contratação.

As bibliotecas possuem a missão de preservar seu acervo e disponibiliza-lo para consulta, garantindo o acesso à informação, sem custos aos usuários. Bibliotecas não alugam livros, mas os emprestam, sem cobrança de taxas ou impondo limite de quantidade de obras que podem ser consultadas. Algumas instituições realizam cobrança de multas caso a entrega de publicações seja realizada com atraso, mas esse fato é inexistente com livros digitais, uma vez que eles não são entregues com atrasos, com o título sendo excluído do dispositivo do usuário ao finalizar o prazo de circulação. As bibliotecas podem limitar a quantidade de livros que são emprestados ao mesmo usuário simultaneamente, mas seu objetivo é que os itens presentes no acervo sejam utilizados, favorecendo a maior quantidade possível de leitores.

Os serviços de assinatura ou aluguel podem ser mais uma oferta de fornecedores às bibliotecas, porém devem permitir algumas flexibilidades como:

- Incluir os registros contratados no catálogo online, consolidando o OPAC (*Online Public Access Catalogue*) como o ponto de descoberta das obras digitais licenciadas. Para que ocorra a inclusão dos títulos, os mesmos devem ser fornecidos no formato MARC (*Machine-Readable Cataloguing*), facilitando a importação de metadados;
- Respeitar e dar autonomia à biblioteca para regular os períodos de circulação, de acordo com sua política;
- Praticar preços competitivos;
- Facilitar o acesso ao conteúdo aos usuários, com plataformas que não exijam a leitura conectada;
- Ter condições acessíveis para o uso simultâneo dos títulos licenciados;
- Permitir aos usuários a consulta e leitura dos livros digitais fora do espaço da biblioteca, com validação do usuário por meio de integração com sistemas de gestão de acervos ou uso de VPN (*Virtual Private Network*), por exemplo;
- Ter opção de alterar o modelo de negócio dos títulos que a biblioteca deseja manter no acervo por tempo indeterminado aplicando, por exemplo, a Aquisição perpétua;
- Poder oferecer aos usuários a possibilidade de aquisição dos títulos digitais, preferencialmente comissionando a biblioteca por transações comerciais realizadas pelos usuários, resultando em melhores condições no momento de renovação do serviço ou expansão da oferta de títulos.

Os serviços de aluguel de livros digitais não precisam ser encarados como uma concorrência às bibliotecas, mas podem vir a ser mais uma opção de

licenciamento de publicações e ampliação da oferta de leitura. Os custos pelo serviço não devem ser repassados aos usuários finais, afinal isto fere a missão das bibliotecas, onde as informações estão disponíveis de forma gratuita, favorecendo a circulação do conhecimento.

É preciso aguardar o amadurecimento deste modelo de negócio para poder analisar se o aluguel para livros digitais será uma opção interessante em termos de quantidade de títulos e investimento, ou se este modelo tornar-se-á apropriado somente aos produtos digitais de consumo rápido e passivo, como músicas, filmes e programas de televisão.

A única certeza que temos é que o cenário dos livros digitais está em estabelecimento, com possibilidades de licenciamento sendo testadas, assim como as opções e formas de acesso. A biblioteca não pode aguardar silenciosa este processo e deve posicionar-se na forma de garantir sua autonomia para formar coleções e emprestar seus títulos a seus usuários e a outras instituições (empréstimos entre bibliotecas), preservando seu papel de disseminação e preservação da informação. Deve lutar pela oferta de títulos para licenciamento a preços acessíveis e justos, permitindo, assim, a formação e ampliação dos acervos híbridos, onde as obras digitais podem conviver com as impressas, atendendo demandas variadas dos usuários.

Pode ser que este serviço seja apropriado para segmentos de bibliotecas como as universitárias e as corporativas, cujo consumo de capítulos pode mostrar-se interessante, desde que a remuneração pelo uso seja feita de forma proporcional, não repassando os custos da leitura da obra completa, mas pagando somente pelo material que foi utilizado.

É necessário aguardar a acomodação dos fornecedores e as possibilidades de contratação que existem e as que e vão surgir na economia digital, com a biblioteca posicionando-se perante os fornecedores, ocupando sua área de atuação e mantendo seu papel social, cultural e educacional perante a sociedade.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-V>

Liliana Giusti Serra é doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestre em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo e graduada em Biblioteconomia pela Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo. É profissional da informação na Prima.

Faça a biblioteca acontecer fora da biblioteca

Michelângelo Mazzardo Marques Viana

Mobilidade, conforme definição no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (MOBILIDADE, 2009) é a “característica do que é móvel ou do que é capaz de se movimentar”, ou seja, de mudar de posição no espaço. Partindo desse conceito, prover a mobilidade em bibliotecas significa permitir ao usuário acessar informações, obter ajuda do bibliotecário ou utilizar os seus diferentes serviços mesmo quando está fora da biblioteca ou quando está em movimento.

Pensemos em três situações que podem tranquilamente ocorrer nos dias de hoje. Na primeira delas, um estudante de uma universidade está realizando o seu curso a distância, em uma localidade diferente da que a biblioteca se encontra e precisa ler um artigo indicado na aula. Na segunda, um pesquisador da área de botânica está realizando uma pesquisa de campo em uma floresta e precisa de orientação urgente de um bibliotecário para pesquisar em um livro sobre plantas silvestres. E na terceira, uma pessoa da comunidade está dentro da biblioteca e deseja ler um livro eletrônico com o seu *tablet*, sentado em um dos sofás. O que essas três pessoas têm em comum? As três são usuários legítimos, que precisam de informações e orientações providas por bibliotecas. Quando uma biblioteca é capaz de atender esses tipos de demandas ela está aplicando o conceito de mobilidade.

No passado distante, as bibliotecas mantinham seus acervos e ofereciam serviços somente dentro de suas paredes. As pessoas precisavam ir até a biblioteca para obter qualquer tipo de informação ou assistência. E foi assim por muito tempo. Somente há algumas décadas que surgiram as primeiras ações no sentido de permitir que as necessidades do usuário fossem atendidas fora das bibliotecas. A principal foi permitir o empréstimo domiciliar, quando o mercado editorial surgiu e permitiu às bibliotecas comprarem diversos exemplares de uma mesma obra. Uma outra, muito importante, foi quando as bibliotecas começaram a ter aparelhos telefônicos, que permitiam – e permitem até hoje – que o usuário recebesse ajuda “a distância”.

Para citar outro exemplo: no SNBU de 2014 Briquet de Lemos mencionou que, durante a Guerra do Vietnã a Biblioteca do Exército americano (atual Biblioteca Nacional de Medicina, conhecida pela sigla NLM em inglês) enviava cópias de artigos em microfilme, por solicitação dos médicos que estavam no campo de batalha, para manterem-se atualizados e atender os pacientes feridos.

Antes da chegada dos microcomputadores e da Internet aberta na década de 1980, a mobilidade estava restrita, basicamente, ao uso de documentos – livros em sua maior parte, fora da biblioteca e à assistência por telefone.

As revoluções que permitiram ampliar a mobilidade em bibliotecas

Com o início da utilização de microcomputadores pessoais e em seguida da Internet, no início dos anos 1990, é que ocorreu a primeira grande revolução, que está permitindo que um número cada vez maior de informações – textos, imagens, vídeos – possam ser acessadas fora da biblioteca, além da possibilidade de contato mais rápido com os bibliotecários. Isso está trazendo de fato a mudança de paradigma tão suscitada nas escolas de Biblioteconomia na década de 1990: do “acervo para o acesso” e “da presença física para a presença virtual”.

Hoje estamos vivenciando nas bibliotecas a segunda grande revolução, possibilitada por duas invenções: a primeira delas foi o acesso à Internet através de telefones celulares, desde quando foi criado em 1993 o sistema de transmissão de dados “TDMA” (*Time Division Multiple Access*, ou “Acesso Múltiplo por Divisão de Tempo”), conhecido também como “2G”, que passou a permitir *download* e *upload* de dados, não apenas de voz através de telefones celulares; e a segunda delas foi o acesso à Internet sem fios, ou “Wi-Fi” (*Wireless Fidelity* ou “Fidelidade Sem Fios”), quando foi criado em 1997 o sistema IEEE 802.11. Essas duas invenções definitivamente libertaram as pessoas de lugares “fixos” para acessar a Internet, permitindo o seu uso estando em movimento: caminhando, andando em veículos e mais recentemente até em aviões. Tudo bem, há quem diga que com *notebooks* que acessam a Internet via 3G ou Wi-Fi já era possível acessar a Internet em movimento, mas convenhamos: ninguém fica caminhando e usando o notebook ao mesmo tempo.

A terceira revolução foi a popularização de aparelhos conhecidos como “dispositivos pessoais móveis” com tela sensível ao toque (*touchscreen*): os *smartphones* (2007) e os *tablets* (2010). Agora sim podemos caminhar e intercambiar informações ao mesmo tempo.

A mobilidade também pode ser percebida sob outro aspecto: quando os serviços da biblioteca são prestados fora dela, como por exemplo a instrução dada por um bibliotecário para alunos dentro da sala de aula de um colégio ou faculdade, ou mesmo quando parte de uma coleção física é “transportada” em veículos (ou

mesmo animais) para consulta ou empréstimo pela comunidade ou colocada à sua disposição na rua, em pontos de ônibus, dentro de ônibus, em estações de trem ou mesmo táxis, [como recentemente começou a ser feito na cidade onde eu moro, Porto Alegre-RS](#) (LUCCHESE, 2015).

A mobilidade em bibliotecas, no seu sentido mais amplo, permite atender de forma qualificada a quarta Lei do pensador indiano Shiyali Ramamritam Ranganathan (1892-1972): “poupe o tempo do leitor”, pois permite que ele use a biblioteca sem perder seu tempo em ter que se deslocar até ela. Eu me arriscaria a dizer que, dada a evolução atual da mobilidade, poderia haver uma “sexta lei”: a biblioteca é um organismo onipresente. Essa forma de pensar muda, sobremaneira, a visão que as pessoas têm das bibliotecas e do papel que os bibliotecários, gestores e seus funcionários de maneira geral exercem (ou deveriam exercer) junto aos seus usuários.

E agora, bibliotecário?

Sim, promover a mobilidade é importante, mas o que é preciso? O principal para o bibliotecário é ter a capacidade de perceber as potenciais e reais necessidades dos usuários e discernimento para desenhar a solução mais adequada dentre todas as disponíveis, sempre com total consciência da sua aplicabilidade ao público atendido, da capacidade de investimento de recursos humanos e financeiros da instituição a que a biblioteca pertence, dos possíveis parceiros para cada projeto e da sua relação custo-benefício. Digo isso porque nem todas as soluções servem para todas as pessoas. Algumas soluções são muito caras comparadas com o benefício que representam e outras não são adequadas à cultura do seu público. Pense, por exemplo, na situação de disponibilizar uma coleção de livros eletrônicos acadêmicos de acesso on-line para uma comunidade carente que não possui nem os equipamentos necessários nem acesso rápido à Internet (quando existe). Será um investimento caro e com baixíssimo uso. Nesse caso seria muito mais adequado levar uma caixa-estante ou mesmo promover uma hora do conto para as crianças.

Fazendo a mobilidade acontecer

“Sou bibliotecário e quero aplicar a mobilidade na minha biblioteca. Como eu posso fazer isso?”. Elencarei a seguir algumas das iniciativas que eu conheço, categorizando-as entre mobilidade fora da biblioteca e mobilidade dentro da biblioteca. Como você perceberá, nem todas as soluções de mobilidade necessitam de algum tipo de tecnologia eletrônica, pelo contrário, a maioria delas não precisa.

Mobilidade fora da biblioteca:

- Empréstimo domiciliar de todos os materiais do acervo;
- Empréstimo entre bibliotecas;
- Serviço de comutação bibliográfica;
- Caixa-estante itinerante;
- Biblioteca na praia;
- Caixas-biblioteca (pontos de leitura) espalhados pela cidade;
- Estantes nos ônibus urbanos da cidade;
- Ônibus-biblioteca com computadores, livros e mesas para leitura;
- Estante em ponto de ônibus, estação do metrô ou trem;
- Cabine de Leitura;
- Livros avulsos em locais públicos (*Book Crossing*);
- Carro-biblioteca;
- Bicicloteca;
- Bambucicloteca;
- Poste-estante;
- Biblio-jegue ou jegue-livro;
- Biblio-táxi;
- Hora do conto junto à comunidade;
- Publicar um website que indique como chegar na biblioteca, telefone, e-mail, liste serviços e forneça instruções completas de como utilizá-los. Atualmente com a diversidade de serviços on-line gratuitos e fáceis de usar para publicar um website, não existe mais desculpa para não o ter;
- Serviço de “acesso remoto” (*proxy IP*), para o usuário acessar os conteúdos eletrônicos *on-line* assinados pela biblioteca (livros, periódicos, vídeos, bases de dados...) a partir de conexões fora da instituição através da Internet;
- Acesso ao catálogo (ou ferramenta de descoberta) de forma on-line através da WWW;

- Gravar em vídeo uma visita guiada à Biblioteca e também treinamentos. Depois disponibilizá-los em plataformas públicas na WWW (YouTube, Vimeo...);
- Prestar o serviço de referência através de *chat* (texto e/ou vídeo);
- Enviar boletim com novidades sobre recursos, espaços, serviços... através de *e-mail marketing*;
- Enviar notícias curtas com avisos/situação do usuário através de SMS;
- Ativar um *smartphone* para receber mensagens dos usuários através do WhatsApp;
- Criar uma *fanpage* no Facebook para divulgar novidades, recursos, serviços e espaços da biblioteca, além de ser um canal adicional para comunicar-se diretamente com os usuários;
- Prestar instrução de pesquisa bibliográfica, normalização etc. para alunos em sala de aula (colégios ou faculdades);
- Participar de grupos de pesquisa em programas de pós-graduação em faculdades, para auxílio em suas pesquisas científicas;

Mobilidade dentro da Biblioteca:

- Disponibilizar microcomputadores para uso da Internet e produção de trabalhos acadêmicos em diversas áreas dentro da biblioteca, não apenas em uma sala ou espaço único;
- Prover pontos de acesso à Internet sem fio (Wi-Fi) nas áreas de estudo e leitura;
- Adquirir e permitir empréstimo de notebooks, *tablets* e leitores de livros eletrônicos (*e-readers*) para uso dentro da biblioteca – ou mesmo fora dela;
- Prover website e catálogo/ferramenta de descoberta com “*design* responsivo”, para que o usuário os acesse através de seu *smartphone* ou *tablet*. “*Design* responsivo” é uma técnica moderna de construção de interfaces para a WWW (baseada principalmente no *Bootstrap* criado pela equipe do Twitter) que permite que o website automaticamente ajuste-se à tela do dispositivo que o acessa, seja um monitor de computador ou notebook, uma tela de um *tablet* ou a pequena tela de um *smartphone*. Ao adotar essa técnica a biblioteca otimiza a criação e manutenção de interfaces: atualmente não é mais necessário criar uma versão para computador e outra para celular, como era feito antes, nem mesmo criar um “aplicativo” para *smartphone/tablet*, desde que o website seja “responsivo”;

- Se for desejado criar um aplicativo da biblioteca para *smartphone* ou *tablet* (ver item anterior), crie pelo menos para dispositivos com sistema Android e IOS (iPad/iPhone) e tente colocar o mesmo tipo de serviços que colocaria no website, para criar uma experiência única;
- Divulgar aos usuários aplicativos para *smartphones/tablets*. Tanto os “apps” para acesso à informação (exemplo: bases de dados, mapas) e produtividade (exemplo: gerenciamento de referências);
- Prover estantes pequenas com rodas e chaves, para os pesquisadores temporários guardarem documentos durante o período em que estiverem realizando seus estudos (um semestre, por exemplo). Assim, essas estantes podem ser levadas pelo pesquisador para qualquer sala de estudo quando vierem à biblioteca;
- Prover bancos acionados via RFID (“*take a seat*” *robotic chair*) que “seguem” o usuário pela biblioteca, para que ele possa sentar-se no lugar que desejar (OK, esse banco é apenas um conceito e não está à venda, mas existe sim).

A mobilidade das bibliotecas está sendo muito percebida pelo público em geral principalmente porque há cada vez mais livros on-line, os *e-books*. Mas apesar de estar ocorrendo um aumento na publicação de livros em formato eletrônico a sua adoção ainda não está difundida em todas as bibliotecas do país. Atualmente o mercado dos editores que trabalham com bibliotecas no Brasil está muito concentrado nas universitárias e com pouca oferta de conteúdo em língua portuguesa (a maior parte dos títulos é em inglês). Acredito que em breve os editores passarão a oferecer mais *e-books* em língua portuguesa e também para outros tipos de bibliotecas, como às escolares e mesmo às públicas. Nos Estados Unidos já há algumas iniciativas nesse sentido, como a *OverDrive*, ou a *3M Cloud Library*. Uma ideia seria a assinatura (ou compra) em lote de uma coleção de *e-books* em português de literatura por um sistema estadual de bibliotecas, para uso por todas as escolas públicas do estado. Dessa forma o preço será menor e a sua utilização será ampla.

Como eu vislumbro a mobilidade em bibliotecas no futuro?

O constante avanço das tecnologias telepresença permitirá ter a presença holográfica de um bibliotecário em qualquer lugar para prestar assistência em tempo real, simulando a experiência real de atendimento pessoal; ou quem sabe algum software com inteligência artificial fará esse papel no lugar do bibliotecário? Quem já viu o filme “Eu, Robô” sabe do que estou falando.

Com o aumento de capacidade de interpretação da linguagem natural e da interoperabilidade entre dispositivos móveis e sistemas de bibliotecas, os usuários

passarão a ter verdadeiros assistentes de biblioteca pessoais “no seu bolso”. Poderão, de qualquer lugar do planeta: pedir ao dispositivo para renovar seus livros da biblioteca, fazer buscas no catálogo e baixar o texto completo, verificar se existem reservas etc.; e dentro da biblioteca, com a geolocalização cada vez mais precisa (com margem de erro em centímetros em vez de metros), poderão descobrir onde está na estante um livro localizado no catálogo, onde fica a sala de estudos livre mais próxima, onde fica o banheiro... com uma indicação visual do caminho na tela do dispositivo usando setas sobrepostas aos espaços de circulação, através da realidade aumentada. Será algo semelhante ao que é feito com aparelhos de “GPS” usados em automóveis, mas muito mais preciso.

Com base na experiência do usuário ao realizar pesquisa bibliográfica na Internet e nos catálogos ou ferramentas de descoberta e leituras on-line, os sistemas perceberão cada vez melhor os gostos e interesses das pessoas. Assim passarão a enviar pró-ativamente os links para acesso aos textos e vídeos que precisam para suas pesquisas, antecipando as suas necessidades ou desejos de informação, como hoje já ocorre no comércio de mercadorias e serviços (você duvida? Então comece a pesquisar no Google sobre um determinado tipo de eletrodoméstico e em alguns dias você passará a ver anúncios dele nos sites que visita e também passará a receber ofertas por e-mail).

Será também cada vez mais fácil mudar uma biblioteca completa e inteira de lugar – com livros, mesas, cadeiras, sofás, computadores, acesso rápido à Internet – para atender de forma itinerante e temporária, diversas comunidades de uma cidade ou região.

Essas são apenas algumas ideias. Quantas mais você tem?

REFERÊNCIAS

LUCCHESI, Alexandre. Bibliotáxi: projeto transforma táxis da Capital em bibliotecas sobre rodas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/09/projeto-transforma-taxis-da-capital-em-bibliotecas-sobre-rodas-4854435.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

MOBILIDADE. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-X>

***Michelângelo Mazzardo Marques Viana** é bibliotecário pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e administrador de empresas com ênfase em Análise de Sistemas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde atualmente é Coordenador de Sistemas da Biblioteca Central.*

O periódico científico 350 anos depois

Moreno Barros

Em meados do século XVII, o surgimento dos primeiros periódicos científicos tentava resolver deficiências na troca de cartas manuscritas, prática comum entre os cientistas e pensadores da época. Embora as cartas fossem a tecnologia mais avançada disponível então para divulgar descobertas e novidades, elas normalmente só circulavam entre remetente e destinatário, exigiam esforço permanente para a reprodução e distribuição e, sobretudo, eram transações lentas.

Os primeiros periódicos científicos nada mais eram do que compilações dessas cartas dispersas, mas elaborados por uma nova tecnologia disponível, a prensa de tipos móveis. A partir deste advento, a forma de comunicação escrita podia ser conduzida em escala industrial, e assim, em substituição às cartas manuscritas que circulavam de ponto a ponto e que não eram abertas ao público, nasce o artigo científico homogêneo e padronizado, com formato de apresentação em um número de páginas que atendia as exigências do novo modelo de produção editorial.

O periódico científico se aprimorou rapidamente, incorporando ao longo dos anos características fundamentais da ciência moderna, como o processo de submissão, de avaliação por pares e o calendário de publicação, representando uma dramática transformação no modo como os cientistas se comunicavam uns com os outros. Mas pulando para o nosso tempo, 350 anos desde a primeira edição do *Journal des sçavans*, ainda existem dois problemas que os periódicos científicos não conseguiram resolver.

O primeiro é o intervalo de tempo desde a submissão do artigo até sua publicação, pelo menos na medida em que se trata de uma consequência do desequilíbrio entre o volume de trabalhos científicos produzidos e os canais disponíveis para publicação: há mais cientistas escrevendo artigos do que revistas capazes de escoar esta produção. Esse funil cria um processo de comunicação lento

entre editores, revisores e autores. No caso dos periódicos impressos, adicione também o tempo despendido nos processos tradicionais de impressão e distribuição.

Pesquisadores trabalhando com tópicos emergentes e que se desatualizam com rapidez não podem se dar ao luxo de esperar por meses ou anos até que o resultado de seus trabalhos seja tornado público em um periódico importante de suas áreas de pesquisa. Um artigo publicado com tanto atraso pode perder o potencial de ineditismo e originalidade, uma vez que todos os demais sistemas de mídia estão atualizando descobertas e novidades em tempo real. Isso sem mencionar o risco de soluções reais para problemas prementes estarem sendo brecadas pelo processo editorial tradicional.

Nesse sentido, a publicação eletrônica online deveria ser um alento, tornando desnecessário o conceito de edição: artigos agrupados e enviados para os leitores em intervalos sistemáticos. Nosek e Bar-Anan (2012) explicam que as edições são disfuncionais para a comunicação digital, porque elas introduzem um atraso de publicação irrelevante entre a aceitação e disponibilidade do artigo. Independente do volume de submissões, o número de artigos publicados é praticamente o mesmo na maior parte das revistas científicas. Ou seja, poderíamos ter fascículos com poucos artigos seguidos por outros com muitos, repletos de páginas, ou vice-versa, dependendo da quantidade de submissões. Mas a decisão editorial atual, enquadrada no modelo de edição tradicional, observa que a revista recebe tantos pedidos que mesmo artigos considerados bons precisam ser rejeitados.

Em algumas áreas, como a Física, trabalhos já são oferecidos digitalmente tão logo sejam aceitos para publicação, levando-os, assim, a estarem disponíveis para bibliotecas e assinantes dos serviços de bases de dados meses antes de aparecer na versão em papel ou na edição eletrônica.

O segundo problema, menos óbvio, mas importante para a manutenção da estrutura da ciência, é a pressão das revistas sobre os autores para condensar o trabalho de pesquisa em um artigo de quinze ou vinte laudas. Limites de página são uma restrição despercebida na comunicação científica e a publicação eletrônica deveria ter eliminado para sempre este padrão estabelecido de apresentação e leitura de artigos científicos.

O número de artigos que podem ser aceitos em um periódico é limitado pelo número de páginas que a editora está disposta a imprimir. Essa é uma premissa dos primeiros periódicos científicos concebidos para distribuição em larga escala. Como a impressão é cara, os editores racionalmente mantêm restrições sobre o número de artigos publicados para obter uma margem de lucro ou se ater aos custos de produção.

Pound (2013) argumenta que sistemas científicos baseados na lógica das revistas impressas utilizam uma forma rigorosa de filtragem para garantir qualidade e

retorno sobre o investimento. O conhecimento impresso é, por definição, seletivo e escasso. Isso torna o processo de comunicação científica um gargalo intelectual, considerando o volume do que é publicado todos os anos. Obviamente, a internet não é gargalo, é o oposto, então deveríamos tomar proveito dela.

A web foi criada como uma ferramenta para comunicação acadêmica, e embora tenha mudado dramaticamente muitas indústrias, ainda não revolucionou a publicação científica como poderia. O periódico científico foi construído sobre uma base logística de cavalos e barcos, em torno do fornecimento de tinta e papel. O problema é que os editores, e, em certa medida, os autores, estão tratando a internet como uma espécie de melhor tinta de impressão ou cavalo mais rápido (PRIEM, HEMMINGER, 2012) e não estão realmente explorando as possibilidades que ela oferece para alterar a forma como a comunicação científica é realizada.

O periódico de revisão por pares é o produto de quase 350 anos de reprodução seletiva, primorosamente ajustada para oferecer o melhor desempenho possível do mundo baseado em papel (PRIEM, 2013). Mas a web tem mudado nosso ambiente de informação e já não é o habitat onde o periódico evoluiu. As estratégias adotadas pelo processo de publicação científica remetem ao período de sua criação e refletem as limitações do veículo impresso, tradicionalmente utilizado para a preservação e comunicação do conhecimento.

A implicação direta de um modelo baseado em abundância, e não escassez, é que em vez de procurar razões para rejeitar um artigo ou passar o tempo comparando trabalhos, o papel dos revisores científicos passaria a ser avaliar se cada submissão é razoavelmente capaz de atender os critérios da veiculação pública, agregando o julgamento de especialistas, sem a responsabilidade de torná-lo definitivo. Uma espécie de selo de autoridade leve, ou apenas um primeiro selo.

Esta proposta de publicar primeiro, filtrar depois, é passível de críticas e requer ajustes, mas a transformação essencial é que em um modelo onde a publicação precede a filtragem, a classificação dos periódicos científicos e competição por publicar perde sentido, derrubando toda a dinâmica de autoridade e recompensas que o sistema de publicação hoje engloba. Em consequência, estará aberta uma oportunidade para repensar modalidades de certificação e impacto, e o potencial de envolver ainda mais pessoas, especialistas e leigos, no processo de decisão qualitativa dos produtos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

NOSEK, Brian, BAR-ANAN, Yoav. Scientific utopia: I. Opening scientific communication. **Psychological Inquiry**, v. 23, n. 3. 2012. Disponível em: <<http://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1205/1205.1055.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

POUND, Scott. Amodern 1: The Future of the Scholarly Journal. **Amodern**, 2013. Disponível em: <<http://amodern.net/article/the-future-of-the-scholarly-journal/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

PRIEM, Jason; HEMMINHER, Bradely. Decoupling the scholarly journal. **Frontiers in computational neuroscience**, v. 6, April 2012. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3319915/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

PRIEM, Jason. Scholarship: Beyond the paper. **Nature** v. 495. 2013. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/journal/v495/n7442/full/495437a.html>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-Z>

Moreno Barros é doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal Fluminense. Atua como bibliotecário na biblioteca do Centro de Tecnologia da UFRJ.

Quem lê, cita? Ensaio comparativo entre os dados do Mendeley e do Google Acadêmico

Ronaldo Ferreira de Araújo

Depois do alívio de concluirmos uma etapa de nossa formação ao entregarmos o destemido trabalho de conclusão de curso, monografia, dissertação, tese ou mesmo após o envio de um artigo científico para publicação em determinada revista é comum pensarmos: “será que alguém vai ler?”.

Assim como a leitura foi a base para as reflexões que tivemos – pelo acúmulo de conhecimento produzido sobre o assunto que estudávamos – dado o caráter “comunitário” da construção do saber, quem é que não espera, assim como consultou várias fontes, se tornar uma a ser consultada para trabalhos futuros.

A lista de obras consultadas, que geralmente se localiza no final dos nossos textos materializa o reconhecimento do pensamento que nos antecederam e são ricas fontes para estudos métricos tradicionais da ciência e da comunicação científica, como os estudos bibliométricos e as análises de citação.

Os atuais recursos da web social que possibilitam a produção e o compartilhamento de conteúdos de maneira fácil e dinâmica constituem-se fortes aliados ao processo de comunicação e divulgação da ciência. O novo cenário que se apresenta demanda um olhar sobre os impactos sociais de resultados de pesquisa que antecedem as medidas tradicionais dessa produção.

Assim, é possível perceber que resultados de pesquisas recém-publicadas têm atraído à atenção online dos mais diversos públicos e são mencionados, comentados e avaliados em ambientes digitais como blogs e outras mídias sociais bem antes de serem citados ou mesmo que não sejam.

Os dados gerados por essa prática têm sido chamados de altmétricos e passam a ser considerados como métricas alternativas, no campo da altmetria. Em Outro momento escrevi sobre como os bibliotecários, que sempre auxiliaram profissionais,

professores e pesquisadores em atividade de pesquisa e indicação de fontes, podem dar suporte a esse mesmo público manejo dessas novas métricas (ARAÚJO, 2015a).

O questionamento quanto à correlação entre as métricas alternativas e as tradicionais como as de citação é recorrente entre os estudiosos desse novo campo (PRIEM; PIWOWAR; HEMMINGER, 2012; THELWALL, 2014; ARAÚJO, 2015b) e dentre as várias mídias sociais que fornecem novas métricas para artigos científicos, como o Facebook, o Twitter, a acadêmica e de gerenciamento de referências Mendeley⁵⁶ tem ganhado destaque (MAFLAHI; THELWALL, 2015; ARAÚJO, 2015c).

Para Mohammadi, Thelwal e Kousha (2015) salvar itens na biblioteca do Mendeley conta como uma indicação de leitura, uma vez que segundo os autores a maioria dos usuários desse dispositivo informacional tinha lido ou pretendia ler pelo menos metade de suas publicações marcadas.

Em minha opinião, a novidade de considerá-lo na análise da comunicação científica, seja de forma comparativa ou não com métricas tradicionais é que ele aproxima destas, dados de leitura, que são geralmente desconsiderados em estudos de citação. Embora se saiba que citamos textos previamente lidos, dados de leitura nunca foram considerados como indicador de impacto, alcance e possíveis citações para os estudos bibliométricos.

Com base nessas breves considerações, para este ensaio, eu procurei levantar alguns “dados de leitura” e verificar possíveis correlações destes com dados de citação na análise desse conjunto de dados.

Assim como outra mídia social, o Mendeley permite ao usuário (leitor) criar seu perfil e adicionar informações básicas, que no caso desse dispositivo em questão se refere a sua caracterização quanto à área de atuação, perfil acadêmico e país de origem. Quanto ao item, a publicação marcada, é possível saber o título, a autoria, o periódico, volume, número e o ano da publicação, resumo, palavras-chave e o tipo de acesso (restrito ou aberto). O usuário pode adicionar etiquetagem social ao artigo “qualificando” melhor o item na biblioteca.

Busquei o mínimo de rigor metodológico para trilhar o percurso de uma pesquisa exploratória de abordagem quantitativa e descritiva pautada nos estudos da altmetria e da análise de citações. Para a coleta de dados sobre os leitores recorri à busca manual do Mendeley⁵⁷ por artigos sobre “bibliometria”, termo considerado como descritor para a consulta realizada em novembro de 2015. A Figura 1 exemplifica um item no resultado de busca que atende o critério da pesquisa.

⁵⁶ Disponível em: < <https://www.mendeley.com/> >.

⁵⁷ Disponível em: < <https://www.mendeley.com/research-papers/> >

Bibliometria : evolução histórica e questões atuais
 Carlos Alberto Araújo in *Em Questão* (2006)

In this study, the field of knowledge known as bibliometrics is analyzed. First, the three basic laws in the field are reviewed: Lotka's Law of productivity of authors; Bradford's Law of journal dispersion; and Zipf's Law of word frequency, along...

Save reference to library · Related research

193 readers

Figura 1. Exemplo de resultado de busca para “bibliometria” no Mendeley

Quando o item é clicado o sistema expande suas informações e complementa os dados da obra e de leituras que a mesma registra na mídia social. A Figura 2 exemplifica o item expandido.

Bibliometria : evolução histórica e questões atuais
 by Carlos Alberto Araújo

Business Administration › Miscellaneous Papers

Em Questão (2006)
 Volume: 12, Issue: 1, Pages: 11-32
 ISSN: 1808-5245

Find this paper at: ▾

Abstract

In this study, the field of knowledge known as bibliometrics is analyzed. First, the three basic laws in the field are reviewed: Lotka's Law of productivity of authors; Bradford's Law of journal dispersion; and Zipf's Law of word frequency, along with their developments and applications in recent times. The epidemic theory and citations analysis are also reviewed, as well as their contemporary applications, like, for example, advanced research studies and the impact factor. Finally, it analyzes the development of this field of studies in Brazil and current trends, emphasizing the approaches that seek to broaden the scope of studies that have integrated bibliometric methods and distinct theories. KEYWORDS:

Readership Statistics

193 Readers on Mendeley

by Discipline

- 36% Business Administration
- 16% Computer and Information Science
- 12% Engineering

by Academic Status

- 33% Student (Master)
- 12% Student (Bachelor)
- 10% Student (Postgraduate)

by Country

- 20% Brazil
- 3% Portugal
- 1% Mexico

Tags

- análise de citação
- análise de citações
- bibliometria
- Bibliometria
- Bibliométria
- Bibliometria. Lei de Lotka. ...
- Bibliometrics
- Bibliometry
- Bradford
- Bradford law

Figura 2. Exemplo de resultado de busca para “bibliometria” no Mendeley (expandido)

O Mendeley registrou 35 páginas de resultado de busca com 694 artigos sobre o tema pesquisado e considerei para análise os artigos que obtiveram mais de 100 leituras (n=42). Para compará-los com dados de citação, os mesmos artigos foram consultados junto ao Google Acadêmico. Só foram contabilizadas citações obtidas a partir de 2008, quando o Mendeley ficou disponível para acesso público.

O artigo mais antigo data o ano de 1965 e os mais recentes de 2013. A maioria (n=30) tem menos de 10 anos de publicação. Os dados sobre as citações

desses artigos foram obtidos junto ao Google Acadêmico. Em conjunto os artigos estão marcados com 9.031 leitores e somam 13.599 citações.

A análise do conjunto das obras marcadas foi bastante interessante, pois relevou os traços característicos dos leitores, ou seja, indicou quais as áreas de formação dos leitores que “taguearam” obras sobre bibliometria. A área de atuação de maior representatividade é *Computer and Information Science* (28%), seguida de *Biological Sciences* (25%), *Social Sciences* (17%) e de *Business Administration* (12%).

Segundo um estudo recente (MOHAMMADI; THELWAL; KOUSHA, 2015) a maioria dos usuários salvam artigos no Mendeley para citá-los em suas publicações futuras, mas alguns artigos também são marcados para uso profissional, ensino e atividades de educação. O perfil acadêmico dos usuários que apresentou uma predominância foi o de *Ph.D. Student - Doctoral Student* (45%), seguido de *Master Student* (24%) e de *Librarians* (9,9%) como destaque profissional. O país de origem também foi verificado e os mais representativos foram *United States* (30%), *Brazil* (24%), *United Kingdom* (16%), *Germany* (9%) e *Spain* (6%). Nenhum dos demais 11 países alcançou mais de 2%.

As revistas *International Journal of Operations & Production Management* e *Scientometrics* se destacaram com cinco artigos cada, seguidas da *Journal of the American Society for Information Science* e da *Nature*, que com quatro e três artigos, respectivamente. A revista *Ciência da Informação* é a única nacional com destaque com dois artigos. Em um estudo anterior (ARAÚJO, 2015c) eu já havia verificado o destaque da revista *Ciência da Informação* no Mendeley entre os periódicos nacionais.

Publicações de acesso aberto tendem a fornecer mais dados altmétricos e de citação que os de acesso restrito (MOUNCE, 2013). Embora na presente análise a maioria fosse de *Restricted Access* (RA=29) contra *OpenAccess* (OA=13), o artigo de J. E. Hirsch (2005) com o maior número de leitores (n=1.420) e de citações (4.440) é um dos poucos de acesso aberto.

Além do mais, sobre o alto número de artigos de acesso restrito, eu tenho que considerar que o Mendeley pode não ser uma mídia muito adequada para analisar a diferença entre AO e RA devido ao perfil de seus usuários que, em sua maioria é composto por acadêmicos (mestrandos e doutorandos) cujo vínculo institucional possibilita acesso mesmo aos non-OA. Embora os artigos mais lidos estejam entre os mais citados, no conjunto dos dados não foi possível aferir essa correlação.

Finalizo pensando que buscar um traço identificador como uma orientação temática para análise de correlação entre métricas alternativas e dados de citação pode contribuir para a qualificação desse tipo de análise. No entanto, tal prática não fornece elementos suficientes para afirmar o tipo de relação que se estabelece,

sendo necessário estudos mais aprofundados com coeficientes de correlação matemática e estatística.

As métricas tradicionais foram construídas a partir de critérios objetivos, quantitativos, e acabam fornecendo dados da 'ciência para a ciência' só sendo contabilizadas no momento em que um autor tem seu trabalho reconhecido por outro expresso no ato de citação (análise de citação).

As métricas alternativas apresentam uma forma mais democrática de se pensar a contribuição do trabalho científico, mas dessa vez, pautada em uma ciência mais aberta que em sua relação com a sociedade compreende os impactos sociais obtidos, no alcance (audiência) e engajamento que geram, mesmo que não resultem em citação.

Se eu fosse responder a pergunta que deu título a este ensaio o óbvio seria dizer que “quem cita, lê, mas nem todos que lêem, citam”, até mesmo porque, a citação é apenas um aspecto da apropriação de uma determinada leitura, sendo um indicador parcial desta. Considero que a altmetria pode e muito nos auxiliar a abrir os olhos para outros indicadores mais condizentes com o momento conectado e imerso a tantos dispositivos informacionais em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. F.. Estudos métricos da informação na web e o papel dos profissionais da informação. **Bibliotecas Universitárias: Pesquisas, Experiencias e Perspectivas**, v. 2, p. 42-64, 2015a.

ARAUJO, R. F.. Da altmetria à análise de citações: uma análise da revista Datagramazero. **DataGramZero - Revista de Informação**, v.16, n.1, fev., 2015b.

ARAUJO, R. F.. Mídias sociais e comunicação científica: análise altmétrica em artigos de periódicos da ciência da informação. **Em Questão**, v. 21, p. 96-109, 2015c.

HIRSCH, J. E. An Index to Quantify an Individual's Scientific Research Output. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America** (102:46), pp. 16569-16572, 2005.

PRIEM, Jason; PIWOWAR, Heather A.; HEMMINGER, Bradley M. Altmetrics in the wild: using social media to explore scholarly impact. **CoRR**, p. 1-17, 20 mar 2012.

THEWALL, M. A brief history of altmetrics. **Research Trends**. n.37, jun., 2014.

MAFLAHI, N; THELWALL, M.. When Are Readership Counts as Useful as Citation Counts? Scopus Versus Mendeley for LIS Journals. **Journal of the Association for Information Science and Technology**. 8 jan., 2015. DOI: 10.1002/asi.23369

MOUNCE, Ross. Open access and altmetrics: distinct but complementary. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 39, n. 4, p. 14-17, Apr./May 2013.

QUER COMPLEMENTAR? VISITE A PÁGINA DESTE CAPÍTULO:

<http://wp.me/P7k4jO-11>

***Ronaldo Ferreira de Araújo** é doutor e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduado em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atua como professor na Universidade Federal de Alagoas.*